

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO  
CURSO DE DOUTORADO**

**CARGAS PSÍQUICAS NO TRABALHO E PROCESSOS DE SAÚDE  
EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**

**JADIR CAMARGO LEMOS**

**Tese de Doutorado**

**Florianópolis  
2005**

**JADIR CAMARGO LEMOS**

**CARGAS PSÍQUICAS NO TRABALHO E PROCESSOS DE SAÚDE EM  
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção

**Orientador: Prof. Roberto Moraes Cruz, Dr**

**Florianópolis**

**2005**

JADIR CAMARGO LEMOS

CARGAS PSÍQUICAS NO TRABALHO E PROCESSOS DE SAÚDE EM  
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor em Engenharia de Produção, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, curso de doutorado.

---

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr  
Coordenador do PPGEF

Banca Examinadora:

---

Prof. Roberto Moraes Cruz, Dr  
Orientador – PPGEF-UFSC

---

Profª Leila Amaral Gontijo, Drª  
PPGEF-UFSC

---

Profª Maria da Graça Jacques, Drª  
UFRGS-RS

---

Prof. Glaycon Michels, Dr  
Moderador

---

Prof. Jones Eduardo Agne, Dr  
UFSM-RS

**AGRADECIMENTOS**

A todos que, de alguma forma, estiveram comigo nessa caminhada;

Ao Roberto Cruz, meu “caríssimo” orientador, pela amizade;

Aos “amigos e amigas” do PSITRAB, pela convivência agradável;

Aos colegas do PMAST, pela oportunidade de aprender um pouco mais;

Às “meninas” do PMAST, pela amizade, atenção e carinho;

Às mulheres da minha vida...Geny, Maria Elaine e Marilú, pelo eterno amor;

Aos meus AMORES... Letícia, Cassiano e Samuel pelo carinho de sempre;

À Simone, pela dedicação e carinho;

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	I
RESUMO.....	III
ABSTRACT .....	IV
1 INTRODUÇÃO .....	1
1.1 Justificativa.....	6
1.2 Objetivos .....	7
1.2.1 Objetivo geral .....	7
1.2.2 Objetivos específicos.....	7
2 REVISÃO DA LITERATURA .....	8
2.1 A Universidade Brasileira e o trabalho docente.....	8
2.2 As cargas de trabalho na atividade docente.....	13
2.3 O estado da arte do conhecimento sobre saúde e trabalho docente .....	21
2.4 Ergonomia, saúde do trabalhador e trabalho docente.....	31
3 MÉTODO.....	38
3.1 Caracterização do estudo.....	38
3.1.1 Caracterização do local e dos ambientes de investigação .....	38
3.2 Caracterização da População e Amostra .....	39
3.3 Procedimentos .....	40
3.3.1 Consulta às fontes bibliográficas.....	40
3.3.2 Pesquisa documental .....	41
3.4 Organização das variáveis do estudo .....	41
3.4.1 Variáveis critério.....	41
3.4.2 Variáveis sócio-demográficas.....	42
3.4.3 Variáveis ocupacionais.....	42
3.4.4 Variáveis ambientais .....	42
3.4.5 Variáveis intervenientes .....	42
3.4.6 Carga psíquica de trabalho .....	43
3.5 Instrumentos de coleta de dados .....	43
3.6 Aplicação dos instrumentos.....	46
3.7 Procedimento de coleta de dados do Q-CP e do Inventário de Perfil de Bem-Estar Psicológico.....	51
4 RESULTADOS.....	53
4.1 Distribuição das variáveis sócio-demográficas.....	53

4.2 Distribuição das variáveis ocupacionais.....	54
4.3 Distribuição das variáveis clínicas.....	55
4.4. Distribuição das Variáveis ambientais.....	56
4.5 Análise descritiva do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP) .	58
4.6 Análise descritiva do bem-estar psicológico dos professores .....	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICE 1 .....	85
Protocolo de observação de trabalho de campo .....	85
APÊNDICE 2 .....	90
Inventário das exigências e atividades do professor da área da saúde .....	90
APÊNDICE 3.....	95
Instrumento de coleta de dados da pesquisa .....	95
APÊNDICE 4.....	100
Diário de campo .....	100
APÊNDICE 5.....	120
Relatório de atividade 1.....	120
APÊNDICE 6.....	90
Relatório de atividade 2.....	90
APÊNDICE 7.....	128
Artigo aprovado na íntegra para o número 14 da Revista Plural, uma publicação da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC .....	128

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1- CONCEITOS DE CARGA DE TRABALHO, SEGUNDO SEUS RESPECTIVOS AUTORES.....	15
TABELA 2 - CONCEITOS DE CARGAS PSÍQUICAS DO TRABALHO, SEGUNDO SEUS RESPECTIVOS AUTORES.....	19
TABELA 3 - SÍNTESE DE ARTIGOS DISPONÍVEIS SOBRE A VOZ DO PROFESSOR COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS SOBRE A SAÚDE (1999-2003).....	23
TABELA 4 - SÍNTESE DAS TESES E DISSERTAÇÕES DISPONÍVEIS SOBRE A VOZ DO PROFESSOR COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS SOBRE A SAÚDE (1999-2002).....	24
TABELA 5 - SÍNTESE DOS ARTIGOS DISPONÍVEIS SOBRE TRABALHO E SAÚDE DE DOCENTES (1985-2003).....	25
TABELA 6 - TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS DISPONÍVEIS SOBRE TRABALHO E SAÚDE DOS DOCENTES (1990 – 2003) .....	27
TABELA 7 - SÍNTESE DOS LIVROS DISPONÍVEIS SOBRE TRABALHO E SAÚDE DOS DOCENTES .....	29
TABELA 8- DISTRIBUIÇÃO DOS DOCENTES EFETIVOS DAS IFES DO RIO GRANDE DO SUL .....	39
TABELA 9 - DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DA UFSM POR UNIDADE DE ENSINO, TITULAÇÃO E REGIME DE TRABALHO.....	40
TABELA 10 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES, INTERVALOS DE VALORES E MÉDIA DAS CATEGORIAS .....	50
TABELA 11- DISTRIBUIÇÃO E RECOLHIMENTO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	52
TABELA 12 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIÁVEIS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS (N = 86).....	54
TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIÁVEIS OCUPACIONAIS (N = 86) .....	55
TABELA 14 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIÁVEIS CLÍNICAS (N = 86) .....	56
TABELA 15 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DAS CONDIÇÕES FÍSICAS DOS AMBIENTES DE TRABALHO .....	56
TABELA 16 - MEDIDAS DE TENDÊNCIA CENTRAL E DISPERSÃO DOS ITENS DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA CARGA PSÍQUICA (Q-CP) .....	59
TABELA 17 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DAS SITUAÇÕES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES.....	60

<i>TABELA 18 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DAS CARGAS FÍSICAS .....</i>	<i>60</i>
<i>TABELA 19 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES .....</i>	<i>61</i>
<i>TABELA 20 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DAS EXIGÊNCIAS DE USO DA VOZ .....</i>	<i>62</i>
<i>TABELA 21 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DAS RESPONSABILIDADES ASSUMIDAS E PRESSÕES PERCEBIDAS PELOS PROFESSORES.....</i>	<i>63</i>
<i>TABELA 22 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO COMPORTAMENTO DOS ALUNOS.....</i>	<i>65</i>
<i>TABELA 23 - DISTRIBUIÇÃO DA MÉDIA, MODA E DESVIO-PADRÃO DA SATISFAÇÃO DO PROFESSOR COM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO SEU TRABALHO.....</i>	<i>66</i>
<i>TABELA 24 - DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE SINTOMAS E SINAIS DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO .....</i>	<i>69</i>
<i>TABELA 25 - DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA E PERCENTUAL DE SINTOMAS E SINAIS DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO SEXO .....</i>	<i>70</i>
<i>TABELA 26 - DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE SINTOMAS E SINAIS DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO À IDADE.....</i>	<i>71</i>
<i>TABELA 27 - DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE SINTOMAS E SINAIS DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO TEMPO DE DOCÊNCIA .....</i>	<i>72</i>
<i>TABELA 28 - DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE SINTOMAS E SINAIS DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO REGIME DE CONTRATAÇÃO.....</i>	<i>73</i>

LEMOS, Jadir Camargo. **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**. 2005. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis

## RESUMO

As condições de saúde dos professores, assim como dos trabalhadores de uma forma geral, dependem fundamentalmente das relações entre as exigências e condições de realização do trabalho, denominadas genericamente de cargas de trabalho, derivadas do contexto e das características da organização do trabalho, nesse caso, da atividade de docência. A avaliação das cargas de trabalho, a partir das suas dimensões físicas e psicológicas permite ampliar o grau de compreensão acerca da percepção das condições de trabalho, dos riscos e evidências de processos de adoecimento. O presente estudo tem como objetivo caracterizar as cargas psíquicas no trabalho de professores universitários e sua influência nos processos de saúde. A pesquisa, iniciada com base em uma análise documental dos afastamentos para tratamento de saúde dos professores do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (CCS-UFSM-RS), foi realizada em duas etapas: a) observação das atividades dos professores em aulas teóricas e práticas, com o intuito de organizar um *check-list* das condições de trabalho dos professores que atuam nos cursos do CCS-UFSM, que serviu de base para a organização do Q-CP – Questionário de Avaliação da Carga Psíquica; b) aplicação do Q-CP com professores dos cursos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (318 participantes). A amostra válida (n = 86) contou de tempo médio de docência de 13,4 anos (DP= 9,9), idade média de 41,4 anos (DP= 10,5). As condições físicas dos ambientes de trabalho (ruídos, estado de conservação dos materiais e equipamentos, exigências posturais) foram percebidas pelos professores como fatores geradores de desconfortos, produzindo, sobre eles, efeitos psicogênicos das cargas físicas. A necessidade de falar constantemente durante as aulas é percebida como desconforto para 44% dos professores, reforçando a tese da relação entre sobrecarga no uso da voz e distúrbios da laringe e das cordas vocais. Em relação à organização do trabalho, 54,7% dos professores mostram-se insatisfeitos com a desproporcionalidade entre a responsabilidade exigida e a remuneração percebida pelo seu trabalho; 37,2% afirmam estarem descontentes com o seu trabalho, ainda que 54,7% nunca tenham pensado em mudar de emprego. Há uma distribuição equilibrada de sintomas quanto à idade e sexo sugerindo que o bem-estar psicológico é uma variável interveniente na avaliação da carga psíquica (Q-CP). Os resultados do estudo permitem afirmar que as condições de trabalho desses profissionais são precárias, tornando-os suscetíveis a processos de adoecimento, tanto no aspecto físico como no aspecto psíquico.

Palavras chaves: Cargas de trabalho, carga psíquica, saúde de professores

## ABSTRACT

LEMOS, Jadir Camargo. **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**. 2005. Thesis (Doctorate in Production Engineering) – Post Graduation Program in Production Engineering, Federal University of Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Brazil.

As with other kinds of workers, the health status of university professors is predicated on their workload: the relationship between work demands and work conditions, which results from the context and organization of the work, in this case, activities related to teaching. Assessing workload, based on the physical and psychological dimensions of the work, helps understand work conditions, risks and signs of illness. This study aims to assess the psychic workload of university professors and its influence on their health. The research, based on the analysis of sick-leave documents of professors of the Centro de Ciências da Saúde at the Universidade Federal de Santa Maria (CCS-UFSM-RS), was conducted in two stages: a) the observation of the professor's activities in their theory and practical classes in order to create a checklist of the work conditions, which was the basis for the construction of the EACP – the Psychic Workload Assessment Scale; b) the application of the EACP on professors of the department mentioned above (318 participants). The valid sample ( $n = 86$ ) averaged 13.4 years of teaching ( $SD = 9.9$ ), an average age of 41.4 years ( $SD = 10.5$ ). The professors perceived the physical conditions of the workplace (noise, state of the materials and equipment, postural demands) as factors that cause discomfort, provoking the psychogenic effects of physical workload. Constant speaking during the classes is perceived as a discomfort by 44% of the professors, substantiating the relationship between voice overload and damage of the larynx and vocal chords. Regarding work organization, 54.7% of the professors are unsatisfied with the disproportionality between the responsibility demanded and the remuneration they receive for their work; 37.2% state they are discontent with their work, though 54.7% affirm that they have never thought of changing jobs. There is a distribution of symptoms and signs of stress, regardless of age or sex, suggesting that psychological well-being is an intervening variable in the assessment of psychological workload (Q-CP). The results of the study show that the work conditions of these professors are precarious, making them susceptible to illness, both physical and psychological.

Keywords: Workload, psychological workload, teacher's health.

# 1 INTRODUÇÃO

As condições de trabalho constituem um dos fatores principais do mal-estar docente. Tais condições afetam a saúde – física e mental dos professores levando-os ao absenteísmo e, às vezes, ao abandono da profissão (Esteve, 1999).

Nas duas últimas décadas, diferentes estudos têm sido realizados no campo das ciências sociais, humanas e nas ciências da saúde em relação aos processos de saúde e doença da classe trabalhadora brasileira. O crescente interesse que se observa nos últimos anos, em escala internacional, pelos danos provocados à saúde pelas condições de trabalho, são originários de diferentes compreensões científicas, no universo das categorias profissionais. Uma delas, a prevenção e promoção da saúde, tem produzido programas de pesquisa e intervenção na busca pela melhoria da qualidade de vida da classe trabalhadora. Outra, lastreada pelo viés dos estudos econômicos, tem se preocupado, principalmente, com os gastos e o desequilíbrio das finanças públicas, à medida que se avolumam os números de casos de agravos à saúde decorrentes do trabalho.

No Brasil, a década de 80 é inicialmente marcada pelos estudos sobre as Lesões por Esforços Repetitivos – LER, especialmente entre os bancários, introduzidos por Mendes Ribeiro, em 1985 (MORAES e MIGUES, 1998) e, em seguida, por outros, como Knoplich (1989), Oliveira (1991), Dimberg (1991) e Léo e Coury (1998), que associam diagnósticos de tendinites, tenossinovites, epicondilites e bursites, preferencialmente de membros superiores, às características do trabalho.

A partir de 1986 começam a ser caracterizados casos de LER em outras categorias profissionais, como, por exemplo, operadores de caixas de supermercados, equipes de enfermagem e médicos ultrassonografistas (MORAES e MIGUES, 1998). Considerado como um conjunto de doenças que se caracterizam pela ocorrência de sintomas como dor, parestesias, sensação de peso e/ou fadiga, sua etiologia é multifatorial, o que implica em múltipla causalidade (incluindo fatores de ordem física, organizacional, psicossocial, individual e sociocultural) sendo possível, portanto, ocorrer em qualquer trabalhador, em qualquer dos seus segmentos corporais.

No decorrer da década de 90, o crescimento do número de casos ou conjunto de sintomas específicos, em diferentes categorias profissionais, como, por exemplo, os problemas de coluna vertebral, principalmente nos segmentos cervical e lombar, motivaram muitos pedidos de benefícios previdenciários (GONZAGA, 2000). Embora o NIOSH (*National Institute of Occupational Safety and Health*) já previra, em 1983, que os problemas de coluna atingiriam grande parte da classe trabalhadora no mundo inteiro no ano de 2000, é na década de 90 que os registros e as estatísticas apontam como um dos principais motivos de afastamento do trabalho, estando entre os cinco principais motivos de afastamento e de aposentadoria precoce (KNOPLICH, 1989; GONZAGA, 2000).

Nos dias atuais, quando tais lesões não são tratadas como LER e, sim, como DORT – Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, observa-se o crescimento, tanto em número de casos quanto em número de categorias profissionais atingidas. O aumento da prevalência destes distúrbios assinala o seu caráter epidêmico, expressado nos números levantados pela Previdência Social.

Recentemente, a partir do Programa Multiprofissional de Atenção à Saúde do Trabalhador (PMAST), desenvolvido desde maio de 2002 pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho e Ergonomia da UFSC, em Florianópolis, tem sido constatado que trabalhadores diagnosticados com DORT vêm apresentando quadros associados a alterações de estados emocionais. Dentre os 34 trabalhadores avaliados no PMAST, até o momento, duas categorias tem nos chamado à atenção, pelo fato de apresentar um crescimento no número de afastamentos por adoecimento: os trabalhadores da limpeza e conservação de prédios e condomínios e os operadores de *telemarketing* e de teleatendimento. Juntas, perfazem aproximadamente 40% dos trabalhadores avaliados.

Associado aos estudos sobre LER/DORT, tem sido produzido outras pesquisas no Brasil sobre condições de trabalho, saúde e processos de adoecimento entre trabalhadores com enfoque na saúde mental. Informações do INSS, colhidas a partir do final da década de 90, mostram que, entre os trabalhadores do mercado formal, os transtornos mentais já ocupam o terceiro lugar entre as causas de concessão de benefício previdenciário como auxílio doença, afastamento do trabalho por mais de 15 dias e aposentadoria por invalidez (CRUZ, 2001; JACQUES, 2003 A e C).

Os profissionais da área da educação começam a demonstrar sinais de alterações das condições de trabalho e de saúde nos países Europeus (Suécia, França, Alemanha e Reino Unido) no início da década de 80. O estresse e a Síndrome de *Burnout* eram apontados como os principais problemas entre professores naquela época, com implicações sobre o absenteísmo por doença e abandono da profissão, como relata José Manoel Esteve em seus estudos publicados, pela primeira vez, em 1987.

Nas pesquisas citadas por Esteve (1999), as queixas apresentadas pelos professores pesquisados dizem respeito às condições de trabalho, incluindo-se nelas as condições físicas e as condições psicossociais. Segundo o autor, ressentidos com a desvalorização do seu trabalho, alguns professores adoecem, mas permanecem trabalhando, enquanto outros optam por abandonar a docência em busca de melhores condições de trabalho e de saúde em outras atividades ocupacionais.

No Brasil, seguindo essa tradição de pesquisas, Helga Reinhold publica, em 1985, um estudo sobre as fontes e os sintomas de estresse ocupacional em professores, apontando a precariedade das condições de trabalho como a principal causa dos eventos estressores que ocorrem nesses profissionais. Anteriormente, a tendência entre os professores era de apresentar, ou melhor, registrar em seus pedidos de afastamentos ou em suas fichas de saúde, problemas de ordem física, especificamente, problemas de distúrbios da voz como a calosidade das cordas vocais e disfonia, que foram documentados em pesquisas da década de 90 (TENOR, CYRINO e GARCIA, 1999).

O ensino, visto como uma prática profissional, possui características particulares, geradoras de fatores causadores de problemas físicos e psíquicos. O pó de giz, por exemplo, provoca irritações e alergias na pele e nas vias respiratórias. A necessidade de falar incessantemente e alterar o tom de voz repetidas vezes, segundo a clínica médica especializada, provoca calosidade das cordas vocais. Por último, a quase obrigatoriedade da bipedestação de longa permanência causa sobrecargas musculares e para o sistema circulatório, provocando desconforto e/ou dor, levando o docente a afastar-se do ambiente de trabalho e em casos extremos, aposentar-se precocemente ou abandonar a profissão (CASTRO, 1999; FONSECA, 2001).

Os estudos realizados com professores (tanto os estudos que abordam o estresse como os que abordam as condições de trabalho e saúde), caracterizam a prática de ensino como um trabalho dotado de intensificação das relações interpessoais que mobiliza os chamados fatores psicossociais do trabalho docente. (CODO, 1999; ESTEVE, 1999). Os resultados das pesquisas apontam que a não (ou des)valorização e o não reconhecimento do trabalho docente, expressos genericamente pela percepção de desrespeito por parte dos alunos (e até mesmo da sociedade), as condições salariais (que não condizem com a importância e a responsabilidade social deste trabalho), a necessidade de ampliação da jornada de trabalho para recompor salário, os aumentos expressivos de alunos em salas de aula, além da luta permanente por manter-se no emprego, tudo isso, têm contribuído para a perda de qualidade da saúde dos professores.

Vê-se, de forma geral, a acumulação do trabalho. As tarefas tendem a serem diversificadas, mas fragmentadas; vê-se, também, aumentarem as exigências sobre estes profissionais, que sofrem pressão por metas de produtividade em menor tempo e pela necessidade de capacitação e atualização constante de conteúdos a serem ministrados. Crescem as crises (do sistema educacional e nas instituições de ensino), as divergências e o descaso com a educação no cenário nacional, o que se reflete nas condições de trabalho dos docentes (WENZEL, 1991; TENFEN, 1992; CODO, 1999; ESTEVE, 1999).

A produção do conhecimento sobre saúde e trabalho docente no Brasil se incrementa ao longo da década de 90. Embora incipiente, o que já se produziu até o momento revela um crescimento significativo no número de casos de estresse e *burnout* entre os docentes (do ensino fundamental, médio e superior) da rede pública e particular, associados ou não a outras patologias. Observa-se, a partir desses estudos, uma necessidade de aprofundar, ainda mais, a vinculação dos processos de trabalho aos processos de saúde e adoecimento desses trabalhadores.

As pesquisas de Esteve (1999) e de Codo (1999) afirmam que as condições de trabalho dos docentes brasileiros, a exemplo das condições de trabalho dos docentes americanos e europeus são consideradas precárias e têm sido apontadas, nas pesquisas atuais, com causadoras do adoecimento (físico e psíquico). A reversão da situação de saúde depende da elucidação dos fatos:

depende de se saber, com clareza, em que condições trabalham os docentes brasileiros.

A organização do trabalho determina as suas cargas, as quais são definidas por Greco, Oliveira e Gomes (1996, p. 61) “como exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho”. Considerando que todo o trabalho é constituído de cargas, o trabalho docente também as tem: cargas físicas – exigências que têm materialidade externa e que se modificam na interação com o corpo (interação ambiental), e cargas psíquicas – disposições psicológicas que adquirem materialidade no próprio corpo e se expressam por meio dele (reações emocionais), que influenciam direta e indiretamente na saúde e na vida dos professores. Para a compreensão da problemática das alterações da relação entre trabalho e a saúde de quem trabalha, torna-se importante saber como o trabalho está organizado.

Segundo a psicodinâmica do trabalho<sup>1</sup>, o trabalhador, ao buscar no trabalho a fonte de prazer e realização e encontrar nele uma fonte de sofrimento e desgaste, entrará em conflito com a organização, pois no contexto de trabalho, a organização é a vontade do outro que se impõe sobre si. Na medida em que as pessoas internalizam suas expectativas confrontando-as com uma realidade discrepante, surge o conflito que incide negativamente no seu equilíbrio emocional (DEJOURS, 1994). No trabalho do professor existe uma exigência de responsabilidade que deve ser compensada pelo reconhecimento do trabalho. Se o docente não percebe o reconhecimento de seu trabalho, a responsabilidade exigida passa a ser percebida como uma sobrecarga geralmente experimentada como um conflito, que repercute negativamente na sua saúde.

A profissão docente, existente há séculos, atravessa, contemporaneamente um dos seus piores momentos. O mestre, visto antes como uma figura profissional essencial para a sociedade, é hoje um profissional que luta pela valorização e reconhecimento social do seu trabalho. Daqueles que persistem na

---

<sup>1</sup> Disciplina originada dos estudos sobre psicopatologia do trabalho de Le Guillant (1950-52) e dos estudos de Christophe Dejours no período de 1970-1980, especialmente a partir de sua obra clássica "A loucura do trabalho – estudos sobre psicopatologia do trabalho"(1983). A psicodinâmica do trabalho incorpora especialmente a tradição compreensiva de investigação da construção da intersubjetividade nas situações de trabalho a partir da análise da dinâmica da relação entre a organização do trabalho e o processo de prazer-sofrimento vivenciado pelo trabalhador.

profissão, muitos já apresentam sinais de adoecimento físico e/ou emocional com diagnósticos conhecidos e causas desconhecidas.

Na perspectiva de capilarizar a discussão sobre as condições do trabalho e da saúde dos docentes, formulamos as seguintes perguntas de pesquisa: Quais as características das cargas de trabalho existentes na atividade docente? Qual a dimensão da carga psíquica no trabalho docente? De que maneira as cargas psíquicas de trabalho influenciam nos processos de saúde dos professores?

## **1.1 Justificativa**

A preocupação com as condições de trabalho e saúde dos professores tem sido tema de estudo em diversas áreas de conhecimento científico, mas o que justifica a escolha do tema de pesquisa é o fato de estar estudando as relações de saúde e trabalho da classe trabalhadora desde o início da década de 90, vindo a crescer o interesse pelo estudo das cargas psíquicas de trabalho, na perspectiva de compreendê-las e identificar a sua relação com os processos de adoecimento no trabalho.

Como docente assistencial<sup>2</sup> há quase duas décadas, venho buscando a compreensão dos fenômenos fisiológicos e psicossociais associados aos processos de saúde no trabalho em diferentes categorias profissionais. A intensificação nos estudos sobre cargas de trabalho e sua relação com o adoecimento levaram-me a querer aprofundar o conhecimento sobre a situação atual da categoria docente.

Em pesquisa documental (em banco de dados) feita em setembro de 2003 junto à Pro-Reitoria de Recursos Humanos da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, no período de janeiro de 2000 a março de 2003 foram registrados 69 pedidos de Licença de Tratamento de Saúde – LTS entre os 271 professores lotados no Centro de Ciências da Saúde – CCS no período referido, com uma média de 17,8 dias de afastamento do trabalho para cada LTS. Considerando que, de cada grupo de quatro docentes do CCS, um entrou em licença neste período, e que o corpo docente do CCS equivale a 25% dos docentes da UFSM, o fato torna-se mais expressivo e, portanto, merecedor de um estudo sobre os principais fatores desencadeantes de tais afastamentos.

---

<sup>2</sup> Aqueles professores que, em aulas práticas, utilizam a assistência como atividade didática.

As pesquisas nacionais apontam, de forma explícita, os diagnósticos clínicos registrados entre os professores, como por exemplo, tendinites, cervicalgias e cervicobraquialgias, disfonias etc, mas não exploram a possibilidade de que os fatores desencadeantes da sintomatologia destes quadros clínicos possam estar relacionados às atividades desenvolvidas pelos docentes. Dessa forma, julgamos ser necessário um estudo que busque, junto aos professores, caracterizar, no processo de trabalho, indicadores físicos e psicológicos relacionados ao adoecimento entre eles.

No aspecto científico pretende-se contribuir para o avanço do conhecimento sobre as condições de trabalho e de saúde dos docentes e suas respectivas cargas de trabalho. Em termos de relevância social este estudo pretende contribuir para o aprimoramento da qualidade das intervenções, quer no âmbito das condições de trabalho, quer no âmbito das condições de tratamento daqueles que já se encontram com problemas de saúde. A relação estabelecida entre o processo de trabalho e o processo de saúde da categoria docente, ainda pouco explorada, serve-nos de incentivo para a construção do presente estudo, que tratará das condições de trabalho dos professores do ensino superior.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Caracterizar as cargas psíquicas no trabalho de professores universitários e sua influência nos processos de saúde.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar a percepção dos professores acerca das suas condições de trabalho;
- Identificar as queixas de desconforto e relacioná-las com as condições de trabalho dos professores;
- Identificar as características da carga psíquica no trabalho docente.
- Identificar as implicações da percepção de bem-estar psicológico dos professores na carga psíquica de trabalho.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

O trabalho humano possui um duplo caráter: por um lado, é fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos sujeitos; por outro lado, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde (Seligmann-Silva, 1987).

O trabalho do professor, visto na perspectiva dos estudos sobre as relações entre processo de trabalho e a saúde, não apresenta, de uma forma geral, o mesmo destaque de investigação científica que outras categorias do setor industrial e de serviços, como, por exemplo, os profissionais da construção civil, dos transportes, da saúde e do setor bancário.

De certa forma, o trabalho do professor representa uma parte histórica e significativa da expressão das relações de trabalho, constituindo-se num dos principais modos de construção de processos institucionais no âmbito da educação e da aprendizagem humanas. Contudo, apesar de sua importância social, os estudos sobre as implicações das condições de trabalho na saúde dos professores remontam à década de 80 deste último século. Os registros na literatura especializada, anteriores a este período, tratam de doenças físicas (laringites, varizes, problemas na coluna) sem necessariamente relacioná-los a variáveis da organização e do processo de trabalho.

Para tornar mais compreensível essa discussão, a revisão de literatura que apresentamos a seguir será dividida em quatro tópicos: a Universidade Brasileira e o trabalho docente; as cargas de trabalho da atividade docente, o estado da arte da pesquisa sobre saúde e trabalho docente Ergonomia, saúde do trabalhador e trabalho docente.

### 2.1 A Universidade Brasileira e o trabalho docente

A universidade como instituição tem seu marco inicial no século XI, no Continente Europeu. Na Itália, mais precisamente nas cidades de Salerno e Bolonha, surgem as primeiras universidades na história da humanidade. Em Salerno, Medicina e, em Bolonha, Direito são os primeiros cursos universitários que se tem registro. Anterior a este período, a missão de ensinar era da competência das Escolas Monacais, de onde vêm os grandes pensadores da

Igreja Católica, e das Escolas Catedralícias, que preparavam os administradores da Igreja.

No Continente americano, a primeira Universidade a surgir foi em São Domingos, no ano de 1538. Após quinze anos, criou-se outra Universidade no México, com cinco cursos superiores, incluindo a Faculdade de Medicina. A seguir, foram criadas, na América do Sul, as Universidades de Córdoba, na Argentina; São Marcos, no Peru; São Felipe, no Chile, e outras mais foram sendo criadas, porém, na época de Independência do Brasil, a América já contava com 26 universidades (MENDES, 2002).

Desde a Independência do Brasil, em 1822, até a criação da primeira universidade brasileira, o país contava com os cursos superiores, para suprirem as necessidades da época. No período da Regência, foram criados, em 1827, dois cursos de Direito (Olinda – PE e São Paulo – SP) e a Escola de Minas, em 1832. As primeiras faculdades brasileiras (medicina, direito, engenharia, minas e agronomia) eram independentes, localizadas em cidades importantes e contavam com orientação profissional elitista, destinada à classe privilegiada. No período Imperial, apesar das tentativas de criação da universidade brasileira, só se criaram novos cursos superiores de orientação profissional, descomprometidos com a pesquisa, considerados, na época, uma substituição à universidade, mesmo que a principal característica dos cursos superiores seja o ensino (TEIXEIRA, 1989).

A primeira Universidade Brasileira foi criada quase 100 anos após a Independência, exatamente em 1920, no Rio de Janeiro. Seguem-se a ela a Universidade de Minas Gerais, em 1927; a Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, em 1932, que em 1934 muda seu nome para Universidade de Porto Alegre; a Universidade de São Paulo, em 1934; as Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, que mais tarde passa a denominar-se PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na década de 40, com a expansão da rede do ensino de nível médio e a inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente na educação, surgem novos cursos superiores ligados às faculdades de Filosofia, que se disseminaram pelo país, cada um preparando um tipo específico de professor (de história, de matemática, de química) sem qualquer comprometimento com a pesquisa (TEIXEIRA, 1989).

Nos 30 anos seguintes ao surgimento da primeira universidade brasileira, foram criadas universidades em outros estados do Brasil, porém é a partir da década de 70 que começam a proliferar universidades privadas e particulares e que hoje fazem parte do cenário nacional da educação superior. Hoje, o país conta com mais de 900 IES - Instituições de Ensino Superior, sendo que menos de 10% delas (somente 80 instituições) são escolas públicas Federais (IFES), Estaduais (IEES) e Municipais (IMES). As IES têm como característica, a oferta regular de atividades de ensino, pesquisa e extensão, como prevê os artigos de números 52, 53 e 54 da Lei de nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Dessa forma, os seus docentes envolvem-se nessas três atividades em suas rotinas de trabalho (WENZEL, 1991; TENFEN, 1992).

A docência é uma das mais antigas ocupações e a figura do professor é anterior à criação das instituições de ensino. A docência e os processos de ensino-aprendizagem vem se modificando ao longo da institucionalização dos processos de formação profissional, especialmente em função das transformações no mundo do trabalho e da produção, das mudanças culturais e da evolução tecnológica, que repercutiram e repercutem sobre as condições de vida e trabalho dos professores. Para Esteve (1999), professores de todas as partes do mundo tiveram que se adaptar às características evolutivas dos processos de trabalho na docência, ainda que, na maioria das vezes, não se tenha evoluído necessariamente na melhoria das condições objetivas neste tipo de exercício profissional.

No cenário nacional, observa-se que, desde a reforma da educação de 1972 – daí já se passaram mais de trinta anos, o sistema educacional tem enfrentado crises e desencontros, em todos os seus níveis. É fato perceber que, a partir da década de 80, a Universidade Brasileira se arrasta em longas e repetidas greves, com os seus professores reivindicando respeito aos contratos e às condições dignas de trabalho.

O mesmo quadro se reproduz no ensino fundamental e médio, principalmente nas escolas públicas, em todos os cantos da nação. E se reproduz porque a missão do professor, independentemente do nível de ensino em que atua – fundamental, médio ou superior, é o mesmo: quer seja: educar. O “educar” está ligado ao afeto, o que representa bem mais do que a atividade de instrução, que é a transmissão de informações e o treinamento específico de habilidades.

Visto desta forma, o trabalho docente é caracterizado por relações interpessoais, envolvendo a discussão e o debate entre o professor e aluno (CODO, 1999; ESTEVE, 1999).

A palavra educação, proveniente do latim – *educatio*, que além de instrução, também significa a ação de criar, de alimentar. Educador vem de *educator*: aquele que cria, pai, o que faz às vezes do pai (CODO, 1999; ESTEVE, 1999). Como se vê, o trabalho docente é um trabalho carregado de afeto, dado que a missão do professor é, na verdade, formar pessoas. Dito em outras palavras, o papel do professor é preparar o aluno para interagir com a sociedade. Reside aí a importância social do trabalho docente; a possibilidade de transformar a sociedade (WENZEL, 1991; TENFEN, 1992; CODO, 1999; ESTEVE, 1999).

Na visão dicotômica do trabalho – trabalho manual e trabalho intelectual, a atividade docente é considerada como trabalho intelectual. Isto não faz do professor um trabalhador diferenciado dos demais, pois seu trabalho gera bens e serviços e acumula capital. Verdadeiramente, o trabalho docente pode ser considerado como um trabalho que contém, basicamente, os mesmos regramentos das outras ocupações do mundo do trabalho. Sua organização prevê tarefas, responsabilidades, competências, jornadas de trabalho específicas e remuneração.

As escolas, como instituições produtivas, têm sua hierarquia funcional à qual o professor fica submetido. Dessa forma, a autonomia do professor é “ditada” pela direção da escola. Há a direção, a supervisão e o Círculo de Pais e Mestres – CPM, para “fiscalizar” suas ações.

O professor é contratado para realizar tarefas prescritas como ministrar aulas (e conteúdos), orientar pesquisas e leituras e acompanhar o desenvolvimento dos alunos, na perspectiva de avaliá-los no momento oportuno. É de sua competência aprovar ou reprovar o aluno, em relação ao conhecimento e domínio dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula e em laboratórios de ensino e de pesquisa. É dele a competência de atestar ou não o aproveitamento do aluno durante o período letivo e se ele está apto a seguir em frente e assimilar novos conteúdos. Na verdade, essa competência envolve crítica, auto-crítica e responsabilidade por parte do professor (WENZEL, 1991; TENFEN, 1992).

A autonomia, mesmo que regulada pela direção, não tira do professor a flexibilidade em administrar seu próprio cotidiano de trabalho. Ao avaliar o que julga essencial em termos de transmissão de conhecimento, o professor tem a liberdade, em sala de aula, de administrar as atividades de acordo com seu senso crítico e sua criatividade (WENZEL, 1991; TENFEN, 1992). Esse é um dos aspectos que faz com que o trabalho do professor não se torne rotina, dado que é a sua capacidade de poder interagir que leva o aluno a participar como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. Mesmo que, porventura, as tarefas da docência possam ser repetitivas, é a forma de executá-las que as torna interessantes, qualificando o trabalho do professor, afastando dele a monotonia, característica do trabalho constituído por tarefas repetitivas e fragmentadas.

O saber construído ao longo do processo de formação profissional do professor é confrontado com a realidade do trabalho de ser responsável pela educação de duas, três ou até quatro turmas de quarenta alunos (número médio de alunos por turma), com duas ou mais disciplinas diferentes para ministrar durante o ano letivo. De uma forma geral, o professor recorre a esforços extras para atualizar conhecimentos e instrumentalizar-se em novas tecnologias didático-pedagógicas, cumprindo uma jornada de trabalho que extrapola em horas semanais a jornada prevista em seu contrato de trabalho.

As demais tarefas, consideradas atividades burocráticas como, por exemplo, o preenchimento dos diários de classe, o registro da frequência e da avaliação dos alunos são atividades rotineiras e, portanto desinteressantes, na maioria dos casos executadas no domicílio do professor. Como se vê, o trabalho docente é composto de várias atividades e ele não pode ser decomposto e dividido entre vários professores, como é possível dividir o trabalho em uma linha de montagem. Este é um trabalho que é iniciado e terminado pelo mesmo trabalhador.

De fato, o trabalho docente requer habilidades intelectuais, mas não está isento de habilidades físicas. A realização das atividades, intra ou extraclasse exige do professor condições físicas e psicológicas, pois as atividades envolvem esforço físico (necessidade de força e resistência muscular para a busca de informações atualizadas, transporte de livros e materiais e ficar sentado ou em pé por tempo prolongado escrevendo ou desenhando – o que envolve gasto

energético/calórico e alterações fisiológicas) e esforço mental (para as exigências cognitivas e psíquicas).

## **2.2 As cargas de trabalho na atividade docente**

Na compreensão de Wisner (1994) todas as atividades, inclusive o trabalho, têm pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Ao aspecto físico, corresponde o esforço físico necessário à execução da tarefa; ao cognitivo, os processos de tomada de decisão (como aspecto principal, mas não como único); e, ao psíquico, ao conflito produzido pelos constrangimentos gerados na organização técnica e social do trabalho. Embora a atividade docente seja considerada, numa divisão social do trabalho, como trabalho intelectual, ela é composta das cargas existentes em outros tipos de atividades semelhantes ou não a ela.

As cargas de trabalho representam, segundo Seligmann-Silva (1994), um conjunto de esforços desenvolvidos para atender as exigências das tarefas, abrangendo os esforços físicos, cognitivos e psicoafetivos (emocionais) que são traduzidos como desgaste, segundo Laurell e Noriega (1989), na capacidade potencial afetiva, corporal e psíquica.

O termo “carga de trabalho” substitui o termo “fatores de risco”, que é uma evolução do termo “fatores nocivos” utilizados por Oddone, Gastone, Briante e cols (1986) que significa riscos próprios do ambiente laboral, aos quais estão expostos os trabalhadores. A substituição se dá em razão dos vários significados de risco. Na Medicina do Trabalho e na Epidemiologia, o termo “risco” pode ser utilizado na acepção de fator de risco, identificando possíveis agentes ou substâncias capazes de determinar um efeito sobre a saúde, estabelecendo a probabilidade que determinado evento venha ocorrer. Os riscos seriam, na verdade, a existência de agentes ou substâncias capazes de influenciar nas condições de saúde e nos processos de adoecimento dos trabalhadores.

A expressão “carga de trabalho” expressa um novo conceito enfocando o processo e a organização do trabalho (FACCHINI, 1994). Ela engloba os fatores nocivos capazes de provocar estresse ou tensão emocional (monotonia, repetitividade, pressões, responsabilidades) como engloba, também, os fatores de riscos físicos, químicos, biológicos, fisiológicos. Na evolução da terminologia

aplicada, torna-se possível compreender e traduzir os efeitos psicogênicos que os riscos ocupacionais (de qualquer natureza) provocam no dia-a-dia dos trabalhadores. O trabalhador está exposto, cotidianamente, às cargas de trabalho. Assim, para cada ramo produtivo e para cada processo de trabalho é possível identificar um perfil de cargas de trabalho que conformam um padrão de desgaste operário (BUSCHINELLI, 1994; FACCHINI, 1994).

Do ponto de vista da Ergonomia, a carga de trabalho representa o esforço físico e cognitivo necessário à realização da atividade de trabalho (WISNER, 1994). Há um conjunto de estudos na ergonomia que procuram medir indiretamente a carga de trabalho por meio de variáveis relacionadas ao esforço físico, como, por exemplo, o gasto calórico/energético, a frequência cardíaca e variações na atividade muscular (GRANDJEAN, 1998; VILLA VERDE, 2003; CORRÊA, 2003; ALVES, 2004). Para a psicologia do trabalho, as cargas de trabalho são variáveis definidas na relação entre os impactos produzidos no processo de trabalho e a saúde física e mental dos trabalhadores (CRUZ, 2002). Nesse sentido, podem ser descritas como mediações entre o processo de trabalho e o desgaste psicobiológico (LEPLAT e CUNY, 1983; GRECO, OLIVEIRA e GOMES, 1996).

Uma síntese das definições de cargas de trabalho entre os principais autores da psicologia do trabalho, da ergonomia e da saúde do trabalhador, pode ser observada na Tabela 1, assim como as particularidades do uso do termo.

Tabela 1- Conceitos de carga de trabalho, segundo seus respectivos autores

CONCEITO	AUTOR(S)
“A noção de carga de trabalho será, pois, sempre relativa à interação entre um sujeito e as exigências de determinado meio.”	Leplat e Cuny, 1983, p. 180
“O conceito de carga de trabalho possibilita uma análise do processo de trabalho que extrai e sintetiza os elementos que determinam de modo importante o nexos biopsíquico da coletividade operária e confere a esta um modo histórico específico de ‘andar a vida’.”	Laurell e Noriega, 1989, p. 110
“É um atributo de um determinado processo de trabalho cuja presença no ambiente de trabalho pode aumentar a probabilidade de que um grupo de trabalhadores expostos experimente uma deterioração psicológica comparada com aqueles que não estiveram expostos a tal atributo”.	Facchini, 1994, p. 180
“Toda a atividade, inclusive o trabalho, têm pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Cada um deles pode determinar uma sobrecarga. Eles estão inter-relacionados e são bastante freqüentes, embora isso não seja necessário, que uma forte sobrecarga de um dos aspectos seja acompanhada de uma carga bastante alta nos dois outros domínios.”	Wisner, 1994, p. 13
“Carga de trabalho representa o conjunto de esforços desenvolvidos para atender às exigências das tarefas. Esse conceito abrange os esforços físicos, os cognitivos e os psicoafetivos (emocionais).”	Seligmann-Silva, 1994, p. 58
“As cargas de trabalho são definidas como exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho, gerando ao longo do tempo as particularidades do desgaste do trabalhador”.	Greco, Oliveira e Gomes, 1996, p. 61
“A partir de Laville, Kalsbeek e Leplat, pode-se afirmar que carga de trabalho é a relação entre constrangimentos impostos pela tarefa, pela interface, pelos instrumentos e pelo ambiente (carga funcional), em conjugação com as atividades desempenhadas e a capacidade de trabalho do operador.”	Moura, 1998, p. 80
“Da relação entre os elementos de um sistema de trabalho, decorre que, durante a execução da tarefa, a pessoa está sujeita a diversas influências maléficas e/ou benéficas, cujas causas estão na tarefa de trabalho e no ambiente de trabalho. Estas influências maléficas recebem o nome de cargas”.	Sell, 2002, p. 64

De um modo geral, o conjunto dos autores referenciados na Tabela 1 tendem a associar o termo carga de trabalho a experiência pessoal de sentir e perceber, de forma desgastante, incômoda ou desagradável o esforço necessário para responder às exigências do trabalho. Há, também, entre os autores, o consenso metodológico de classificar as cargas de trabalho entre *físicas* e *psíquicas*, dado que são as resultantes da relação entre as condutas de trabalho e as exigências das tarefas ou do meio.

Dessa maneira, pode-se inferir que as cargas de trabalho representam um modo especial de vivenciar o trabalho e não podem ser confundidas com o objeto

de trabalho em si (o grau de exigência de uma tarefa, a qualidade do objeto) ou com esforço físico (a idéia de transportar peso, por exemplo). Ela é, na verdade, a expressão da vivência do trabalhador em relação às condições contextuais do seu trabalho como atividade. Portanto, tendo como certa a existência de cargas em todos os tipos de trabalho, sua dimensão é dada pelo próprio trabalhador.

As cargas de trabalho, vistas dessa forma, podem ser agrupadas, segundo sua natureza ou característica básica: aquelas que têm materialidade externa e que se modificam na interação com o corpo, assumindo outra dimensão, caracterizando efeitos psicogênicos como as físicas, químicas, biológicas e mecânicas, e aquelas que adquirem materialidade no próprio corpo humano e se expressam internamente por meio dele, como as fisiológicas e psíquicas (LAURELL e NORIEGA, 1989; FACCHINI, 1994; GRECO, OLIVEIRA e GOMES, 1996).

Em termos operacionais, pode-se considerar a carga de trabalho como um atributo do processo de trabalho, que pode aumentar ou não a probabilidade de que um grupo de trabalhadores experimente uma deterioração biológica e psicológica. Baseado em Oddone, Gastone, Briante e cols (1986), que estudam o ambiente de trabalho como o conjunto das condições em que a força de trabalho e o capital se transformam em mercadorias e em lucros, com capacidade de provocar danos à saúde de quem trabalha, é possível descrever as cargas de trabalho da seguinte maneira:

- Cargas físicas - consideram-se os elementos que podem estar presentes tanto no ambiente de trabalho como fora dele, mas que “são derivadas principalmente das exigências técnicas para a transformação do objeto de trabalho e caracterizam um determinado ambiente de trabalho que interage cotidianamente com o trabalhador” como, por exemplo: temperatura, umidade, ventilação, ruído, vibrações e iluminação. A forma com que o trabalhador percebe e se relaciona com as exigências do trabalho e o desconforto que eles provocam durante a execução de suas tarefas (por exemplo, o excesso de ruído do ambiente exigindo um maior grau de concentração) intensificam a carga, produzindo um efeito psicogênico que exige do trabalhador modos de regulação (condutas elaboradas para evitar ou controlar os constrangimentos) no trabalho.

- Cargas químicas - são decorrentes, principalmente do objeto de trabalho e dos meios e instrumentos necessários para sua transformação, e podem ser: poeiras, fibras, fumaças, gases, líquidos e radiações. A percepção do risco de intoxicação tende a aumentar a probabilidade de gerar insegurança ou medo entre os trabalhadores, sentimentos que, geralmente, traduzem sobrecarga de trabalho frente a dificuldade de regulação da carga.
- Cargas biológicas ou orgânicas - estão relacionadas às condições de higiene ambiental do próprio ambiente de trabalho e podem ser causadas por qualquer organismo animal ou vegetal, que gere no trabalhador algum tipo de dano (FACCHINI, 1994). Os riscos de contaminação por microrganismos a que ficam expostos os trabalhadores geram, nos trabalhadores, os mesmos sentimentos relacionados às cargas químicas, exigindo deles, da mesma forma, um mecanismo de regulação que lhes permita permanecer no trabalho, mesmo considerando os riscos adicionais existentes.
- Cargas mecânicas - são derivadas da tecnologia empregada bem como das condições de instalação e manutenção do processo de produção. Assim, por exemplo, os acidentes de trabalho são expressão das cargas mecânicas presentes no processo de trabalho. Os sistemas automatizados, as esteiras de produção e as prensas hidráulicas, exemplos de mecanismos utilizados nos meios produtivos, ao oferecerem perigo no seu manuseio exigem atenção permanente, alterando a dimensão da carga, produzindo efeitos psicogênicos.
- Cargas fisiológicas - estão relacionadas com a utilização do corpo no trabalho, seja pela necessidade de manutenção de uma determinada posição ou da realização de esforços físicos (LAURELL e NORIEGA, 1989). A alternância de turno é um dos principais exemplos de carga fisiológica. A necessidade de adaptar o organismo a um novo ritmo biológico em curtos espaços de tempo (a cada 10 dias, por exemplo) torna-se desconfortável para o trabalhador. Os novos horários de alimentação e de sono repercutem em sua vida pessoal e profissional. A dificuldade de recuperar as energias (físicas e psíquicas) acaba prejudicando o desempenho do trabalhador.

- Cargas psíquicas - dizem respeito, genericamente, à vivência de tensões ou descompensações psicológicas relativas à organização do trabalho. Do ponto de vista conceitual, a noção de carga psíquica encontra especificidades operacionais entre principais autores da psicologia do trabalho, da ergonomia e da área da saúde do trabalhador, tendo em vista o grau de complexidade teórica que lhe é atribuído. É possível encontrar, na literatura especializada, diferentes conceitos de carga psíquica do trabalho, sintetizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Conceitos de cargas psíquicas do trabalho, segundo seus respectivos autores

CONCEITO	AUTOR (S)
“As cargas psíquicas são derivadas principalmente dos elementos do processo de trabalho que são fonte de estresse, elas se relacionam com todos os elementos do processo de trabalho e, portanto, com as demais cargas de trabalho. No entanto, em termos mais específicos, a principal fonte de estresse nos processos de trabalho moderno pode ser localizada na organização e divisão do trabalho.”	Facchini, 1994, p. 181
“São as cargas relativas à organização da jornada de trabalho, à periculosidade do trabalho, à frequência de situações de emergência, ao grau de responsabilidade na resolução dessas situações, aos ritmos de trabalho, à pressão do tempo, ao grau de atenção e de mobilidade dentro do local de trabalho, à possibilidade de falar com os companheiros de trabalho, de tomar iniciativas e decisões a respeito de como realizar o trabalho em grupo, ao conteúdo da supervisão, ao grau de monotonia e a repetitividade das tarefas, ou à possibilidade de realizar atividades de defesa coletiva na área de trabalho.”	Greco, Oliveira e Gomes 1996, p. 62
“As cargas psíquicas, finalmente, têm o mesmo caráter que as fisiológicas à medida que adquirem materialidade através da corporeidade humana (...) e podem, provisoriamente, ser agrupadas em dois grandes grupos: um, que abrange tudo aquilo que provoca uma sobrecarga psíquica, ou seja, situações de tensão prolongada, e outro, que se refere à subcarga psíquica, ou seja, a impossibilidade de desenvolver e fazer uso da capacidade psíquica. Exemplos das primeiras, características do processo de trabalho capitalista, podem ser a atenção permanente, a supervisão com pressão, a consciência da periculosidade do trabalho, os altos ritmos de trabalho, etc. Pertencem ao segundo grupo de questões a perda do controle sobre o trabalho ao estar o trabalhador subordinado ao movimento da máquina; a desqualificação do trabalho, resultado da separação entre sua concepção e execução; a parcialização do trabalho, que redundava em monotonia e repetitividade etc.”	Laurell e Noriega, 1989, p. 112
“A carga psíquica do trabalho é a carga, isto é, o eco ao nível do trabalhador da pressão que constitui a organização do trabalho. [...] resulta da confrontação do desejo do trabalhador à injunção do empregador contida na organização do trabalho”.	Dejours, 1994 p. 28
“A carga psíquica pode ser definida em termos de níveis de conflitos no interior da representação consciente ou inconsciente das relações entre a pessoa(ego) e a situação (no caso a organização do trabalho). Mas ela é também o nível em que o sofrimento e a fadiga física, a falta de sono provocada pela distribuição dos períodos de 24 horas, a sobrecarga de trabalho cognitivo podem determinar distúrbios afetivos.”	Wisner, 1994, p. 13
“Refere-se a cargas (aquelas) relacionadas ao fator afetivo ou a significação do trabalho para quem trabalha”	Correa, 2003, p. 17

Dos conceitos elaborados na Tabela 2, apreende-se que a carga psíquica é produzida ou suscetibilizada na organização do trabalho. Elas são relacionadas com as demais cargas, porém, derivam de situações estressoras no processo de trabalho. Os conceitos de carga psíquica sugerem que as exigências oriundas dos processos de trabalho podem estar aquém (subcarga) ou além (sobrecarga) das capacidades (físicas e psíquicas) dos trabalhadores para respondê-las, sendo ela

intensificada pela forma com que cada trabalhador vivencia no seu próprio trabalho.

A psicodinâmica do trabalho enfatiza a centralidade do trabalho na vida dos trabalhadores, analisando os aspectos dessa atividade que podem favorecer a saúde ou a doença. Ao analisar a inter-relação entre saúde mental e trabalho, Dejours (1992) destaca o papel da organização do trabalho, no que diz respeito aos efeitos positivos ou negativos que aquela possa exercer sobre o funcionamento psíquico, à vida mental do trabalhador. Conceitua a organização do trabalho como a divisão das tarefas e a divisão dos homens. A divisão das tarefas engloba os conteúdos destas, o modo operatório e tudo o que por ela é prescrito. A divisão dos homens compreende a forma pela qual as pessoas são divididas em uma empresa e as relações humanas que aí se estabelecem. Conforme Dejours (1994):

Na abordagem psicoeconômica da relação homem-trabalho, convém sublinhar que a organização do trabalho é, de certa forma, a vontade do outro. Ela é, primeiramente a divisão do trabalho e a sua repartição entre os trabalhadores, isto é, a divisão de homens: A organização do trabalho recorta, assim, de uma só vez, o conteúdo da tarefa e as relações humanas de trabalho (DEJOURS, 1994, p.26).

Para Dejours (1994) as cargas de trabalho dividem-se em cargas físicas e mentais. Na carga mental há uma mistura de fenômenos de ordem neurofisiológica e psicossociológica. Porém, o autor reserva para a carga psíquica os fenômenos de ordem psicossociológica, quer seja, os elementos afetivos e relacionais das situações de trabalho. Considera, também, que a carga psíquica pode ser positiva ou negativa. Positiva se o trabalho permite sua diminuição, ou seja, que haja uma via de descarga da energia psíquica aberta. Este é o caso do trabalho livremente organizado, onde o trabalhador sente-se satisfeito durante e no final da execução de uma dada tarefa; A carga é considerada negativa se o trabalho não permite a descarga da energia psíquica que se acumula, traduzindo efeitos negativos (astenia e fadiga). Concluindo, a carga psíquica positiva, segundo o autor, está diretamente relacionada ao trabalho equilibrante e a carga negativa, ao trabalho fatigante.

Laurell e Noriega (1989, p. 12), ao subdividir a carga psíquica em subcarga e sobrecarga, insinuam que o trabalho, se organizado de forma a permitir a

descarga da energia psíquica, torna-se equilibrante, pois quando o trabalhador não pode fazer uso de sua criatividade e está subordinado ao ritmo da engrenagem produtiva, o trabalho torna-se fatigante: "Não é *per sí* que o trabalho faz mal ao trabalhador, mas o modo como ele se realiza" (SORATTO e PINTO, 1999, p. 282).

Fatores intrínsecos ao processo de trabalho são, na realidade, estressores oriundos da organização do trabalho. A pressão do tempo e por metas de produtividade, os conflitos nas relações hierárquicas, os atos repetitivos, a ausência de poder de decisão, a impossibilidade de contato com colegas durante a jornada de trabalho, entre outros, geram insatisfação ao trabalhador. E o fato de o trabalhador estar sujeito à supervisão com pressão ou situações de tensão prolongada (sobrecarga psíquica) ou quando ele não tem controle sobre o seu trabalho (subcarga psíquica) o faz referir sofrimento em relação ao seu trabalho.

A forma que o trabalhador expressa a presença ou existência de carga psíquica do trabalho consiste na persistência de queixas de fatores psicogênicos das demais cargas de trabalho, como os já citados anteriormente.

### **2.3 O estado da arte do conhecimento sobre saúde e trabalho docente**

A educação é um dos pilares do desenvolvimento de uma sociedade. Nela, como cenário, encontram-se diversos atores (alunos, professores, supervisores e diretores, e os funcionários técnico-administrativos) que desempenham diferentes papéis. Cada um deles tem sua função definida. E, para que cada um desempenhe com êxito a sua função, faz-se necessário que as condições (ambientais, técnicas e psicossociais) sejam favoráveis.

As condições de saúde e trabalho dos profissionais da educação têm despertado o interesse em pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento como sociólogos, psicólogos, epidemiologistas dentre outros. Foram abordados, de forma sintética, estudos produzidos e publicados no Brasil desde a década de 80, cujo foco de investigação tenha sido o professor ou a atividade docente, quando utilizadas as palavras-chave: trabalho, trabalho docente, professores, saúde dos professores, cargas de trabalho dos professores e condições de trabalho dos professores.

As bases de dados eletrônicas consultadas foram a Scielo – Scientific Electronic Library on Line PSI, a Index Psi, a Bireme – Biblioteca virtual em saúde, a Lilacs – Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde e o banco de teses e dissertações do Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Além das bases de dados, foram consultados periódicos de referência no campo da Psicologia e da Saúde que referem publicações em saúde ocupacional e saúde mental, como a Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, Revista Brasileira de Medicina, Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Psicologia Ciência e Profissão, Psicologia: Reflexão e Crítica e Estudos de Psicologia, de forma retrospectiva, desde 1990.

Tomando por base livros, teses, dissertações, artigos e monografias consultados, foram identificadas, em termos de tradição de pesquisas, duas vertentes de abordagem. Uma delas trata da voz do professor como instrumento de trabalho; a outra, o estresse no trabalho docente. As tabelas de números 3, 4, 5, 6 e 7 sistematizam a produção do conhecimento disponível sobre trabalho e saúde docente.

Tabela 3 - Síntese de artigos disponíveis sobre a voz do professor como instrumento de trabalho e seus impactos sobre a saúde (1999-2003)

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>Características do estudo</b>
Ruiz, R. C.; Seixas, A. A. A.; Heck, B.; Prior, E. L.; Ruiz, V.	1997	Análise da demanda ambulatorial entre professores do 1º e 2º graus	Revista Universidade e Sociedade; Ano VII, n. 12	Estudo epidemiológico, com dados do NEST – Núcleo de Educação e Saúde do Trabalhador de Sorocaba e região, referentes ao ano de 1995, com professores de 1º e 2º graus da Rede Pública do Estado de São Paulo. Dentre os 41 professores que frequentaram o serviço neste período, foram registradas 118 consultas (41 delas como primeira consulta). No estudo, a laringite ocupacional aparece como diagnóstico em 39.8% das consultas.
Tenor, A. C.; Cyrino, E. G.; Garcia, V. L.	1999	Investigação da percepção vocal de professores de pré-escola da rede municipal de ensino de Botucatu – SP	Salusvita; 18(2): 107-116	Investiga a percepção vocal para o risco ocupacional de desenvolvimento de distúrbios vocais. Participam do estudo 41 professores de 11 escolas, que respondem a um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre auto-percepção vocal.
Vilkmann, E.	2000	Voice problems at work: A challenge for occupational safety and health arrangement.	Folia Phoniatica et Logopaedica; 52 (1-3); 120 – 125	O estudo aponta os professores como profissionais com maior incidência de distúrbios vocais, sugerindo a necessidade de legislação específica que garanta boas condições de trabalho para proteger a saúde dos professores.
Penteado, R. Z.; Pereira, I. M.B.	2001	A voz do professor: Relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida.	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional; n. 95/96; v. 25:109 – 129	O estudo, uma revisão bibliográfica com 34 obras, estabelece relações entre saúde vocal e os distúrbios da voz (disfonias), com as condições de trabalho e de vida dos professores.
Januário, A. C.; Steffani, J. A.; Michels, G.	2003	Voz: Um instrumento humano de trabalho no magistério.	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional; n. 101/102; v. 27:133-138	Através de uma revisão bibliográfica, os autores discutem a disфонia em professores traçando a relação dessa com as condições de trabalho.

Na tabela 3 apresenta-se uma síntese dos artigos disponíveis sobre a voz do professor, tratada como instrumento de trabalho, e seus impactos sobre a saúde. A partir de construções metodológicas diferentes, pode-se observar nos quatro estudos que as condições de trabalho, sejam elas de natureza física, psicossocial ou ergonômica, influenciam no uso da voz do professor, aumentando a probabilidade de riscos à sua saúde. Deles pode-se deduzir que a falta de um projeto ergonômico para as salas de aula, quantidade de alunos presentes, o ruído e a agitação dos alunos muitas vezes obrigam o professor ao uso inadequado da voz.

Trata-se de estudos recentes que revelam a existência de uma preocupação com as condições do exercício profissional de uma categoria de trabalhadores que vem apresentando transtornos de saúde ao longo dos últimos vinte anos, conforme as pesquisas de José Manoel Esteve (1999). Os autores retomam este aspecto (a voz do professor) buscando traçar relações entre os problemas de voz com as condições de trabalho dos professores.

A tabela 4 apresenta uma síntese das teses e dissertações nacionais encontradas, sobre a voz do professor, vista como um instrumento de trabalho.

Tabela 4 - Síntese das teses e dissertações disponíveis sobre a voz do professor como instrumento de trabalho e seus impactos sobre a saúde (1999-2002)

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>Características do estudo</b>
Castro, N. M. T.	1999	Alterações laríngeas e disfunções da voz em professores: um alerta à prevenção	UFSC; PMED; 119 p	Estudo descritivo buscando verificar a existência de alterações laríngeas e disfunções da voz, realizado com professores da rede oficial de ensino do Estado de Santa Catarina (n = 100) avaliados entre maio e novembro de 1998, com vozes perceptualmente normais.
Rolim, M. R. P.	2001	Análise perceptivo-auditiva das vozes dos professores: um estudo da videoconferência no LED - UFSC	UFSC; PEPS; 66 p	Pesquisa de natureza exploratória-descritiva com abordagem predominantemente qualitativa, com o objetivo de verificar a percepção que os professores têm de suas vozes. A amostra é composta por 24 professores que atuavam em videoconferência no ano de 2000.
Braga, C. A. S.; Porto, H. M. P.; Nicoloso, M. S.; Banemann, N.; Petter, V.	2002	Disfonia em professores do ensino fundamental da rede municipal de Porto Alegre	UFRGS; CEDOP;	Estudo descritivo, quantitativo, envolvendo 49 escolas e n = 515, com o objetivo de verificar a ocorrência de disfonia em professores do ensino fundamental.

Considerando as teses e dissertações produzidas sobre a voz do professor como instrumento de trabalho e seus impactos sobre a sua saúde, no mesmo período – entre 1999 e 2002, são produzidos três novos estudos, sendo dois deles com enfoque epidemiológico. Percebe-se, portanto, que a voz do professor continua sendo objeto de pesquisa entre pós-graduandos. Trata-se, também, de estudos recentes, onde predominam, como participantes das amostras, professores do ensino fundamental e médio, exceto o estudo de Rolim (2001), que tem como participantes professores universitários.

As tabelas 3 e 4 mostram que a voz do professor, ao ser considerado um importante instrumento de trabalho, tem sido pouco pesquisada, principalmente entre professores universitários. Os artigos sobre a saúde e o trabalho dos docentes, produzidos por autores nacionais, são sintetizados na tabela 5.

Tabela 5 - Síntese dos artigos disponíveis sobre trabalho e saúde de docentes (1985-2003)

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>Características do estudo</b>
Reinhold, H. H.	1985	Fontes e sintomas de estresse ocupacional em Professores I.	Estudos de Psicologia; n. 2 e 3; p 20-50	Estudo exploratório envolvendo professores I (n = 72) de 9 escolas públicas estaduais de uma cidade do interior e São Paulo, levantando as principais fontes e sintomas de estresse ocupacional.
Santo, A. M. E.; Faria, G. H. D. C.; Cavarsan, A.; Costa, S.	1992	Absenteísmo por licença médica na Universidade Federal de Goiás	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional; n. 75, v 20; p 17-37	O estudo analisa e avalia o comportamento das licenças médicas de afastamento, citando os professores como a terceira categoria funcional que se afastou por licença médica, no período compreendido entre 1986 e 1989.
Soares Jr, J. M.; Pianetti, G. M.; Cecílio, S.; Teixeira, V. P. A.	1994	A saúde dos professores do sexo feminino do ensino primário.	Revista Brasileira de Medicina; n. 7, v. 51; p 891-898	Estudo realizado na rede primária estadual na cidade de Uberaba – MG, com 40 professoras entrevistadas, sendo que 75% da amostra estudada aponta um distúrbio biológico ou psíquico.
Franco, A. C. S. F; Gonçalves, A.; Padovani, C. R.	1998	Relação saúde/doença de professores de educação Física expressa em estudo na rede municipal de ensino, Campinas – SP.	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional; n. 91/92, v. 24; p 75-84	Estudo comparativo entre os afastamentos por licença de saúde dos professores da rede municipal, no período compreendido entre junho de 1991 e maio de 1994. Participam do estudo um grupo de 62 professores de educação física cujas licenças são comparadas às do outro grupo de 57 professores (32 de matemática e 25 de português).
Silvany Neto, A. M.; Araújo, T. M.; Kowalkiewicz, C.; Lima, B. G. C.; Dutra, F. R. D.; Moreira, L.; Sarmo, M. M.	1998	Condições de trabalho e saúde em professores da rede particular de ensino na Bahia: estudo piloto.	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional; n. 91/92, v.24; p 115-124	Estudo que investiga as condições de trabalho e saúde com 497 professores respondendo a um questionário no período de 20 a 23 de setembro de 1995, aplicados por acadêmicos de medicina. As queixas mais recorrentes sobre as condições de trabalho foram a presença do pó de giz, ritmo acelerado de trabalho, esforço físico e ambiente intranquilo e estressante. Quanto às condições de saúde, os professores queixaram-se de cansaço mental, dor de garganta, dor nas costas e dor nas pernas.
Gondim, S. M. G.	2001	Trabalho docente e valores: em questão as novas tecnologias de informação e comunicação.	Estudos de Psicologia – PUC – Campinas; n. 1, v. 18; p 46-57	Aborda as repercussões das novas tecnologias nas organizações educacionais e no trabalho docente por meio da revisão bibliográfica de 42 obras.
Silva, M. R.; Evangelista, O.; Nunes, S. R. L.; Cantos, G. A.	2001	A saúde dos docentes da UFSC: recuperando a enquête dos professores realizada durante a greve de 2001.	Boletim da APUFSC; n. 412; p 3-6	Pesquisa exploratória abordando as condições de saúde/doença e suas relações com as condições de trabalho na UFSC, desenvolvido durante a greve de 2001. Foram distribuídos 300 questionários em Assembléia Geral de setembro/2001, com perguntas sobre as condições de trabalho e estresse.
Kienen, N.; Botomé, S. P.	2003	Docência patológica existe?	Interação em Psicologia; 2003; 7 (1), 141-143	Resenha da obra "Mal-estar docente:" a sala de aula e a saúde dos professores, escrita por José Manuel Esteve.
Verhoeven, C.; Kraaij, V.; Joekes, K.; Maes, S.	2003	Job conditions and wellness/health outcomes in Dutch secondary school teachers	Psychology & Health; 2003; 18(4), 473-487	Compara as condições de trabalho dos professores holandeses com as condições de professores europeus, envolvendo 304 professores em 7 escolas, concluindo que as condições não diferem para os professores envolvidos no estudo.

A saúde dos trabalhadores vem sendo abordada como tema de pesquisa e discussões desde meados da década de 80. No Brasil, Edith Seligmann-Silva pode ser considerada uma das precursoras da tradição em pesquisa em saúde mental e trabalho, área em que vem atuando desde 1985 (ROCHA, BATISTA e MENDONÇA, 2002).

A busca por estudos sobre as relações entre trabalho e saúde dos professores, em bases de dados nacionais e internacionais relevantes, resultou em doze artigos produzidos ao longo de, aproximadamente, duas décadas, dos quais foi possível acessar a íntegra dos artigos e as referências bibliográficas a estes agregadas, de forma a ampliar o conhecimento acerca do tema em estudo. Contudo, nem sempre a busca em periódicos especializados em saúde e saúde mental resultou exitosa. É o caso do Jornal Brasileiro de Psiquiatria, onde não há registro de estudo sobre a saúde e o trabalho docente, desde 1990, e da revista Psicologia Ciência e Profissão, que também não registra nenhum artigo nos últimos dez anos.

Especificamente na Revista Universidade e Sociedade, editada pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES/SN), em busca feita diretamente nos números publicados desde 1995, foi encontrado um único artigo sobre saúde e condições de trabalho docente entre professores do ensino fundamental e médio. Somando-se ao fato do pequeno número de artigos encontrados (somente doze), pode-se inferir a insipiência da pesquisa em saúde e trabalho docente, principalmente entre professores universitários.

É possível destacar dois fatos nos artigos consultados: primeiro, que na maioria deles encontra-se referida a obra de José Manoel Esteves, tanto para abordar estresse e *burnout* quanto para abordar a condições de trabalho dos professores. Esse fato reforça a idéia de que esta obra é referência básica para os estudos sobre o trabalho docente. Segundo, o fato de que, dentre os doze artigos citados nas tabelas 3 e 5, cinco deles são da Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, demonstrando ser este periódico uma fonte de publicação e consulta relevante entre os estudiosos e pesquisadores da saúde ocupacional.

Na tabela 6 encontram-se sintetizadas as teses, dissertações e monografias disponíveis sobre a saúde e o trabalho docente.

Tabela 6 - Teses, Dissertações e monografias disponíveis sobre trabalho e saúde dos docentes (1990 – 2003)

Autor	Ano	Título	Fonte	Características do estudo
Schmidt, I. T.	1990	Stress ocupacional no ambiente acadêmico universitário: um estudo com professores de um distrito universitário.	USP – Instituto de Psicologia; 157 p	O estudo tem a finalidade de determinar as principais fontes de estresse ocupacional que incidem no ambiente universitário e os graus de intensidade sentidos por esses docentes, como também, os efeitos psicossomáticos decorrentes. Com uma amostra representando 47% dos docentes do distrito (n = 230) a autora produz uma contribuição inédita no país, sobre estresse ocupacional em professores.
Wenzel, R. L.	1991	O professor e o trabalho abstrato: uma análise da (des)qualificação do professor	UFSC;PEED; 153 p	O estudo, uma revisão bibliográfica retrospectiva, trata das modificações sofridas pelo trabalho docente, tendo em vista as transformações políticas, econômicas e sociais, que atingiram a educação no mundo inteiro.
Tenfen, W.	1992	O processo de (des)qualificação do professor.	UFSC;PEED; 78 p	A pesquisa trata das mudanças contextuais da educação e a metamorfose da figura do mestre em professor devido à reorganização do trabalho docente. Envolvendo professores da região de Braço do Norte – SC, o autor explora uma das várias entrevistas por ele realizadas.
Oliveira, C. R. B.	2001	Bem-estar dos docentes de uma Instituição privada de Ensino Superior.	UFSC;PEPS; 97 p	O estudo apresenta os fatores que mais têm influenciado o bem-estar dos professores de uma instituição privada da Grande Florianópolis. A composição amostral é de 45,53% dos professores da instituição (n = 59) que respondem a um instrumento construído especificamente para este estudo.
Fonseca, C. C. O. P.	2001	O adoecer psíquico no trabalho do professor do ensino fundamental e médio da rede pública no estado de Minas Gerais.	UFSC;PEPS; 226 p	Estudo de caso apresentando variados tipos de dados envolvendo afastamento do trabalho por motivo de saúde, buscando identificar os sintomas que mais atingem os professores. Participaram aproximadamente 10% dos professores da rede (n = 133) sendo que 123 professores respondem a um questionário, e outros 10 a entrevistas.
Mendes, F. M. P.	2002	Incidência de <i>burnout</i> em professores universitários	UFSC;PEPS; 165 p	Aborda a Síndrome de <i>Burnout</i> como uma consequência do estresse laboral crônico. A amostra compõe-se de psicólogos, professores do curso de Psicologia de uma instituição privada de ensino superior.
Gomes, L.	2002	Trabalho multifacetado de professores e professoras: a saúde entre limites.	ENASP – RJ; 123 p	A pesquisa visa desenvolver uma análise que levasse à compreensão da dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes do ensino médio de uma escola estadual do Rio de Janeiro, focando a atenção na análise de fatores que contribuem para a sobrecarga de trabalho.
Kienen, N.	2003	Percepção das relações entre o trabalho e a saúde de professores e alunos universitários.	UFSC;PPSI; 433 p	O estudo tem como objetivo caracterizar as relações de trabalho estabelecidas entre professores e alunos, e identificar suas possíveis influências nas condições de saúde de ambos. Tem como amostra 23 alunos e 7 professores do sexto semestre de um curso de Psicologia.

A produção científica nos cursos de Pós-Graduação sobre as relações entre trabalho e saúde dos professores remonta a 1990, com a tese de doutorado, defendida por Ivone T. Schmidt, junto ao Instituto de Psicologia da USP. Foram localizados, também, dois outros estudos produzidos por alunos do Programa de

Pós-Graduação em Educação – PEED – UFSC, que datam de 1991 e 1992, sobre o trabalho docente. Há, porém, uma lacuna temporal nesta produção, que se estende até o ano de 2001, quando voltam a ser produzidos cinco novos estudos, quatro deles na UFSC. Embora sejam estudos de abordagens semelhantes (estresse, *burnout*, condições de trabalho), eles se diferenciam por suas construções metodológicas. São revisões bibliográficas, estudos de caso e estudos exploratórios e/ou descritivos, que utilizam questionários, entrevistas e instrumentos padronizados nas suas investigações. Ressalta-se que, observados os instrumentos criados especificamente para cada um dos estudos, há semelhanças na abordagem nas variáveis estudadas (demográficas, ocupacionais e ambientais).

De uma forma geral, nos estudos relacionados nas tabelas 3, 4, 5 e 6 observa-se rigor no tratamento metodológico, adequado a cada caso, ainda que alguns deles apresentem problemas quanto a capacidade de generalizar resultados, tendo em vista o tamanho das amostras estudadas. Podem ser caracterizados, em sua maioria, como estudos estatísticos que utilizam medidas descritivas de tendência central e servem de incentivo e de horizonte para novas pesquisas. Vale ressaltar que, dentre os estudos citados, oito deles (teses e dissertações) foram produzidos em programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, confirmando o interesse de diferentes áreas de pesquisas sobre a saúde e o trabalho de docentes dos três níveis de ensino das redes pública e privada.

Por último, a tabela 7 apresenta os resultados sistematizados da busca feita por livros publicados no Brasil, nas duas últimas décadas.

Tabela 7 - Síntese dos livros disponíveis sobre trabalho e saúde dos docentes

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>Características do estudo</b>
Esteve, J. M.	1999	Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores	Edusc; São Paulo; 175 p.	Aborda as condições de trabalho e a saúde dos professores, partindo de dados estatísticos em pesquisas internacionais, o que lhe possibilita afirmar não ser o mal-estar docente, uma particularidade dos docentes espanhóis. A obra é traduzida e editada no Brasil em 1999 e serve de referência aos estudos brasileiros devido a sua importante contribuição na compreensão dos fenômenos do cotidiano de trabalho dos professores e trabalhadores da educação.
Codo, W. (Coord.)	1999	Educação: carinho e trabalho	Vozes; Petrópolis – RJ; 432 p.	O livro, coordenado por Wanderley Codo, dividido em seis partes, tem em sua quinta parte, 14 capítulos sobre <i>burnout</i> em profissionais da educação, enfocando as condições de trabalho e suas implicações na saúde destes trabalhadores. Trata-se de resultados da primeira investigação sistemática e de grande porte feita no Brasil sobre esta síndrome, algo que vem sendo pesquisada, há algum tempo, em diversos outros países.
Lipp, M. E. N. (Org)	2002	O stress do professor	Papirus; Campinas-SP; 136 p.	Partindo da premissa que os problemas relacionados à educação são complexos e numerosos, e que os professores estão em constante pressão, a autora apresenta, neste livro, estratégias para o professor lidar com o estresse ocupacional.
Benevides-Pereira, A. M. T.	2002	Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador	Casa do Psicólogo; São Paulo; 282 p	A obra, dividida em dez capítulos, aborda <i>burnout</i> em diferentes categorias profissionais. O sétimo capítulo, escrito por Carlotto, refere-se a um estudo de caso sobre <i>burnout</i> e satisfação no trabalho, com professores universitários.

Na busca feita por livros, com os descritores citados anteriormente, tendo em vista as necessidades deste estudo, foram selecionadas somente quatro obras referidas na tabela 7, por se tratar de autores que discutem as condições de trabalho e de saúde dos docentes.

Os estudos que enfatizam a voz do professor no seu cotidiano de trabalho trazem à tona um dos maiores problemas desses profissionais. Os agravos à voz nem sempre são perceptíveis e de difícil diagnóstico, embora sua sintomatologia seja percebida pelo professor. Não há, porém, dados epidemiológicos sobre doenças de professores, quer seja da rede pública, quer da rede privada.

A retomada dos estudos sobre as condições da voz dos professores é, hoje, de suma importância, uma vez que as características da atividade docente sofreram transformações significativas (quantidade de turmas e alunos, dupla e

tripla jornada de trabalho em diferentes instituições de ensino) que levam os professores a uma maior utilização da sua voz. O que é claro, nos estudos apresentados, é que não há preparo, conscientização ou prevenção para o enfrentamento do problema. Observa-se, entretanto, que os estudos citados contribuem para a compreensão do problema e servem para despertar a curiosidade de outros pesquisadores e, até mesmo, dos professores na busca de uma maior clareza de como o uso da voz pode se tornar um problema para um profissional que se utiliza dela no seu cotidiano de trabalho.

Aos autores que estudam as condições de trabalho e de saúde dos professores, coube explorar as atuais condições de trabalho, com base em outras obras, aprimorando a metodologia de pesquisa e aproximando o leitor da realidade atual. Enquanto uns enfocam estresse e *burnout*, buscando a relação da incidência desses problemas entre os professores e suas condições de trabalho, outros investigam as condições de trabalho da categoria docente. A contribuição de ambos, amplia o conhecimento científico e serve de incentivo para novas pesquisas.

No cenário brasileiro tendo como base o que foi encontrado na revisão dos artigos e das teses das dissertações, é possível vislumbrar um crescimento do número de caso de adoecimento na categoria docente, embora não se tenham dados oficiais sobre os profissionais que compõem a maior categoria de trabalhadores da nação. Pode-se, também, vislumbrar a precarização, cada vez maior, das condições de trabalho dos professores, tanto na rede pública quanto na rede privada.

Há várias obras publicadas sobre a atividade docente com diferentes enfoques. Algumas categorizam a atividade e outras discutem a formação dos professores. As obras listadas na Tabela 7 prestam importante colaboração aos pesquisadores da atualidade quando colocam os leitores a par dos principais problemas pelos quais passa a categoria docente, em termos de saúde e de condições de trabalho. Os autores referidos retratam, em suas obras, o quadro real da situação dos professores em relação à sua saúde e suas condições de trabalho, buscando mobilizar o poder público, a categoria docente e a sociedade, na procura de caminhos que levem a minimização do sofrimento (físico e psíquico) dos professores, e ao (re)encontro do prazer de se exercer essa profissão.

## 2.4 Ergonomia, saúde do trabalhador e trabalho docente

A produção do conhecimento sobre saúde em ergonomia estão relacionados a investigação de agravos à saúde dos trabalhadores no confronto com a organização do trabalho, com destaque para os estudos dos Distúrbios Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT), estresse, cargas psicológicas e aspectos da organização do trabalho, tais como, riscos ocupacionais, mudanças tecnológicas, modos de degradação e de gestão do trabalho.

Para Falzon (1993), parte dos textos em ergonomia está centrada na noção de que cabe aos ergonomistas o estudo da mobilização física do trabalhador, estando os aspectos cognitivos freqüentemente considerados como fazendo parte exclusivamente do estudo da eficácia no trabalho, nem sempre os relacionando com os processos de saúde do trabalhador. Montmollin (1993), ao examinar as relações entre cognição e saúde na atividade de trabalho, discute os aspectos paliativos que, em ergonomia podem ser percebidos na concepção de sistemas que simplificam de tal maneira a atividade que reduzem a capacidade do desenvolvimento de competências do trabalhador. Nesse aspecto, faz uma crítica específica aos estudos sobre carga mental que, por meio de pressupostos fisiológicos, enfatizam a necessidade de evitar sobrecargas, característica de uma compreensão de “trabalhador em repouso”. Para Montmollin (1993), ao invés disso, uma abordagem ergonômica deve necessariamente privilegiar o desenvolvimento de competências e sua relação com as exigências da organização do trabalho e o estresse.

A produção do conhecimento sobre saúde em ergonomia, contudo, reflete uma série de contribuições históricas que ajudaram a construir o horizonte teórico e metodológico dos estudos sobre saúde no trabalho. Os estudos de Ramazzini e de De Quervain, por exemplo, quando descrevem e relacionam um conjunto de sinais e sintomas, decorrentes de atividades laborais, em categorias profissionais específicas, são paradigmas importantes na construção de uma tradição de pesquisas em saúde do trabalhador.

Há marcos históricos na investigação dos processos de saúde no trabalho e desenvolvimento da ergonomia como ciência. Senão, vejamos.

Na história das antigas civilizações já se encontra registro informando que o homem primitivo buscava, naquela época, melhorar suas ferramentas de trabalho (usados na caça e na pesca) seus instrumentos e utensílios (confeccionados em pau e pedra) de uso diário, objetivando melhorar a qualidade de sua vida, facilitando assim, a sua sobrevivência. Passaram-se séculos, mas sabe-se, hoje, que o homem primitivo já buscava adequar seus instrumentos de trabalho à sua mão, ou seja, de forma que lhe fosse mais fácil segurar e/ou manusear os instrumentos, sem prejuízo do seu objetivo (MORAES e MONT'ALVÃO, 2000).

As civilizações evoluíram, porém, a busca por um modo confortável e eficiente de produção ainda persiste. Passamos por um período de produção artesanal, no qual a organização do trabalho não era tão exigente, e as adaptações eram moduladas pelos próprios trabalhadores. O tempo avança, a revolução industrial, por volta do ano de 1750, impõe novas formas de trabalhar e de produzir, dando novas características ao mundo do trabalho. Vêm as grandes Guerras (as mundiais) trazendo outras demandas – umas para dar conta das próprias guerras, outras para a reconstrução das nações atingidas, que implicam em mudanças tecnológicas.

O chamado mundo do trabalho experimentou um crescimento econômico em escalas crescentes após a II Guerra Mundial. Experimentamos épocas de produção diferenciada, utilizando modelos de produção como o Taylorismo, o Fordismo e o Toyotismo. Esses modelos caracterizados basicamente por uma organização de produção à serviço do capital, marcados pela racionalização, mecanização, produção em massa e controle hierárquico, imprimem ritmos e responsabilidades cada vez mais acentuados sobre o processo de trabalho, trazendo implicações econômicas e sociais para a humanidade.

É no pós-guerra que surge a ergonomia, uma ciência que conta, hoje, com meio século de atividade. Na contemporaneidade, o inglês K.F.H. Murrel usou o termo ergonomia pela primeira vez, como campo de saber específico, com objeto próprio e com objetivos particulares. Em 1949, ano em que os pesquisadores interessados em estudar os seres humanos em seus ambientes de trabalho resolveram criar a *Ergonomic Research Society* (MORAES e MONTALVÃO, 2000). No final da década de 70, Laville (1977) define ergonomia como “um conjunto de conhecimentos a respeito do desempenho do homem em atividade, a

fim de aplicá-los à concepção de tarefas, dos instrumentos, das máquinas e dos sistemas de produção”, enfatizando a intenção da ergonomia em estudar a eficácia da ação humana em sistemas produtivos. Nesse conceito, percebe-se a intenção do autor em propor uma redefinição na organização do trabalho, buscando facilitar o desempenho do trabalhador e a produtividade da empresa.

Dez anos após, Wisner (1987) afirma que “a ergonomia é um conjunto de conhecimentos científicos relativos ao homem e necessários para a concepção de ferramentas, máquinas e dispositivos que possam ser utilizados com o maior conforto, segurança e eficácia”. Há, neste conceito, uma reafirmação do conceito de Laville, reforçando a idéia de que há que se observar às condições de trabalho em qualquer ramo de atividade. Entretanto, em meio ao debate sobre os modos de degradação do trabalho e dos trabalhadores, intensificado ao longo da década de 80, especialmente na Europa, esse conceito é complementado pelo autor, em 1994, considerando que a ergonomia tem, pelo menos, duas finalidades: uma delas é o melhoramento e a conservação da saúde dos trabalhadores; a outra, a concepção e o funcionamento satisfatório do ponto de vista da produção e da segurança.

É exatamente neste período que começam a detectadas ser as ocorrências de Lesões por Esforços Repetitivos (LER), nos países industrializados (Estados Unidos, Austrália, Japão). No Brasil, os primeiros casos são registrados entre bancários, por volta de 1984, e cresce o número de casos assustadoramente, atingindo outras categorias profissionais no final da década de 80. Esse crescimento faz com que Lida (1990) passe a definir a ergonomia como o “estudo da adaptação do trabalho ao homem envolvendo não somente o ambiente físico, mas também os aspectos organizacionais de como este trabalho é programado e controlado para produzir os resultados desejados”.

Ao longo da década de 90, cresce o número de casos de LER em todo o mundo atingindo, além de bancários, operadores de caixa registradora, trabalhadores da saúde, trabalhadores da educação, entre outros, tornando-se necessárias medidas para prevenção e controle da situação. No Brasil, a Norma Regulamentadora – NR 17, de 23 de novembro de 1987, veio dar um grande impulso ao desenvolvimento da ergonomia no país, normatizando as condições necessárias ao controle dos efeitos patogênicos físicos e psicológicos da organização do trabalho.

No final da década, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), publica em 11 de julho de 1997, no Diário Oficial da União, matéria disciplinar que, ao substituir a sigla LER por DORT, amplia o número de doenças incluindo nos DORT, os Distúrbios Músculo-esqueléticos (DMEs), que atingem outros segmentos corporais, que não sejam os membros superiores, como por exemplo, as algias da coluna vertebral.

Em meio a um cenário de epidemia de doenças relacionadas ao trabalho, fortalece-se, nos últimos vinte anos, a preocupação nos estudos ergonômicos com as condições de saúde, aperfeiçoando o olhar sobre os processos de bem-estar na ação humana no trabalho e percebendo que os meios de produção implicam em custos na saúde dos trabalhadores. Para tanto, vem agregando conhecimentos de outras áreas do conhecimento científico, tornando-se mais acessível a profissionais de diferentes campos de atuação e contribuindo de forma considerável na compreensão das relações do homem com o seu trabalho.

Da forma como evolui, a ergonomia pode, hoje, contribuir para outras áreas de conhecimento, pois, valendo-se de diversos conteúdos apreendidos na interdisciplinaridade, tende a melhorar a compreensão das situações de trabalho, possibilitando sua transformação, de modo a reduzir os efeitos nocivos do trabalho sobre a vida dos trabalhadores. Guérin, Laville, Daneillou e cols (2001) afirmam que a finalidade da ergonomia é transformar o trabalho de forma a contribuir para a concepção de situações de trabalho que garantam a saúde dos trabalhadores e o alcance dos objetivos da empresa, quer na produção de bens ou de serviços.

É a partir da análise das condições de trabalho que a ergonomia pode intervir na organização, pois seu objetivo é entender e (re)organizar o trabalho, concebendo novos produtos, melhorando os ambientes laborais e a organização. Tendo como finalidade o melhoramento e a conservação da saúde dos trabalhadores, a ergonomia presta contribuição ao mundo do trabalho a partir do momento em que se propõe a estudar o homem em seu trabalho, observando, analisando e compreendendo a distância existente entre o trabalho prescrito - a tarefa, e o trabalho real - a atividade (MONTMOLLIN,1984; WISNER, 1987; DANIELLOU, 1989).

A análise do trabalho pode ser feita sob diversas metodologias. Uma das metodologias que se tem mostrado bastante eficaz, e amplamente utilizada em

pesquisas nacionais e internacionais, é a Análise Ergonômica do Trabalho (AET), que tem origem na ergonomia francesa. A característica básica da AET é a observação do trabalhador em ação, junto ao seu posto de trabalho, e seu principal foco é a atividade real de trabalho. Seus objetivos, métodos e desenvolvimento teóricos são centrados sobre a atividade desenvolvida pelo trabalhador (físicas e cognitivas), de acordo com as condições e os meios técnicos disponíveis de trabalho (WISNER, 1994).

A AET, como metodologia, compreende três fases de análise: a análise da demanda, da tarefa e da atividade. Ela apresenta uma possibilidade de compreensão mais abrangente da situação de trabalho estudando todos os componentes envolvidos numa situação de desempenho produtivo, relacionando-os conforme se processa o cotidiano da empresa. Vista desta forma, a AET objetiva a análise das exigências e condições reais da tarefa e análise das funções efetivamente utilizadas pelos trabalhadores para a realização de suas tarefas (LAVILLE, 1977).

A primeira fase da AET, a fase de análise da demanda, inicia a partir da formulação de uma questão, por parte de um interlocutor interessado (direta ou indiretamente) em resolvê-la e consiste em definir o problema a ser analisado, delimitar o objeto de estudo e esclarecer as finalidades do estudo (GUÉRIN LAVILLE, DANIELLOU e cols, 2001). A análise da tarefa, a segunda fase da AET, inclui a coleta sistemática de informações sobre a situação de trabalho, por meio de levantamento junto aos trabalhadores e outros serviços da empresa, relacionados ao problema. Nos levantamentos são utilizadas entrevistas e/ou questionários que abordam aspectos técnicos da situação de trabalho e as dificuldades existentes, e permitem, também, identificar a população estudada (em termos de idade, sexo, grau de instrução, tempo de serviço e tempo na função, etc) e as queixas relatadas pelo grupo de trabalhadores (GUÉRIN, LAVILLE, DANIELLOU e cols, 2001). A terceira fase, a análise da atividade, busca compreender os determinantes do trabalho em situações reais, ou seja; saber qual o conjunto de ações que o trabalhador lança mão para dar conta de suas tarefas.

Montmollin (1984) considera que a atividade é o que se faz realmente enquanto que a tarefa indica o que deve ser feito. Desta forma, a atividade sugere o modo que o trabalhador encontra para realizar as ordens pré-determinadas.

Guérin, Laville, Daniellou e cols (2001) afirmam que a atividade é o elemento central, organizador e estruturante dos componentes da situação de trabalho. Ela representa uma resposta às condicionantes determinadas exteriormente ao trabalhador simultaneamente suscetível de transformá-los.

Ao final, concluídas as três fases da AET, analisados e discutidos os resultados com os atores envolvidos, já se torna possível uma intervenção qualificada naquela situação de trabalho citada como problema que originou a demanda. Citando Guérin, Laville, Daniellou e cols (2001), a AET tem por finalidade transformar o trabalho.

Embora se constate a evolução nos estudos sobre condições de trabalho e processos de adoecimento, ainda não são encontrados estudos desta natureza que abordem a atividade docente, entre as pesquisas da ergonomia. Há estudos sobre condições de trabalho e problemas de voz dos professores, porém, não são de abordagem ergonômica. Há, também, diversos estudos que apontam uma grande incidência da síndrome de *burnout* em professores sem, portanto, uma contribuição da ergonomia, principalmente na discussão dos resultados dos estudos.

A atividade docente, um trabalho diferente em alguns aspectos como, por exemplo, ser um trabalho que é iniciado e deve ser concluído pelo mesmo trabalhador, e semelhante em outros aspectos como jornada de trabalho, hierarquia e remuneração, parece, ainda, não ter despertado o interesse dos ergonomistas, tendo em vista o reduzido número de estudos publicados sobre condições de trabalho dos professores. Atualmente, os professores, sem distinção do nível de ensino em que atuam e independentemente de ser escola ser ou privada, têm apresentado problemas de saúde que vão desde problemas de voz, passando por DORT e chegando a quadros de depressão e estresse.

Considerando que, com as transformações do mundo do trabalho, mudaram, também, as características do mercado de trabalho no ramo da educação. Ao mesmo tempo, observa-se uma desvalorização da figura do professor e uma exigência maior para com este profissional que precisa estar atualizado, dependendo do seu próprio salário para se atualizar. A precariedade das relações de trabalho entre contratante e contratado também atinge aos professores da rede pública e da rede privada. Os reflexos desta nova situação estão nos números de casos de afastamentos (mesmo que estes números fujam

do controle estatístico institucional) mostrados nas pesquisas já referidas nas tabelas de números 3, 4, 5 e 6, em páginas anteriores do presente estudo.

Situação semelhante a dos professores brasileiros, vivem os professores de outros países, referidos nos estudos de Verhoeven, Kraaij e Joeke (2003) com professores holandeses, onde são comparadas suas condições com as condições de trabalho de professores de outros países europeus, concluindo que as condições de trabalho de ambos não diferem. Já Vilkman (2000) aponta os professores finlandeses como os profissionais com maior incidência de desordens vocais. Nessa mesma direção de estudo, a incidência de laringite ocupacional foi de 39,8% dos professores estudados por Ruiz e cols. (1997), que pertencem à rede pública de ensino de São Paulo.

### **3 MÉTODO**

O método constitui um dos pontos centrais na organização da produção do conhecimento científico. Ele é, na verdade, um conjunto de princípios gerais que norteiam e orientam a conduta do pesquisador durante o processo pesquisa. É por meio do método que se garante a validade do conhecimento descoberto, sendo o seu delineamento a parte mais importante da pesquisa (CAMPOS, 2001).

#### **3.1 Caracterização do estudo**

O presente estudo, com base geográfica delimitada, é de natureza descritiva, pois pretende observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos (as variáveis do estudo), sem manipulá-los, procurando descobrir com o máximo de precisão, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza e características, e sua relação e conexão com outros fenômenos. É, também, um estudo exploratório, pois objetiva familiarizar-se com o fenômeno (a carga psíquica no processo de saúde e trabalho) ou obter compreensões sobre o mesmo e descobrir novas idéias que impulsionem outras pesquisas (CERVO e BERVIAN, 1996; MEDRONHO e cols, 2003).

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, foram programadas estratégias operacionais para a pesquisa de campo, para a sistematização e análise dos dados e para o tratamento estatístico.

##### **3.1.1 Caracterização do local e dos ambientes de investigação**

Das Universidades gaúchas, duas estão localizadas na capital do estado (UFRGS e FFFCMPA) e outras três (UFPEL, FURG e UFSM) em cidades do interior do estado.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi a primeira universidade federal localizada fora das capitais estaduais, constituindo-se no marco da descentralização do ensino superior no Brasil. Criada em 1960, congrega quarenta e quatro cursos de graduação com cinquenta e oito habilitações e quarenta e oito cursos de pós-graduação (14 especializações, 24 mestrados e 11 doutorados), onde estão matriculados aproximadamente dezesseis mil alunos. Para dar suporte e sustentabilidade à estrutura, a UFSM conta com um orçamento anual que supera o orçamento da Prefeitura Municipal.

Santa Maria é uma cidade com aproximadamente 250 mil habitantes, situada na região central do Rio Grande do Sul, constituindo-se como referência regional, atraindo um contingente populacional que vem em busca, entre outras coisas, de melhores recursos de atenção à saúde, maiores ofertas no comércio, além das oportunidades de estudo. Caracteriza-se por uma economia baseada nas atividades comércio e de serviços, concentrando grande número de trabalhadores do serviço público federal, distribuídos entre militares e civis, entre os quais se encontram os docentes da UFSM.

Os ambientes variaram de acordo com a atividade didática. As aulas teóricas foram observadas em salas de aula em diversos prédios do Campus-Camobi e no prédio do antigo hospital; algumas aulas aconteceram em locais adaptados como salas administrativas, auditórios e salas de reunião. As aulas práticas foram observadas em laboratórios experimentais, nos ambulatórios de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Odontologia e, em unidades de internação hospitalar (sendo que parte das aulas aconteceram no Hall de espera, corredores de circulação, enfermarias) do HUSM.

### 3.2 Caracterização da População e Amostra

Com base no Censo da Educação Superior 2003 (INEP<sup>3</sup>, 2003), as IFES do Estado do Rio Grande do Sul possuem, em 30 de junho de 2003, em conjunto, 5086 docentes (graduados, especialistas, mestres e doutores), conforme distribuição mostrada na Tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição dos docentes efetivos das IFES do Rio Grande do Sul

<i>Instituição</i>	<i>Total</i>	<i>Em exercício</i>	<i>Grad</i>	<i>Esp</i>	<i>Ms</i>	<i>Dr</i>	<i>DE</i>	<i>Parcial</i>	<i>Horista</i>
FURG	615	566	93	115	212	195	578	37	
UFPEL	845	747	202	118	269	256	786	59	
UFSM	1243	1083	250	121	400	472	1166	77	
UFRGS	2215	2190	237	142	537	1299	1647	315	253
FFFCMPA	168	166	15	45	35	73	107	61	
	5086								

Fonte: INEP-MEC (2004)

A UFSM possui em seu quadro, em 31 de dezembro de 2003, um total de 1014 professores efetivos, distribuídos em 8 centros de ensino. A base

<sup>3</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

populacional foi composta por professores contratados e lotados no Centro de Ciências da Saúde – CCS, conforme destacado na tabela 9.

Tabela 9 - Distribuição dos professores da UFSM por Unidade de Ensino, titulação e regime de trabalho

Centros	Graduados			Especialistas			Mestres			Doutores			Total
	20	40	DE	20	40	DE	20	40	DE	20	40	DE	
CCNE	02		03			03			49			104	161
CCR			04			08			38			115	165
<b>CCS</b>		<b>18</b>	<b>08</b>	<b>04</b>	<b>35</b>	<b>20</b>		<b>24</b>	<b>60</b>		<b>18</b>	<b>70</b>	<b>257</b>
CE						04			32			29	65
CCSH	01	04	03		03	13	02	10	59	02	47	144	
CT	01	01	09	01		09		01	39		60	121	
CAL		01	10			02		01	45		20	79	
CEFD						01			10		11	22	
<b>Total</b>		<b>65</b>			<b>103</b>			<b>370</b>			<b>476</b>	<b>1014</b>	

Fonte: UFSM em números (2004)<sup>4</sup>

A população estudada foi composta de professores lotados no Centro de Ciências da Saúde – CCS que aderiram voluntariamente ao estudo, respondendo aos instrumentos distribuídos pelo pesquisador, devolvendo-os devidamente preenchidos, na secretaria do seu respectivo Departamento.

### 3.3 Procedimentos

#### 3.3.1 Consulta às fontes bibliográficas

Parte da revisão bibliográfica foi realizada com base em consultas às principais bases de dados eletrônicas nacionais e internacionais e no banco de Teses e Dissertações da CAPES e do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. As bases de dados consultadas foram: a) MEDLINE – *Medicine on line*, uma das mais conceituadas bases de dados internacionais, especializada em artigos médicos, biológicos e epidemiológicos; b) LILACS – Literatura e Periódicos Latino-Americana e do Caribe, base de dados especializada em ciências da saúde; c) BIREME/OPAS/WHOLIS/OMS – Sistema integrado de informação do Centro Latino-Americano de informações, que integra

<sup>4</sup> Informativo publicado pela Coordenadoria de Planejamento Informacional da Pró-Reitoria de Planejamento da UFSM, em agosto de 2004.

informações de bibliotecas virtuais em ciências da saúde e da Organização Mundial da Saúde; d) PsycINFO - Referência internacional dos estudos psicológicos, pertencente a Associação Norte-Americana de Psicologia (APA); e) SCIELO – *Scientific Eletronic Library Online*, base de dados especializada em publicações de trabalhos científicos brasileiros.

### **3.3.2 Pesquisa documental**

Para aferir dados sobre as condições de saúde dos professores, foi realizada uma pesquisa nos arquivos eletrônicos da Pró-Reitoria de Recursos Humanos da UFSM sobre o absenteísmo entre os professores lotados no CCS – UFSM, derivado de licença para tratamento de saúde – LTS, bem como o tempo de afastamento de cada licença (em número de dias), no período compreendido entre jan/2000 até mar/2003. Os dados obtidos nesta pesquisa, além de servir como motivadores, justificam o interesse pelo presente estudo, uma vez que o CCS é o centro que possui o maior número de professores contratados da UFSM, representando 1/4 dos professores da instituição.

## **3.4 Organização das variáveis do estudo**

### **3.4.1 Variáveis critério**

- a. Variável critério de inclusão :
  - Ser docente da UFSM, lotado no CCS e aceitar participar voluntariamente da pesquisa.
  
- b. Variáveis critério de exclusão
  - Docentes que se recusarem a responder os instrumentos de pesquisa;
  - Docentes que se recusarem a prestar informações sobre dados sócio-demográficos;
  - Docentes que devolverem os instrumentos com mais de 10% das questões em branco ou com respostas inválidas;

- Docentes que enviarem os instrumentos após o prazo estabelecido.

### **3.4.2 Variáveis sócio-demográficas**

Este conjunto de variáveis, além de possibilitar traçar o perfil dos participantes, permite cruzar estes dados com as demais variáveis do estudo. São elas: idade, sexo, estado civil e nível de instrução.

### **3.4.3 Variáveis ocupacionais**

O primeiro grupo de variáveis ocupacionais serve para traçar o perfil funcional dos participantes: título de graduação, ano de graduação, tempo de docência, tempo de docência na instituição atual, nível funcional, titulação, número de disciplinas que leciona, número de horas-aula por semana.

### **3.4.4 Variáveis ambientais**

A saúde de um indivíduo relaciona-se, estreitamente, com o tipo de ocupação que exerce, pois o ambiente de trabalho determina muitos riscos aos quais o trabalhador fica exposto, durante boa parte de sua vida (Pereira, 1995). As variáveis ambientais estudadas foram: físicas (iluminação, temperatura, ventilação, ruído e distribuição do espaço físico), químicas (contaminação por drogas), biológicas (contaminação por microrganismos) e mecânicas (meios de trabalho).

### **3.4.5 Variáveis intervenientes**

São variáveis que, de alguma forma, podem influenciar nos resultados de uma pesquisa. Neste estudo foram consideradas variáveis intervenientes: o tempo de exercício de docência, o número de disciplinas diferentes ministradas no mesmo semestre e o estado de bem-estar psicológico do professor percebido pelo participante da pesquisa no momento de avaliação da carga psíquica de trabalho.

### 3.4.6 Carga psíquica de trabalho

A carga psíquica é a principal variável dependente deste estudo. Ela representa o modo de perceber as repercussões das exigências da organização e dos processos de trabalho sobre a capacidade dos professores de respondê-las efetivamente. A forma com que cada participante expressa a presença ou existência de carga psíquica do trabalho consiste na persistência de queixas de fatores psicogênicos relacionadas às demais variáveis dimensionadas neste estudo.

### 3.5 Instrumentos de coleta de dados

Para este estudo foram construídos três instrumentos: a) protocolo de observação de campo; b) inventário das exigências e da atividade do professor da área da saúde (*check-list*) e c) Questionário de Avaliação da Carga Psíquica do trabalho (Q-CP), este último, associado ao Inventário de Bem-Estar Psicológico (SCHONBLUM, 2004).

#### a. Protocolo de observação de campo

Buscando caracterizar as condições de trabalho dos docentes, foi construído, com base na Análise Ergonômica do Trabalho – AET, preconizada por Guérin, Laville, Daniellou e cols. (2001) e Fialho e Santos (1997), um protocolo de observação de campo (Apêndice 1). Dele constam variáveis como: disciplina, horário da aula, número de alunos regularmente matriculados na disciplina, número de alunos presentes em sala de aula, número e estado de conservação das carteiras e cadeiras da sala, espaço e mobiliário reservado ao professor, área física, distribuição do espaço físico, condições de iluminação, de ventilação e de temperatura, ruídos (internos e externos), materiais audiovisuais disponíveis e suas condições, riscos físicos, químicos e biológicos dos locais das aulas teóricas, teórico-práticas e práticas.

O protocolo conta com 37 itens que, além de identificar a disciplina, norteiam a observação do pesquisador, durante as atividades didáticas por ele acompanhadas, em relação às condições de trabalho dos professores. O primeiro bloco de itens se refere à caracterização da organização da disciplina; o segundo

bloco, à caracterização da sala de aula; o terceiro bloco, às condições tecnológicas de trabalho; o quarto bloco, às condições de higiene e de salubridade dos ambientes de trabalho e, o quinto bloco, às condições ergonômicas e regulações no trabalho.

- b. Inventário das exigências e das atividades dos professores da área da saúde (*check-list*).

Produto da fase de observação, o *check-list* foi construído com base no que foi observado em sala de aula, laboratórios, ambulatórios e unidades de internação, e pontuado conforme os aspectos que mais se destacaram durante as atividades observadas. Considerando que ao final de cada aula foi feita uma entrevista, momento no qual o observador pode trocar impressões acerca do que observou e discutir com o professor aqueles aspectos observados, o *check-list* retrata os aspectos e as questões levantadas e apontadas como muito incidentes entre os 35 professores que participaram da primeira fase do estudo. Ao todo, foram formulados 64 itens, elaborados de forma a serem respondidos pelos professores com base em três alternativas: impertinente, itens que não dizem respeito às necessidades de estudos das cargas de trabalho do professor; pouco pertinente, itens que dizem respeito às necessidades de estudo, mas consideradas não significativos; e pertinente, itens que expressam aspectos importantes a serem investigados em relação as atividades do professor (Apêndice 2).

- c. O Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP)

O Q-CP foi construído com base nos resultados obtidos com a aplicação do *check-list*, feito com parte dos professores que ministraram as aulas observadas. Dos 64 itens listados no *check-list*, apenas 7 deles obtiveram média inferior a 6.0 e foram eliminados. Os demais foram agrupados em 49 itens que formaram o questionário definitivo, agrupados em três blocos (Apêndice 3). O primeiro bloco contém 6 itens que abordam aspectos físicos do ambiente de trabalho: iluminação, temperatura, ventilação e ruído. O segundo bloco contém 41 itens que descreve aspectos da organização do trabalho: autonomia, responsabilidades, pressões de metas e tempo, exigências posturais, relacionamentos entre colegas

e alunos e demais dificuldades percebidas pelos professores no exercício da atividade docente. Por fim, o terceiro bloco, com dois itens, aborda o grau de satisfação do professor em relação ao seu trabalho.

O Questionário de Avaliação da Carga Psíquica foi construído com base nos estudos de Dejours (1992), Oddone, Gastone, Briante e cols (1986), Laurell e Noriega (1989), Pitta (1990), Humphrey e Kramer (1994), Silva Filho (1996), Colle e Reid (1998) e Lemos (2001) sobre fatores nocivos do trabalho, saúde mental e trabalho, sofrimento psíquico, carga mental e carga psíquica de trabalho. Embora trabalhem com métodos de investigação diferenciados, é possível identificar variáveis demográficas, ocupacionais, ambientais e clínicas recorrentes nos diferentes estudos.

Optou-se pela escala de Likert para facilitar a compreensão e o preenchimento do Q-CP por parte dos entrevistados, além de facilitar a leitura das respostas por parte do pesquisador, pois a particularidade deste formato é a ordinalidade não-ambígua das categorias de respostas. As opções de respostas assumem valores numéricos positivos na escala: nunca = 1; raras vezes = 2; algumas vezes = 3; muitas vezes = 4 e, sempre = 5. Essa distribuição de valores representa, em termos de ocorrência, respectivamente: Raras vezes equivale a situações que ocorre uma única vez por mês; algumas vezes, a uma vez por semana; muitas vezes, a duas vezes por semana e, sempre, a ocorrência diária.

Foi utilizado, ainda, o Inventário de Perfil de Bem-Estar Psicológico, construído por Schonblum (2004), é composto de 19 itens (Apêndice II), sendo que 11 deles representam comportamentos que controlam sinais e sintomas de estresse (positivos), e os outros 8 representam comportamentos que revelam os sinais e sintomas de estresse (negativos). A escala foi construída com base em estudos de Cohen, Kamark e Mermelstein (1983) e de Becker, Diamond e Saintfort (1993), em formato de *check-list*, para que os itens fossem respondidos de forma afirmativa ou negativa.

Estava prevista a utilização do Inventário de Perfil de Bem-Estar Psicológico na fase de observação de campo, na perspectiva de seus resultados pudessem ser comparados com os de outras categorias profissionais em estudos epidemiológicos já realizados. Porém, frente aos resultados obtidos com sua aplicação com os 35 professores que participaram da fase de observação, optou-se por utilizá-lo na fase final da pesquisa, pois ele revelou-se útil na aferição do

estado de bem-estar psicológico dos professores ao responderem ao Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q – CP).

### **3.6 Aplicação dos instrumentos**

#### **a. Protocolo de observação de campo**

O protocolo de observação de campo foi preenchido com base nas aulas observadas pelo pesquisador, junto a 35 professores, no período de 12 de abril a 20 de maio de 2004. Ao final de cada uma das 35 aulas assistidas, foi feito contato com o respectivo professor, buscando estabelecer uma troca de percepções sobre a aula assistida, de forma a possibilitar uma ampliação das informações coletadas. Foram assistidas aulas nos 6 cursos de graduação do CCS, dos semestres iniciais, intermediários e finais de cada um dos cursos. As aulas assistidas mesclaram-se entre aulas práticas e aulas teóricas, todas com, no mínimo, 2 horas aula e no máximo de 5 horas de duração, totalizando 101 horas de observação de campo.

#### **a.1) Observando as atividades**

No curso de Enfermagem foram assistidas 6 aulas. As aulas teóricas ministradas no CCS aconteceram em salas equipadas, em boas condições físicas e tecnológicas. Embora não se tenha utilizado os recursos audiovisuais, as aulas foram ministradas sem prejuízo da qualidade. Porém, a aula teórica de histologia foi ministrada num laboratório com bancadas de microscopia, local não adequado para àquele tipo de aula, prejudicando o desenvolvimento do conteúdo. As aulas práticas ministradas no HUSM (CTI e internações) apresentaram condições desfavoráveis, quanto ao espaço físico e à organização do trabalho. Embora as turmas fossem pequenas (4 a 5 alunos) a necessidade (ou responsabilidade) de atender aos alunos foi percebida pelos professores como uma exigência física e mental. Predominou, nas atividades, a postura ortostática (alternando posturas estáticas e dinâmicas) com flexão e rotação do tronco. O deslocamento do professor é constante (e necessário para dar conta da hipersolicitação por parte dos alunos) para dar assistência e orientação aos alunos. Por sua vez, os alunos trabalham em dupla ou equipe, dividindo as tarefas.

As aulas teóricas assistidas no curso de Farmácia foram ministradas na mesma sala, nas dependências do CCS. Embora ampla, a sala apresenta problemas de iluminação (lâmpadas queimadas) e de ventilação. O espaço físico é mal distribuído, com cadeiras quebradas empilhadas no espaço a ser utilizado pelo professor. Os alunos acomodam-se no fundo da sala, prejudicando o professor na comunicação e na utilização da voz (Apêndice 4).

As aulas práticas foram ministradas nos laboratórios situados no prédio do CCS. Os equipamentos utilizados, de um modo geral, encontram-se em boas condições, mas as adaptações dos locais para as atividades (mescladas entre teoria e prática) foram avaliadas como prejudicial ao desenvolvimento do conteúdo das aulas. Há desproporcionalidade, percebida e apontada pelos professores, entre o número de alunos e a capacidade de dar atenção aos alunos. Em função das bancadas e da utilização dos microscópios, predomina, para os professores, a postura ortostática (estática e dinâmica) com flexão e rotações do tronco para o manuseio do equipamento (lâminas e microscópios) com deslocamentos entre os alunos e bancadas.

No curso de Fisioterapia, as aulas teóricas são ministradas nas dependências do CCS, com salas equipadas com recursos tecnológicos em boas condições, mas quanto aos demais aspectos, as condições são regulares. As aulas práticas apresentaram diversos problemas. A primeira aula prática observada foi ministrada no Laboratório de Cinesioterapia, com excesso de equipamentos instalados, prejudicando a distribuição do espaço físico. Uma segunda aula prática, por falta de opção, foi ministrada em uma sala utilizada para desenvolvimento de atividades administrativas, num esforço da professora e dos alunos para realizar a atividade, porém com prejuízos visíveis. A terceira aula prática foi ministrada no HUSM (unidades de internação) abrangendo dois andares. Parte da aula aconteceu no *hall* de circulação, parte no corredor de comunicação entre o 4º e o 5º andares. A exemplo das demais aulas assistidas, pôde-se observar a predominância da postura ortostática e da mobilização do tronco em flexão e rotação, principalmente nas aulas práticas. O deslocamento, observado em aula nas unidades de internação do 4º e 5º andares, foi mais intenso, em função da distância a ser percorrida pelo professor para acompanhar a todos os alunos. Tais fatos se relacionam com as queixas dos professores em relação às condições de trabalho.

As aulas assistidas no curso de Fonoaudiologia foram ministradas em local apropriado, porém as condições de atender às exigências das disciplinas mostraram-se regulares, quanto aos aspectos físicos e tecnológicos. Com relação às aulas práticas, os ambientes e os equipamentos não suprem as necessidades das disciplinas, com repercussões sobre o rendimento na atividade. Principalmente nas aulas práticas, observou-se alteração da postura entre o ortostatismo e a sedestação do professor durante os exames e as avaliações, com predomínio da postura ortostática.

As turmas de alunos do curso de Medicina são maiores. Enquanto os outros cursos, com exceção do curso de Odontologia, trabalha com turmas de 20 alunos, que às vezes são divididos em grupos menores para as aulas práticas, as turmas da Medicina são de 50 alunos que são divididos em três ou quatro grupos para as aulas práticas.

As aulas teóricas do curso de Medicina se diferenciaram das demais, no que diz respeito ao comportamento dos alunos. Estes copiam tudo o que o professor fala, mas não participam de forma ativa da aula, ficando tudo centrado na figura do professor. As aulas práticas ministradas no HUSM apresentaram tantos problemas quanto os demais cursos. Num espaço físico adaptado, parte da aula acontece no corredor de circulação, congestionado e mal iluminado, com duas turmas em aula com menos de três metros de distância. A postura ortostática e o deslocamento, associado à falta de condições (físicas e ergonômicas) adequadas predominaram nas aulas observadas no curso de Medicina.

Por características próprias, o curso de Odontologia teve sete aulas observadas, em função da divisão de turmas. As turmas são de 35 alunos que se dividem em grupos menores para as aulas práticas. As aulas teóricas observadas foram ministradas no prédio de número 20 da UFSM, em salas com condições regulares de iluminação, ventilação e temperatura. Os recursos tecnológicos são razoáveis e a qualidade da aula fica por conta do professor. As aulas práticas foram observadas na Clínica de Odontologia (Prédio da Antiga Reitoria), um ambulatório equipado para atendimento a pacientes previamente agendados. São três turmas em três aulas concomitantes. Os professores passam a maior parte do tempo em deslocamento entre os equipos, atendendo a solicitação dos alunos. Predomina, além da postura ortostática, as flexões e rotações do tronco em

postura estática durante as aulas. Outro fato só observado, de forma significativa, nas aulas práticas do curso de Enfermagem, é hipersolicitação por parte dos alunos, o que faz do deslocamento, uma constante para o professor.

b. Inventário do Perfil de Bem-estar psicológico

Aplicado, inicialmente, na fase de observação de campo, imediatamente após o término da aula, como parte da entrevista do pesquisador com o professor. Entre os 35 professores que ministraram as aulas assistidas, 9 professores (25%) sentiam-se “nervosos e estressados” naquele momento; 25 professores (71.4%) sentiam-se “com dificuldade de realizar todas as coisas que tinham para fazer” e, 24 professores (68.5%) sentiam-se “capazes de controlar as irritações do dia-dia”. Somente 4 professores não apontam itens negativos e os demais apontam, pelo menos, um item negativo entre suas respostas.

c. Inventário das exigências e das atividades dos professores da área da saúde (*check-list*)

O *check-list* foi resultado de mais de 100 horas de observação no campo e das contribuições das entrevistas com os professores participantes, ao final de cada aula. Conforme dados coletados nas horas de observação, após sistematização e análise destes (Apêndice 5), foi possível organizar um instrumento de investigação das cargas psíquicas de trabalho dos professores. Os 37 itens do protocolo de observação desdobraram-se em 64 sentenças, todas com três alternativas de resposta, que foram respondidas por 11 dos 35 professores que participaram como ministrantes das aulas observadas, entre os dias 18 e 20 de agosto de 2004.

O índice de pertinência das questões do estudo foi calculado com base na adaptação dos índices de clareza e de validade, conforme Melo (1992), atribuindo valores de 0 a 10 para as respostas, e dividindo os valores em três intervalos. O primeiro intervalo compreende valores de 0 a 4; o segundo, entre 5 e 7, e o terceiro, entre 8 e 10 pontos. Por meio da divisão dos intervalos, foram organizados os valores em três categorias de pontuação de respostas e trabalhados com base na média dos intervalos.

Foi atribuído para a categoria impertinente o valor 1, que corresponde ao primeiro intervalo. Com base na média dos valores de 1 a 4 foi definido o valor

médio de 2.5 para esta categoria. O mesmo cálculo foi feito para as outras duas categorias que ficaram com valores médio de 6.0 e 9.0 para as categorias pouco pertinente e pertinente, respectivamente, como mostra a Tabela 10.

Tabela 10 - Distribuição dos valores, intervalos de valores e média das categorias

<b>Categoria</b>	<b>Valor atribuído</b>	<b>Intervalo de valores (Melo,1992)</b>	<b>Média</b>
Impertinente	1	0;1; 2; 3; 4	2.5
Pouco pertinente	2	5; 6; 7	6.0
Pertinente	3	8; 9; 10	9.0

As sentenças apontadas como impertinentes foram anuladas; as sentenças apontadas como pouco pertinentes sofreram ajustes que poderiam melhor enfatizar o que se buscava avaliar; e as sentenças julgadas pertinentes foram utilizadas na íntegra de sua formulação, na confecção do questionário de avaliação da carga de trabalho, denominado Q-CP. Entre as 64 sentenças, apenas 7 delas obtiveram média inferior a 6.0 e foram eliminadas; outras duas sentenças obtiveram a média 9.0 e juntamente com as demais, que obtiveram média entre 6.1 e 8.9 foram aproveitadas para a confecção do questionário. Cabe salientar que quanto mais elevada a média, menor o ajuste feito na questão, devido ao seu grau de pertinência com o assunto do estudo, apontado pelos professores que responderam ao *check-list*.

#### d. Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP)

O Q-CP foi organizado num formulário ampliado (Apêndice 3), cuja primeira parte consta dos dados pessoais do professor respondente, sem que este precise ser identificado. Há, também, questões sobre dados ocupacionais e de saúde dos professores; Na segunda parte, o Q-CP, com as 49 questões em escala Likert; Na terceira parte, o questionário de perfil do bem-estar psicológico; e, na quarta e última parte, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi reproduzido em duas vias independentes para serem, uma delas assinada e devolvida junto ao instrumento preenchido, e a outra via, para ficar com o professor participante da pesquisa.

Os instrumentos foram colocados nos escaninhos dos professores nos dias 4 e 5 de outubro, com data fixada para recolhimento em 25 de outubro. Um novo

prazo foi dado para os professores, que se estendeu até o dia 10 de novembro de 2004.

### **3.7 Procedimento de coleta de dados do Q-CP e do Inventário de Perfil de Bem-Estar Psicológico**

Foram distribuídos 318 instrumentos de pesquisa contendo: conjunto de itens sobre as características sócio-demográficas dos componentes da amostra; Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP); Inventário de Perfil de Bem-Estar Psicológico; e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (em duas vias) nos Departamentos de Ensino do CCS, colocados diretamente nos escaninhos de cada um dos professores (exceto para os professores afastados por LTS ou para estudo), com instruções para o preenchimento e data de recolhimento dos instrumentos preenchidos (Apêndice 3).

Os instrumentos foram entregues nos dias 4 e 5 de outubro, sendo fixado o dia 25 de outubro como data para o recolhimento (Apêndice 6). Porém, foi necessário estender o prazo de recolhimento para o dia 10 de novembro, por motivo dos feriados e viagens de compromissos de professores de alguns Departamentos. A Tabela 11 mostra a distribuição dos instrumentos nos respectivos Departamentos de Ensino.

Tabela 11- Distribuição e recolhimento dos instrumentos de pesquisa

<b>Cursos</b>	<b>Distribuição em 04 e 05 de outubro</b>	<b>Recolhimento em 10 de novembro</b>
Enfermagem	34	09
Farmácia Industrial	14	02
Análises clínicas	11	05
Fisioterapia	25	14
Fonoaudiologia	14	04
Cirurgia	26	05
Clínica médica	36	08
Ginecologia e obstetrícia	13	03
Pediatria e Puericultura	11	05
Neuropsiquiatria	09	00
Saúde da Comunidade	08	04
Odontologia Restauradora	19	04
Estomatologia	34	11
Morfologia	27	04
Patologia	07	04
Fisiologia	14	06
Microbiologia e imunologia	14	04
<b>Total</b>	<b>318</b>	<b>94</b>

Dos 318 instrumentos distribuídos, 94 foram devolvidos e recolhidos nos Departamentos. Porém, respeitando os critérios de exclusão previamente estabelecidos, 8 instrumentos foram desprezados. Foram aproveitados, portanto, 86 instrumentos, número que compõe a amostra do estudo, totalizando 27% dos professores do CCS.

## 4 RESULTADOS

Os dados obtidos a partir das estratégias operacionais foram tratados utilizando-se o *Statistical Package Social Science* – SPSS. Para uma melhor descrição do comportamento das variáveis estudadas, foi utilizado como recurso, a estatística descritiva, por meio do uso de medidas de frequência (absoluta e relativa), medidas de tendência central (média, moda e mediana) e medidas de dispersão (desvio médio, variância e desvio padrão) conforme Barbetta (2001) e Contandriopóulos, Champagne, Potvin e cols (1997).

Neste capítulo, são apresentados, de forma sistematizada, os resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos, utilizando-se tabelas como recurso para facilitar a compreensão do leitor. Inicialmente são 4 tabelas, apresentando a distribuição das variáveis sócio-demográficas, das variáveis ocupacionais, das variáveis clínicas e das variáveis ambientais do estudo. Com relação às respostas da aplicação do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP) e do Inventário de Perfil de Bem-Estar psicológico, os dados também são apresentados em forma de tabelas.

### 4.1 Distribuição das variáveis sócio-demográficas

Dos 1014 professores efetivos do quadro da UFSM, 257 pertencem ao CCS. A amostra, constituída por 86 professores efetivos e substitutos, compõe o quadro de docentes que atuam nos cursos da área da saúde, nos quais foram distribuídos 318 instrumentos de pesquisa. Como os professores substitutos fazem parte da força de trabalho nos departamentos dos Cursos do CCS, eles foram incluídos como possíveis sujeitos de pesquisa, e distribuídos instrumentos de pesquisa em seus escaninhos. A tabela 12 mostra a distribuição sócio-demográfica da amostra estudada.

Tabela 12 - Distribuição das variáveis sócio-demográficas (n = 86)

<b>Variáveis</b>	<b>Definição</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>%</b>
Idade	Até 30 anos	14	16.3
	De 31 até 40anos	22	25.7
	De 41 até 50 anos	36	41.7
	Mais de 50 anos	14	16.3
Sexo	Feminino	55	64
	Masculino	31	36
Estado civil	Solteiro	21	24.4
	Casado	56	65.1
	Separado	08	9.3
	Viúvo	01	1.2
Grau de instrução	Graduação	08	9.3
	Especialização	18	29.9
	Mestrado	29	33.7
	Doutorado	30	34.8
	Pós-Doutorado	01	1.2

A amostra foi composta por 2/3 de participantes do sexo feminino, faixa predominante em se tratando de professores, principalmente considerando as pesquisas revisadas neste estudo. A idade dos participantes da amostra variou entre 21 e 64 anos de idade, com média de 41,4 anos (Dp = 10.5), considerada como uma idade altamente produtiva. Entre os professores estudados, 2/3 deles são casados ou vivem em união consensual estável. Em relação ao nível de instrução, observa-se que 70% dos docentes efetivos são mestres e doutores.

#### **4.2 Distribuição das variáveis ocupacionais**

Na tabela 13, apresentamos o perfil da amostra, segundo as variáveis ocupacionais.

Tabela 13 - Distribuição das variáveis ocupacionais (n = 86)

Variáveis	Definição	Ocorrência	%
Graduação	Enfermagem	09	10.5
	Farmácia	13	15.1
	Fisioterapia	14	16.3
	Fonoaudiologia	04	4.7
	Medicina	21	24.4
	Odontologia	18	20.9
	Outros	07	8.1
Tempo de docência	Até 2 anos	18	20.9
	De 3 a 10 anos	21	24.4
	De 11 a 20 anos	29	33.7
	Mais de 20 anos	18	20.9
Tempo de docência na UFSM	Até 2 anos	21	24.4
	De 3 a 10 anos	22	25.6
	De 11 a 20 anos	27	31.3
	Mais de 20 anos	16	18.6
Regime de contratação	40hDE	52	60.5
	40h	14	16.3
	20h	01	1.2
	Substitutos	19	21.1
Outras atividades de trabalho	Sim	28	32.6
	Não	58	67.4

Pode-se observar na tabela 13 que a maior ocorrência quanto ao tempo de docência está entre 11 e 20 anos, com média de 13.4 anos e  $Dp = 9.9$ , refletindo uma variação na concentração do tempo de docência (45,3% dos professores tem até 10 anos de docência e 50% tem até 10 anos de docência na UFSM) em função das aposentadorias precoces e política de contratação e rotatividade de substitutos. Em relação ao regime de contratação na UFSM, pouco mais da metade da amostra é contratada em regime de dedicação exclusiva e aproximadamente 1/5 da amostra são professores substitutos, que atuam para suprir a falta de reposição das aposentadorias no quadro de professores efetivos, política especialmente adotada nos últimos 10 anos.

#### 4.3 Distribuição das variáveis clínicas

As variáveis clínicas estão relacionadas a ocorrência de episódio de dor e/ou desconforto (físico e/ou mental) nos últimos seis meses e Licença de Tratamento de Saúde – LTS.

Tabela 14 - Distribuição das variáveis clínicas (n = 86)

Variáveis	Definição	Ocorrência	%
Episódio de dor/desconforto nos últimos seis meses	Sim	58	67.4
	Não	28	32.6
Licença para tratamento de saúde (LTS)	Sim	06	7.6
	Não	80	93.0

Na distribuição das variáveis clínicas observa-se que aproximadamente 70% dos professores estudados registraram pelo menos um episódio de dor nos últimos seis meses; em contrapartida, apenas 6 deles entraram em Licença para tratamento de saúde. Isso permite considerar duas interpretações: a primeira, a possibilidade dos demais professores, mesmo percebendo seu estado de saúde, permanecerem trabalhando, indiferentes ao processo de adoecimento. A segunda, o fato deles, mesmo percebendo o seu estado de saúde, na tentativa de controlar o processo de adoecimento, evitam entrar em LTS.

#### 4.4 Distribuição das variáveis ambientais

As variáveis ambientais foram investigadas no conjunto de itens do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Apêndice 6), incluídos no primeiro bloco de questões, as que se referem às cargas físicas do trabalho: condições de iluminação, ventilação, temperatura e ruído e distribuição do espaço físico nos ambientes de trabalho, conforme mostra tabela 15.

Tabela 15 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão das condições físicas dos ambientes de trabalho

Condições físicas dos ambientes de trabalho	M	Mo	Dp
Condições de iluminação dos ambientes de trabalho	2.2	1	1.1
Condições de ruídos produzidos pelo fluxo de pessoal nos ambientes de trabalho	3.0	2	1.1
Condições de ruídos produzidos por equipamentos no ambiente de trabalho	2.8	2	1.2
Condições de ventilação dos ambientes de trabalho	2.6	3	1.1
Condições de temperatura dos ambientes de trabalho	2.8	3	1.1
Distribuição do espaço físico dos ambientes de trabalho	3.0	4	1.4

Em relação às condições de iluminação, os professores, de forma geral, as consideraram satisfatórias. Entre os 10 professores que as consideraram insatisfatórias, predominam o sexo feminino, casados, média de idade de 42 anos e contratação em regime de dedicação exclusiva (40hDE). Quando consultados sobre as condições de ventilação dos ambientes de trabalho, 36% as

consideraram insatisfatórias. A exemplo das condições de iluminação, neste grupo também predomina o sexo feminino, casados, média de idade 39.6 anos, regime de contratação em dedicação exclusiva e 1/3 dos professores substitutos. As condições de temperatura foram consideradas insatisfatórias para 1/4 da amostra estudada. Observa-se, também, predomínio do sexo feminino, média de idade de 42.6 anos, contratação em regime de dedicação exclusiva e 1/4 dos professores substitutos.

O ruído no ambiente de trabalho é percebido como desconforto para mais de 1/3 dos participantes (“muitas vezes” ou “sempre”). O ruído produzido pelos equipamentos incomoda “muitas vezes” ou “sempre” para 26,7% dos professores e aquele produzido por conversas paralelas dos alunos durante a aula, incomodam a 47.7% dos professores (“muitas vezes” ou “sempre”). Segundo Reinhold (1982) o ruído excessivo na sala de aula foi considerado um estressor ocupacional no estudo realizado entre professores de ensino fundamental no estado de São Paulo.

Das condições físicas dos ambientes de trabalho, o que mais motiva as queixas de descontentamento entre os professores é a distribuição do espaço físico. Para 43% da amostra estudada a distribuição do espaço físico é insatisfatória, incomodando “muitas vezes” e “sempre”. Além destes, mais 21 professores afirmam sentirem-se incomodados “algumas vezes” com a distribuição do espaço físico. São, na maioria, do sexo feminino, casados, com idade média de 40.2 anos e contratados em regime de dedicação exclusiva. Neste grupo, encontram-se 9 dos 19 professores contratados como substitutos. O estudo de Silvano Neto, Araújo, Kawalkiewicz e cols (1998) com uma amostra de professores da rede particular de ensino na Bahia, conclui que a distribuição do espaço físico (salas inadequadas) como uma variável estatisticamente importante para a ocorrência de distúrbios psíquicos. Neste estudo, considerando a média (3.0) e a moda (4) alcançadas, a distribuição do espaço físico aparece como o principal fator de descontentamento entre as condições físicas.

As cargas físicas, constantes nos processos de trabalho, relacionam-se com as cargas psíquicas do trabalho, interagindo entre elas (FACCHINI, 1994) evidenciando a dimensão psicológica da carga (CRUZ, 2002) como, por exemplo, neste estudo, o incômodo provocado pelo ruído proveniente do fluxo de pessoal nos ambientes de trabalho ou o constrangimento referido pelos professores

causado pela distribuição do espaço físico. Paraguay (1990) define essa relação como o efeito psicogênico da carga física de trabalho.

As manifestações de descontentamento registradas pelos professores podem ser indícios de processo de adoecimento pois, a precariedade das condições de trabalho geralmente se associam a incidência de estresse ocupacional. Segundo Jacques (2003 B), os aspectos relacionados ao ambiente físico (inclusive os químicos e os biológicos) de trabalho se apresentam associados a distúrbios psicológicos de forma direta (intoxicações por metais pesados) ou de forma indireta, por imposição da organização do trabalho que determina o tempo de exposição do trabalhador ao agente agressor.

#### **4.5 Análise descritiva do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP)**

A análise descritiva dos itens do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP) foi realizada por meio das medidas de tendência central (média e moda) e dispersão (desvio-padrão). Os itens são apresentados na tabela 16 em ordem decrescente pela média das respostas dos professores.

Tabela 16 - Medidas de tendência central e dispersão dos itens do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q-CP)

<i>itens</i>	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>Dp</i>
Perceber a desproporcionalidade entre o salário e a responsabilidade de trabalho	4.0	5	1.2
Perceber o ruído produzido pelas conversas paralelas entre os alunos	3.5	3	1.0
Verificar o estado de conservação de materiais e equipamentos utilizados em	3.3	4	1.2
Permanecer em pé, parado ou andando, durante as aulas	3.2	5	1.4
Estar exposto à riscos de contaminação durante a execução de tarefas em aula	3.1	2	1.3
Permanecer em pé, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades	3.1	4	1.4
Tenho estado descontente com as condições de trabalho	3.1	3	1.1
Ter necessidade de falar constantemente durante as aulas	3.1	4	1.3
Ver aluno carregar materiais escolares nas aulas práticas por não ter onde	3.0	4	1.4
Distribuição do espaço físico dos ambientes de trabalho	3.0	4	1.4
Condições de ruído produzido pelo fluxo de pessoal no ambiente de trabalho	3.0	2	1.1
Ter dificuldade de acesso à materiais e equipamentos necessário às aulas	3.0	3	1.7
Perceber o distanciamento entre os colegas de Departamento	2.9	3	1.3
Lidar com alunos percebidos como dispersivos em aula	2.9	3	0.9
Perceber aluno fazendo outras atividades não relacionadas ao conteúdo da aula	2.9	2	1.2
Condições de ruído produzido por equipamentos no ambiente de trabalho	2.9	2	1.7
Condições de temperatura dos ambientes de trabalho	2.9	3	1.1
Calcular médias das notas das avaliações dos alunos	2.8	1	1.6
Ter necessidade de alterar o tom de voz para ser ouvido pelos alunos	2.8	2	1.1
Desproporção entre o número de alunos e a capacidade de dar atenção a todos	2.8	2	1.3
Participar das reuniões de Departamento	2.8	2	1.4
Lidar com alunos percebidos como apáticos em aula	2.8	2	1.4
Pressões (de tempo, metas e prazos) no trabalho	2.8	2	1.2
Desinteresse dos alunos com as atividades de ensino desenvolvidas em aula	2.7	2	1.0
Ter necessidade de chamar atenção de alunos para retomar o conteúdo da aula	2.7	2	0.9
Estar envolvido simultaneamente em atividades de ensino, pesquisa e extensão	2.7	1	1.5
Assumir responsabilidade pela transmissão de conhecimento atualizado em aula	2.7	1	1.6
Assumir responsabilidade sobre alunos e pacientes concomitantemente	2.7	1	1.6
Perceber alunos recebendo chamadas no telefone celular durante a aula	2.7	2	1.3
Condições de ventilação dos ambientes de trabalho	2.6	3	1.1
Entregar os diários de classe preenchidos em prazos fixados pelo Departamento	2.6	1	1.5
Permanecer sentado com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades	2.6	1	1.3
Movimento de entra e sai dos alunos durante a aula	2.5	2	1.8
Desinteresse dos alunos com as atividades de pesquisa desenvolvidas em aula	2.5	2	1.0
Lidar com alunos percebidos como auto-suficientes em aula	2.5	2	1.0
Desinteresse dos alunos com as atividades de extensão desenvolvidas em aula	2.5	2	1.0
Hipersolicitação de atenção da parte dos alunos	2.5	2	1.1
Ter dificuldade de acompanhar o trabalho de cada aluno em aula prática	2.5	1	1.2
Preencher relatórios de atividades práticas em locais improvisados	2.4	1	1.3
Dar aula (teórica e/ou prática) em locais improvisados	2.2	1	1.2
Condições de iluminação dos ambientes de trabalho	2.2	1	1.1
Desenvolver atividades didáticas em corredores, hall de circulação, escadarias,	2.0	1	1.4
Avaliar pacientes na presença de pessoas alheias à aula	2.0	1	1.8
Lidar com situações emergenciais (acidente) no trabalho	1.9	1	1.0
Lidar com situações emergenciais (acidente) envolvendo alunos e pacientes em	1.9	1	1.0
Tenho pensado em mudar de emprego	1.8	1	1.1
Comentar intimidades dos pacientes na presença de pessoas alheias à aula	1.8	1	1.2
Lidar com situações emergenciais (acidente) envolvendo alunos em aula	1.8	1	1.0
Ouvir reclamações de alunos sobre meu comportamento via Coordenação	1.3	1	0.7

O primeiro bloco de itens do Q-CP, referentes às condições físicas dos ambientes de trabalho, foi analisado como variáveis ambientais (Tabela 15), discutidos anteriormente. O segundo bloco de itens aborda aspectos da organização do trabalho e foram divididos em subgrupos de itens para facilitar a discussão dos resultados.

O primeiro subgrupo refere-se às situações enfrentadas pelos professores em seu cotidiano de trabalho. Nesse agrupamento de 6 itens, observado na tabela 17, o que mais incomoda os professores é “ver seus alunos carregando consigo, durante as aulas práticas, seus materiais (mochilas, pastas, livros e diversos outros equipamentos) por não disporem de local apropriado para guardá-los” (M = 3.0). Em seguida, aparece como incômodo o fato de ter de preencher relatórios em locais improvisados (M = 2.4).

Tabela 17 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão das situações enfrentadas pelos professores

Itens	M	Mo	Dp
Ver alunos carregar materiais escolares nas aulas práticas por não ter onde guardá-los	3.0	4	1.4
Preencher relatórios de atividades práticas em locais improvisados	2.4	1	1.3
Dar aulas (teórica e/ou prática) em locais improvisados	2.2	1	1.2
Desenvolver atividades didáticas em corredores, hall de circulação, escadarias, etc	2.0	1	1.4
Avaliar pacientes na presença de pessoas alheias à aula	2.0	1	1.8
Comentar intimidades dos pacientes na presença de pessoas alheias à aula	1.9	1	1.2

Esse aspecto foi observado em algumas das aulas práticas observadas (Apêndice 3) e os professores referem não ver solução para este incômodo. É possível evidenciar, neste caso, o fato de que a percepção da carga psíquica se dá no momento em que o professor, frente a um fator externo (o aluno carregando o material) atribui a si a dimensão da carga (constrangimento).

O segundo subgrupo de 3 itens refere-se a carga física de trabalho. A necessidade de permanecer em pé, parado ou andando, durante a aula é o mais citado como fator de desconforto (M = 3.2). O item “permanecer em pé, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas” vem em segundo lugar, conforme mostra a tabela 18.

Tabela 18 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão das cargas físicas

Itens	M	Mo	Dp
Permanecer em pé, parado ou andando, durante as aulas	3.2	5	1.4
Permanecer em pé, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas	3.1	4	1.3
Permanecer sentado, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas	2.6	1	1.3

Ruiz e cols. (1997) mencionam casos de lombalgias entre professores do ensino fundamental e médio e Franco, Gonçalves e Padovani (1998) referem incidência de doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo entre professores de Educação Física. A sobrecarga física é considerada fator causal para os dois diagnósticos citados, o que reforça os resultados encontrados no presente estudo.

As aulas ministradas no Hospital Universitário têm como característica o deslocamento dos professores entre as diversas enfermarias, situadas em andares diferentes. Além do deslocamento, há, ainda, a necessidade de adotar posturas desequilibradas durante as atividades práticas, como se pode confirmar na leitura do diário de campo (Apêndice 3), o que pode ser a explicação para as queixas recorrentes dos professores estudados.

O terceiro subgrupo refere-se às dificuldades enfrentadas pelos professores em seu trabalho; “verificar o estado de conservação dos materiais e equipamentos necessários à aula” foi considerado o aspecto mais significativo (M= 3.3) fator de incômodo entre os itens do subgrupo, seguido por “estar exposto à riscos de contaminação durante a execução de tarefas em aula” (M = 3.1), como mostra a tabela 19.

Tabela 19 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão das dificuldades enfrentadas pelos professores

Itens	M	Mo	Dp
Verificar o estado de conservação dos materiais e equipamentos utilizados em aula	3.3	4	1.2
Estar exposto a riscos de contaminação durante a execução das tarefas em aula	3.1	2	1.3
Ter dificuldade de acesso à materiais e equipamentos necessários às aulas práticas	3.0	3	1.7

A falta de recursos materiais é considerada um evento estressor entre os professores da Universidade Federal de Santa Catarina, no estudo realizado por Silva, Evangelista, Nunes e Cantos (2001).

Entre os participantes deste estudo, a falta de recursos materiais foi considerada um dos aspectos responsáveis pela geração de estresse e variável interveniente no processo de saúde-doença. Trabalhar em meio a materiais e equipamentos danificados ou obsoletos leva os professores a procurarem alternativas para minimizar os efeitos negativos da precariedade das condições de trabalho. É o caso do professor que opta por levar seus alunos para uma clínica particular, para que eles tenha acesso à materiais e equipamentos modernos e em condições de uso (Apêndice 3).

O quarto subgrupo contém itens referentes às exigências físicas de uso da voz. Para os professores pesquisados, a necessidade de falar constantemente durante as aulas ( $M = 3.1$ ) foi considerado o aspecto mais significativo seguido pela necessidade de alterar o tom de voz para ser ouvido pelos alunos ( $M = 2.8$ ), conforme mostra a tabela 20.

Tabela 20 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão das exigências de uso da voz

<b>Itens</b>	<b>M</b>	<b>Mo</b>	<b>Dp</b>
Ter necessidade de falar constantemente durante as aulas	3.1	4	1.3
Ter necessidade de alterar o tom da voz para ser ouvido pelos alunos	2.8	2	1.1
Ter necessidade de chamar a atenção dos alunos para retomar o conteúdo da aula	2.7	2	0.9

É por meio da fala que o professor transmite e potencializa a troca de conhecimentos, mas a necessidade de falar constantemente é percebida como incômodo e intensificada de acordo com o comportamento dos alunos. A medida em que se presencia o ruído das conversas paralelas, aumenta a necessidade de alterar o tom de voz para controlar a turma. Esse aspecto foi observado durante as aulas assistidas: os professores tentavam controlar as conversas paralelas com olhares reprovadores ou alteravam o tom de voz (ora reduzindo, ora aumentando) numa demonstração de desconforto causado pelas conversas paralelas.

Os estudos sobre o uso da voz afirmam que, se usada inadequadamente, leva a problemas que acometem a saúde vocal, tais como disfonias, laringites e calosidade das cordas vocais, comprometendo a atividade do professor (PENTEADO e PEREIRA, 2001; RUIZ, SEIXAS, HECK e cols, 1997; JANUÁRIO, STEFFANI e MICHELS, 2003). As condições desfavoráveis (desproporcionalidade entre espaço físico e quantidade de alunos, características arquitetônicas, desfavorabilidade acústica dos ambientes e comportamento dos alunos) impõem um uso excessivo e inadequado da voz.

O quinto e o sexto subgrupo dizem respeito às responsabilidades assumidas pelos professores, e suas médias são mostradas na tabela 21. O quinto subgrupo abrange responsabilidades extra-classe, onde o item “calcular média das notas das avaliações dos alunos” vem em primeiro lugar como fator de incômodo ( $M = 2.8$ ). Já o sexto subgrupo abrange responsabilidades intra-classe. Nesse caso, a desproporção entre o número de alunos em sala de aula e a capacidade de dar atenção a todos vem em primeiro lugar ( $M = 2.8$ ), seguido de

“assumir a responsabilidade pela transmissão de conhecimento atualizado em aula” (M = 2.7).

Tabela 21 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão das responsabilidades assumidas e pressões percebidas pelos professores

Itens	M	Mo	Dp
Calcular médias das notas das avaliações dos alunos	2.8	1	1.6
Participar das reuniões de Departamento	2.8	2	1.4
Entregar os diários de classe preenchidos nos prazos fixados pelo Departamento	2.6	1	1.5
Desproporção entre o número de alunos e a capacidade de dar atenção a todos	2.8	2	1.3
Assumir responsabilidades sobre alunos e pacientes concomitantemente	2.7	1	1.6
Assumir responsabilidade pela transmissão de conhecimento atualizado em aula	2.7	1	1.6
Ter dificuldade de acompanhar o trabalho de cada aluno em aula prática	2.5	1	1.2
Pressões (de tempo, metas e prazos) no trabalho	2.8	2	1.2
Hipersolicitação de atenção da parte dos alunos	2.5	2	1.1

Assumir responsabilidades de avaliar o aluno, para os professores pesquisados representa um incômodo que se reflete em sua saúde, pois parte das responsabilidades só são concluídas fora de sala de aula, muitas vezes, na casa do professor, no seu horário de lazer. Em entrevista, no final de sua aula, um professor “lamenta” que os alunos não valorizam seu esforço (e dos outros professores) nas tarefas feitas fora de sala de aula, como por exemplo, preparar as aulas, corrigir trabalhos e provas e calcular médias das avaliações. O estresse do professor, segundo Lima (1998) é atribuído ao alto volume de tarefas burocráticas e o excesso de responsabilidades atribuídas e assumidas pelo professor foi apontado por aproximadamente 50% dos professores da UFSC como um evento estressor (SILVA, EVANGELISTA, NUNES e CANTOS, 2001).

No outro caso, o sexto subgrupo, os professores assumem a responsabilidade de atender a todos os alunos. Porém, nas aulas práticas foi observado o esforço deles em cumprir com suas responsabilidades e também suas dificuldades em cumpri-las. Laboratórios experimentais com número elevado de alunos para um único professor, um único professor para atender alunos em diferentes enfermarias de internação, situadas, às vezes, em andares diferentes e sala de aula teórica com mais de 30 alunos, são aspectos identificados como limitadores na atenção adequada a todos os alunos.

Uma das professoras entrevistadas, trabalhando com uma turma de 5 alunos, afirmou que, embora a turma fosse pequena, em função das características da disciplina, “dá pra cansar” pelo fato de ter de acompanhar a cada um dos alunos. Outro professor referiu que o que mais lhe incomoda é não

poder ver o que cada aluno está fazendo nas enfermarias distribuídas em andares diferentes do HUSM.

O sétimo subgrupo trata das pressões no trabalho. A pressão (tempo, metas e prazos) no trabalho é o mais significativo ( $M = 2.7$ ), porém a hipersolicitação também aparece de forma importante ( $M = 2.5$ ) como se pode observar na tabela 21. As pressões foram referidas pelos professores em duas categorias distintas. A primeira categoria, a pressão temporal – o tempo dado para a execução e conclusão das tarefas intra e extra-classe. Exemplo de pressão temporal é o tempo da realização de uma prova de avaliação, do cálculo e divulgação das notas e entrega do diário de classe devidamente preenchido. A segunda categoria foi a hipersolicitação de atenção por parte dos alunos em aulas práticas, principalmente. Nesse aspecto, destacam-se os alunos e professores dos cursos de Odontologia e de Enfermagem.

É possível avaliar a hipersolicitação como produto da necessidade de orientação da parte dos alunos em razão dos detalhes exigidos nas peças trabalhadas (próteses e órteses dentárias) ou da exatidão da dosagem de medicamento a ser administrado. De outra maneira, a hipersolicitação pode ser motivada pelos próprios professores, que assumem a responsabilidade sobre o que é feito com o paciente. De qualquer forma, a hipersolicitação é apontada por parte dos professores como um incômodo que, para Laurell e Noriega (1989), é uma indicação de carga psíquica do trabalho.

Em relação ao comportamento dos alunos, o oitavo subgrupo é dividido em quatro conjuntos com três itens cada um. Destacam-se, em cada conjunto, como os mais citados como fator de incômodo, respectivamente: o desinteresse dos alunos com as atividades de ensino desenvolvidas em aula ( $M = 2.7$ ), perceber alunos fazendo outras atividades não relacionadas ao conteúdo da aula ( $M = 2.8$ ), lidar com alunos percebidos como dispersivos ( $M = 2.9$ ) e, lidar com situações emergenciais em aula ( $M = 1.9$ ), conforme mostra a tabela 22.

Tabela 22 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão da percepção dos professores em relação ao comportamento dos alunos

<b>Itens</b>	<b>M</b>	<b>Mo</b>	<b>Dp</b>
Desinteresse dos alunos com as atividades de ensino desenvolvidas em aula	2.7	2	1.0
Desinteresse dos alunos com as atividades de pesquisa desenvolvidas em aula	2.5	2	1.0
Desinteresse dos alunos com as atividades de extensão desenvolvidas em aula	2.5	2	1.0
Perceber alunos fazendo outras atividades não relacionadas ao conteúdo da aula	2.9	2	1.2
Perceber alunos recebendo chamadas no telefone celular durante a aula	2.7	2	1.3
Movimento de entra e sai dos alunos durante a aula	2.5	2	1.8
Lidar com alunos percebidos como dispersivos em aula	2.9	3	0.9
Lidar com alunos percebidos como apáticos em aula	2.8	2	1.4
Lidar com alunos percebidos como auto-suficientes em aula			
Lidar com situações emergenciais (acidentes) no trabalho	1.9	1	1.0
Lidar com situações emergenciais (acidentes) envolvendo alunos e pacientes em aula	1.9	1	1.0
Lidar com situações emergenciais (acidentes) envolvendo alunos em aula	1.8	1	1.0

Nas aulas assistidas, sem exceção, o comportamento dos alunos foi alvo de crítica, variando entre indisciplina (conversas paralelas; trocas de bilhetinhos), desrespeito (entra e sai da sala; atender chamada no celular), desinteresse pelo conteúdo da aula (fazer tarefas de outra disciplina; conversar sobre outros assuntos, desenhar). Em algumas situações foi preciso uma atitude mais enérgica da parte do professor para retomar o controle da classe, embora predomine como tática de controle, os olhares reprovadores dirigidos aos alunos infratores.

O desinteresse dos alunos é apontado como fonte de estresse nos estudos de Reinhold (1985), Lima (1998) e Silva, Evangelista, Nunes e Cantos (2001). Segundo Lima (1998) a ansiedade do professor está relacionada ao comportamento dos alunos em sala de aula e, para Reinhold (1985), a falta de um preparo técnico e psicológico do professor, para o enfrentamento dessas situações, contribuem para o sofrimento do professor, refletindo em sua saúde mental.

Entre os professores estudados, a maior parte é de profissionais da área da saúde, que optou pela docência sem uma percepção clara da falta de preparo (técnico e psicológico) para desempenhar essa atividade. Muitos deles, ao se depararem com situações de conflito com alunos, por total desconhecimento, tomam atitudes que lhes causam sofrimento posteriormente. Em uma das entrevistas, ao final da aula, uma professora afirma que atitudes enérgicas são tomadas em casos extremos, mas se sente incomodada com o comportamento

dos alunos, buscando incentivá-los a participarem ativamente das aulas, embora nem sempre isto é possível.

No nono e último subgrupo, “perceber a desproporcionalidade entre o salário e a responsabilidade do trabalho” (M = 4.0) supera os demais itens que tratam dos problemas de relacionamento do professor com a organização do trabalho, como ilustrado na tabela 23.

Tabela 23 - Distribuição da média, moda e desvio-padrão da satisfação do professor com relação à organização do seu trabalho

Itens	M	Mo	Dp
Perceber a desproporcionalidade entre o salário e a responsabilidade do trabalho	4.0	5	1.2
Perceber o distanciamento entre os colegas do Departamento	2.9	3	1.3
Estar envolvido simultaneamente em atividades de ensino, pesquisa e extensão	2.7	1	1.5
Ouvir reclamações dos alunos sobre meu comportamento em aula, via Coordenação	1.3	1	0.7

Segundo os professores não há uma recompensa adequada, quer seja financeira, quer seja afetiva. De um modo geral, as condições de trabalho não são boas e não há reconhecimento do seu trabalho por parte dos dirigentes das instituições, por parte dos alunos e nem sequer eles percebem reconhecimento da parte da sociedade que, muitas vezes, culpa o professor pelo insucesso dos alunos (ESTEVE, 1999).

O descontentamento com o salário, além de superar os demais itens do subgrupo, supera, também, a todos os itens do questionário, não parecendo expressar somente o aspecto econômico da questão, porém pode-se encarar o descontentamento como um fator interveniente no comportamento das demais respostas dadas no questionário de avaliação da carga psíquica. No estudo de Silva, Evangelista, Nunes e Cantos (2001), o salário dos professores, considerado baixo, é percebido pelos professores da UFSC como um evento estressor, corroborando com os resultados de outras pesquisas com professores do ensino médio e fundamental (REINHOLD, 1985).

Os dois últimos itens do Q-CP investigam o grau de descontentamento do professor com seu trabalho. Dos participantes, 37,2% se sente descontente com o trabalho (M = 3.1), mas 54% referem nunca terem pensado em mudar de emprego (M = 1.8). O descontentamento dos professores diz respeito a vários aspectos, variando desde condições físicas dos ambientes de trabalho à falta de reconhecimento pelo seu trabalho. O fato de mais de 50% da amostra afirmar não pensar em mudar de emprego pode, talvez, ser explicado de diferentes maneiras.

A primeira delas é a média de idade da amostra (41,4 anos) que embora seja considerada altamente produtiva, já encontra dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Uma segunda maneira de explicar, considerando as características da cidade, ser professor da UFSM, ainda é um cartão de visitas para um profissional da área da saúde, pois cria outras possibilidades de atuação. Uma outra possível explicação seria o comportamento de acomodação do professor, frente às dificuldades e o nível de empregabilidade na cidade.

Embora o *status* do professor esteja abalado desde a década de 60 (LIMA, 1998), ser professor universitário de uma IFES parece, ainda, cativar profissionais envolvidos nesse estudo, mas as razões para a construção de uma carreira docente, tendo em vista a avaliação das condições de trabalho, talvez precisem de estudos específicos. Considerando a opção de permanecer no emprego, mesmo em condições adversas, há que se observar o risco dessa opção se transformar em prejuízos para os alunos, quando se tem o comportamento acomodar-se como uma possibilidade para manter-se na atividade.

Quando se observam itens com baixo índice de desconforto, encontram-se 75% dos professores afirmando que “nunca” se incomodam com as reclamações dos alunos sobre seu comportamento em sala de aula. Nesses casos, conclui-se que, ou não existem registros de reclamações, por parte dos alunos, sobre o comportamento do professor em sala de aula, ou os professores naturalizam tais reclamações. Além disso, 54% dos participantes referem nunca se incomodar em desenvolver as atividades em locais improvisados.

O fato de 54% dos professores estudados não se incomodarem em desenvolver atividades em locais improvisados remete a algumas considerações: os professores acreditam não haver prejuízo; os professores não percebem o prejuízo ou, os professores, mesmo percebendo o prejuízo, não atribuem a ele valor significativo. Há, também, que considerar a contradição existente entre o incômodo causado pelas condições de distribuição do espaço físico para 43% dos professores e o fato de dar aula em local improvisado não incomodar a 54% dos professores. Uma possível explicação para essa contradição reside no fato de que parte dos professores optam por administrar as aulas, independente das condições, buscando minimizar os prejuízos para as partes envolvidas em função, dentre outros fatores, de um calendário letivo previamente estabelecido.

Dos participantes, 59% referem que “nunca” se incomodam com o fato de ter de comentar intimidades dos pacientes, na frente de pessoas alheias a aula (como familiares dos pacientes, pessoal da limpeza e higiene e alunos de outros cursos que estejam no local da aula por qualquer motivo) e 48% “nunca” se incomodam em avaliar pacientes na presença de outras pessoas, alheias a aula. Em relação à privacidade dos pacientes, os professores parecem não considerar a existência de constrangimentos deles ao serem avaliados na presença de outras pessoas não envolvidas na atividade de aula.

Embora em situação de campo tenha sido constatado falta de privacidade, (vinculada ou não ao espaço físico) isto não parece constituir incômodo para os professores. Porém, numa situação presenciada, um dos professores referiu ser este um fator limitante na questão da avaliação e de diagnose, é também fator de constrangimento para os professores, para os alunos e principalmente para os pacientes. Em outras palavras, pode-se dizer que para alguns professores a falta de privacidade é uma fonte geradora de carga psíquica.

#### **4.6 Análise descritiva do bem-estar psicológico dos professores**

A tabela 24 apresenta a distribuição da ocorrência de sintomas e sinais relacionados ao bem-estar psicológico da população estudada.

Tabela 24 - Distribuição da ocorrência de sintomas e sinais de bem-estar psicológico

<b>Itens</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>%</b>
Contente por ter conseguido algo	61	70.9
Capaz de controlar problemas pessoais	59	68.6
Capaz de controlar irritações do dia-a-dia	52	60.5
Com controle sobre minha vida	51	59.3
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	49	57.0
Particularmente animado ou interessado em algo	48	55.8
Que as coisas vão bem	45	52.3
Que as coisas têm saído como o planejado	35	40.7
Orgulhoso porque fui cumprimentado por algo que fiz	24	27.9
Nervoso e estressado	24	27.9
Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	19	22.1
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	17	19.8
Entediado	12	14.0
Sozinho e distante das outras pessoas	11	12.8
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	9	10.5
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	9	10.5
Chateado porque fui criticado	5	5.8
Deprimido ou muito triste	5	5.8
Enfurecido por coisas que estão fora do meu controle	4	4.47

Observando-se a tabela 24, na ordem decrescente das ocorrências de sintomas e sinais de bem-estar psicológico, os quatro primeiros itens são comportamentos de controle de sintomas (positivos), e o quinto é um comportamento que revela a ocorrência de sinais e sintomas de estresse (negativo), o único a abranger mais de 50% dos professores da amostra. Destacam-se, nesse item, os aspectos de pressão e de responsabilidade exigidos no trabalho, que para Laurell e Noriega (1989) são os principais elementos da carga psíquica. É possível verificar também que 27,9% dos professores se sente “nervoso e estressado”, e destes, 75% afirmam também ter dificuldade de realizar todas as coisas que têm para fazer.

Os desdobramentos da distribuição da ocorrência de sintomas e sinais de bem-estar que abrangem mais de 1/3 dos professores estudados, bem como o comportamento de controle de sintomas “capaz de controlar as irritações do dia-dia” que abrange 2/3 dos professores estudados (e pode estar relacionado às condições de trabalho), em relação ao sexo, idade, tempo de docência e regime de contratação são apresentados nas tabelas 25, 26, 27 e 28.

Tabela 25 - Distribuição da ocorrência e percentual de sintomas e sinais de bem-estar psicológico em relação ao sexo

Itens	Ocorrência	Fem (%)	Mas (%)
Contente por ter conseguido algo	61	65	35
Capaz de controlar problemas pessoais	59	68	32
Capaz de controlar irritações do dia-a-dia	52	60	40
Com controle sobre minha vida	51	63	37
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	49	71	29
Particularmente animado ou interessado em algo	48	56	44
Que as coisas vão bem	45	64	36
Que as coisas têm saído como o planejado	35	54	46
Orgulhoso porque fui cumprimentado por algo que fiz	24	54	46
Nervoso e estressado	24	75	25
Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	19	47	53
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	17	53	47
Entediado	12	67	33
Sozinho e distante das outras pessoas	11	82	18
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	9	55	45
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	9	78	22
Chateado porque fui criticado	5	80	2
Deprimido ou muito triste	5	40	60
Enfurecido por coisas que estão fora do meu controle	4	50	50

Quando observado o índice de ocorrência dos sintomas e sinais de bem-estar psicológico em relação ao sexo, com exceção do item “chateado por algo que aconteceu inesperadamente”, nos demais há predominância do sexo feminino. Em relação ao item “com dificuldade de realizar todas as coisas que têm que fazer” (item 5), nas 49 ocorrências estão envolvidos 65% das mulheres e 45% dos homens da amostra. Já, no item “nervoso e estressado” (item 10), encontram-se envolvidos 33% das mulheres e 20% dos homens da amostra. Considerando que, na distribuição da amostra quanto ao sexo há uma proporção de duas mulheres para cada homem, prevalece, também, o domínio do sexo feminino nas ocorrências de bem-estar psicológico, porém, se mantém uma distribuição proporcional nas duas categorias. Dos 49 professores que afirmam ter dificuldade de realizar todas as coisas que têm de fazer, 18 se consideram nervosos e estressados, sendo que dentre esses, 3 professores são do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Como a maioria da amostra (56%) é casada e nas 49 ocorrências, 71.4% são mulheres, das quais (60%) são casadas, é possível pensar, nesse caso, que a dupla ou tripla jornada de trabalho - pois geralmente os afazeres domésticos ficam ao encargo das mulheres, é uma variável interveniente no processo de saúde.

A dificuldade de realizar todas as coisas que têm de fazer, expressada pelos professores está associada ao estresse e nervosismo, pois foi constatado

que das 24 ocorrências do item “nervoso e estressado” 75% desses professores também afirmam ter dificuldade de realizar tudo o que têm para fazer. O estresse e o nervosismo, sentido e referido pelos professores, associa-se, então, à dificuldade de realizar todas as coisas que têm para fazer para, pelo menos 18 professores da amostra, pois ao cruzar essas informações com os resultados do questionário de carga psíquica, os 24 (todos) professores que se consideram nervosos ou estressados estão descontentes com as suas condições de trabalho; para os 49 professores que têm dificuldade de realizar todas as coisas que têm para fazer, apenas 2 deles não reclamam das suas condições de trabalho e, para os 52 professores que “ainda” conseguem controlar as irritações do dia-dia, apenas 8 deles não reclamam das suas condições de trabalho.

Em resumo, pode-se caracterizar as condições de trabalho dos professores estudados como fonte de estresse, indo ao encontro dos resultados de outros estudos com professores do ensino fundamental e médio (Reinhold,1985), independente do sexo dos professores.

Em relação à idade dos professores, a maior concentração de sintomas e sinais de estresse está na faixa de 41 a 50 anos (que compreende a média de idade da população), porém destaca-se o significativo número de ocorrência na faixa dos professores até 30 anos (64%), no qual se incluem os professores substitutos, especialmente no item “nervoso e estressado” (42%); dos jovens professores, 50% percebe, mas se considera “capaz de controlar as irritações do dia-dia”.

Tabela 26 - Distribuição da ocorrência de sintomas e sinais de bem-estar psicológico em relação à idade

Itens	Ocorrência	Até 30	31 a 40	41 a 50	Mais de 50
Contente por ter conseguido algo	61	9	13	27	12
Capaz de controlar problemas pessoais	59	9	13	28	9
Capaz de controlar irritações do dia-a-dia	52	8	10	23	11
Com controle sobre minha vida	51	5	10	27	9
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	49	9	11	24	5
Particularmente animado ou interessado em algo	48	9	13	18	8
Que as coisas vão bem	45	8	12	17	8
Que as coisas têm saído como o planejado	35	5	7	14	9
Orgulhoso porque fui cumprimentado por algo que fiz	24	5	3	9	7
Nervoso e estressado	24	6	5	8	5
Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	19	3	2	8	6
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	17	4	6	3	4
Entediado	12	5	3	4	0
Sozinho e distante das outras pessoas	11	4	4	3	0
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	9	2	2	3	2
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	9	2	3	3	1
Chateado porque fui criticado	5	3	1	1	0
Deprimido ou muito triste	5	2	1	1	1
Enfurecido por coisas que estão fora do meu controle	4	1	1		2

Nos dois itens negativos que possuem ocorrências significativas, os responsáveis pela maioria das ocorrências (71% no item 5, e 54% no item 10) possuem entre 31 e 50 anos, demonstrando que os professores que estão em pleno desenvolvimento da carreira, percebem como adversas as condições em que trabalham. Embora eles permaneçam trabalhando, percebem e registram, conforme o questionário de avaliação da carga psíquica, o seu descontentamento com as condições de trabalho.

Observando a distribuição da ocorrência dos sintomas e sinais de bem-estar em relação ao tempo de docência, das 49 ocorrências do quinto item, e das 24 ocorrências do décimo item da tabela, pode-se notar que a maior parte dos respondentes têm entre 11 e 20 anos de docência. Porém, com menos de 10 anos de docência encontram-se 22 professores, o que representa 56% dos professores que não completaram 10 anos de docência. Com mais de 20 anos de docência, estão envolvidos 6 (33%) professores no quinto item da tabela e, 6 (33%) professores no décimo item.

Tabela 27 - Distribuição da ocorrência de sintomas e sinais de bem-estar psicológico em relação ao tempo de docência

Itens	Ocorrência	Até 2	3 a 10	11 a 20	Mais de 20
Contente por ter conseguido algo	61	13	11	22	15
Capaz de controlar problemas pessoais	59	13	11	21	14
Capaz de controlar irritações do dia-a-dia	52	12	8	18	14
Com controle sobre minha vida	51	8	10	20	13
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	49	11	11	21	6
Particularmente animado ou interessado em algo	48	13	10	15	10
Que as coisas vão bem	45	11	9	15	10
Que as coisas têm saído como o planejado	35	7	5	11	12
Orgulhoso porque fui cumprimentado por algo que fiz	24	5	4	6	9
Nervoso e estressado	24	6	4	8	6
Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	19	3	3	7	6
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	17	4	6	3	4
Entediado	12	5	3	3	1
Sozinho e distante das outras pessoas	11	5	3	2	1
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	9	2	1	3	3
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	9	2	3	3	1
Chateado porque fui criticado	5	3	1	0	1
Deprimido ou muito triste	5	2	1	1	1
Enfurecido por coisas que estão fora do meu controle	4	1	1	0	2

Novamente, nos dois itens negativos, os professores situados na faixa intermediária de tempo de docência (entre 11 e 20 anos) são responsáveis pela maior parte das ocorrências. As condições de trabalho desfavoráveis, ao longo do tempo, provocam desgaste, porém o percentual expressivo de professores com menos de 10 anos de docência incluídos nessas ocorrências indicam que a precariedade das condições de trabalho percebida pelos professores no seu

cotidiano independe do tempo em que estão atuando na docência. Enfim, não parece ser o tempo de docência e, sim, as condições de trabalho que interferem na saúde dos professores.

Tabela 28 - Distribuição da ocorrência de sintomas e sinais de bem-estar psicológico em relação ao regime de contratação

Itens	Ocorrência	DE	40H	20H	Subs
Contente por ter conseguido algo	61	38	10	1	12
Capaz de controlar problemas pessoais	59	37	9	1	12
Capaz de controlar irritações do dia-a-dia	52	31	9	1	11
Com controle sobre minha vida	51	33	9	1	8
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	49	29	9	1	10
Particularmente animado ou interessado em algo	48	26	9	0	13
Que as coisas vão bem	45	26	9	0	10
Que as coisas têm saído como o planejado	35	22	6	0	7
Nervoso e estressado	24	15	5	0	4
Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	24	16	1	0	7
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	19	12	2	1	4
Entediado	17	10	2	0	5
Sozinho e distante das outras pessoas	12	6	1	0	5
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	11	6	0	0	5
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	9	6	1	0	2
Chateado porque fui criticado	9	4	2	0	3
Deprimido ou muito triste	5	1	0	0	4
Enfurecido por coisas que estão fora do meu controle	5	2	0	0	3
	4	2	1	0	1

DE: 40 horas semanais com Dedicção Exclusiva; 40H: 40 horas semanais; 20H: vinte horas semanais; Subs: Substitutos

Em relação ao regime de contratação, observa-se na tabela 28, da mesma forma que na tabela 27, que nos itens negativos há um número significativo de professores substitutos envolvidos. No aspecto “com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer”, 58% das ocorrências são de professores com DE e 24.5% de professores substitutos. Considerando a distribuição da amostra quanto ao regime de contratação, nos dois itens referidos, encontram-se envolvidos, respectivamente, 56% dos professores com DE e 63% dos professores substitutos.

Por fim, observando o item “capaz de controlar irritações do dia-dia”, nas quatro tabelas anteriores, o terceiro maior número de ocorrência, traduzido como comportamento de controle de sintomas de estresse, pode estar relacionado, nesse caso, com as condições de trabalho, dado que o perfil das respostas é o mesmo: predomina o sexo feminino, a maior parte dos professores tem entre 31 e 50 anos, entre 10 e 20 anos de docência e são contratados em regime de dedicação exclusiva. Também pode-se considerar significativo o número de professores substitutos envolvidos nas 52 ocorrências do item.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi caracterizar as cargas psíquicas no trabalho de professores universitários e como elas podem influenciar nos processos de saúde. Considerada como altamente produtiva, tendo em vista a expectativa de vida dos brasileiros, a média de idade dos professores ( $m = 41,4$  anos), bem como a média de tempo de docência ( $m = 13,4$  anos), estão relacionadas com a política estabelecida pelo governo federal desde a década de 90 passada. As ameaças de perdas de direitos previdenciários levaram os professores das IFES a aposentadorias (às vezes precoces), e o impedimento de concursos públicos para provimento das vagas, à precarização das relações contratuais, com repercussões sobre a redução da qualidade do ensino público superior. Remonta a esta época a presença crescente, ao longo dos anos seguintes, de professores substitutos nos quadros das IFES, contribuindo nas características do perfil demográfico e ocupacional encontrado.

Uma característica dos professores estudados é a origem da graduação. A maioria deles é graduada na UFSM, posicionando a carreira docente ou como uma construção profissional vocacionada ou uma opção clara de ocupação de espaço no mercado de trabalho de ensino. Independentemente da forma da opção, o despreparo técnico e psicológico foi evidenciado nas observações do comportamento dos professores em sala de aula e nos demais aspectos aferidos pelos instrumentos de pesquisa.

A busca pela pós-graduação é um aspecto importante a ser considerado, dado que menos de 10% dos professores são graduados apenas, incluindo parte dos professores substitutos. Considerando as políticas governamentais para o setor da educação (congelamento dos salários e de concursos públicos para provimento de vagas), a procura pela pós-graduação pode ser explicada ora pelas exigências de mercado – na lógica de que quanto mais especializado, maiores as chances no mercado de trabalho, ora pela instituição da Gratificação de Estímulo à Docência – GED (nefasta à carreira docente aos olhos da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior - ANDES/SN), uma gratificação dada aos docentes do ensino superior, diferenciada pela sua titulação (numa escala decrescente) e que contribui para a precariedade das condições de trabalho, conforme expressa o resultado do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica.

Levado pelas responsabilidades assumidas, 2/3 dos professores estudados registra pelo menos um episódio de dor/desconforto nos últimos seis meses, porém apenas 10% destes entraram em LTS para cuidar da saúde.

O baixo número de licenças registrado pode ser explicado, considerando a automedicação como forma de controle da dor ou por falta ao trabalho justificada, com posterior recuperação das atividades. Entre os professores que referiram episódio de dor/desconforto, um deles confessa ter solicitado afastamento do trabalho por conta de dias de férias pendentes para tratar do problema, ao invés de entrar em LTS. Há que se considerar, ainda, que o professor, a exemplo de outros profissionais, convive com a dor enquanto julgá-la suportável, e só passa a reconhecê-la como parte importante do processo de adoecimento, quando não mais consegue controlá-la.

A dor e o desconforto referidos pelos professores estudados estão intimamente relacionados à precariedade das condições de trabalho. Em relação às condições físicas, destacam-se aspectos como o ruído de fontes diferenciadas, a exigência de posturas (estáticas e dinâmicas) desequilibradas e a exigência do uso da voz, necessárias às demandas da jornada de trabalho. No que se refere às condições organizacionais, a desproporcionalidades entre o salário do professor e suas responsabilidades repercute diretamente na saúde física e mental dos professores estudados. Prova disso, é o número de queixas registradas no Questionário de Avaliação da Carga Psíquica, referidas por toda as classes (efetivos e substitutos) de professores.

Segundo os comentários dos professores, durante as entrevistas, a introdução da GED expressa a precariedade das atuais condições salariais dos docentes das IFES. Ela leva o professor a produzir em busca da melhor pontuação que lhe garanta a integralidade da gratificação. Aos substitutos cabe uma remuneração ainda menor, o que os leva a reclamar do salário na mesma proporção que os efetivos. Cobra-se dos substitutos uma postura de professor experiente e isso, às vezes, parece repercutir nas respostas desses professores nos instrumentos de pesquisa.

Os professores que tecem queixas sobre as condições de trabalho são os mesmos que se encontram entre os “nervosos e estressados” e os que têm “dificuldade de realizar todas as coisas que têm para fazer”, mas que se consideram capazes de controlar as irritações do dia-dia. Foi possível observar

que os professores assistenciais são os que percebem e referem fatores estressores, talvez por conviverem num ambiente onde circulam pessoas sofrendo com dor/desconforto (ambientes tensiógenos, segundo PITTA,1990) ou, talvez, pela predominância de situações que exijam deles uma dupla responsabilidade (sobre alunos e pacientes, concomitantemente). Os professores não assistenciais queixam-se, sobremaneira, das condições físicas dos ambientes de trabalho e de seus efeitos psicogênicos, como por exemplo, o ruído produzido pelas conversas paralelas em sala de aula.

Proporcionalmente, as mulheres mostram-se mais impactadas com as condições de trabalho, ainda que, entre os homens, mais de 1/3 deles também se mostram impactados com tais condições. As queixas em relação às condições de trabalho foram referidas, em ordem decrescente de ocorrência, pelos professores dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Odontologia, Fonoaudiologia, Farmácia (Análises Clínicas e Farmácia Industrial) e Medicina.

Em relação ao método, a fase de observação de campo teve peso importante na construção dos instrumentos de pesquisa. O Q-CP mostrou-se eficiente para a proposta do estudo, possibilitando a caracterização da carga psíquica no trabalho do professor da área da saúde. A estreita relação existente entre os resultados do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica e do Inventário de Perfil de Bem-Estar Psicológico permite afirmar que as condições de trabalho influenciam o estado de bem-estar psicológico dos professores estudados.

O tempo de docência e o número de disciplinas lecionadas no semestre não influenciaram, como variáveis intervenientes, nos resultados, pois as queixas dos professores estão mais relacionadas às condições de trabalho do que a quantidade de tarefas, atividades ou atribuições por eles assumidas. Porém, as condições de trabalho somam-se ao estado de bem-estar psicológico do professor como variáveis intervenientes, influenciando significativamente nos resultados do estudo.

Em síntese, foi possível evidenciar que a precariedade das condições de trabalho, apontada pelos professores estudados, constitui um fator determinante nos processos de saúde. Os constrangimentos relacionados à organização do trabalho são considerados as maiores fontes de incômodo, especialmente a desproporcionalidade entre o salário recebido e as responsabilidades assumidas,

o estado de conservação de materiais e equipamentos e a exposição a riscos de contaminação.

Novos estudos podem enfatizar o exame dos processos subjetivos na análise do discurso, por meio do aperfeiçoamento do método de entrevistar, de forma a confrontar dados e queixas referidas nos instrumentos construídos. Podem ser objetos de investigação futuros a relação entre o processo de saúde e as cargas psíquicas, considerando aspectos como a construção da carreira, a participação no mercado de trabalho docente, o *status* profissional da profissão, a relação com os alunos, as diferenças de gênero e as condições clínicas pregressas e atuais dos professores.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, C. H, M. **Relações entre frequência cardíaca, carga física de trabalho e produtividade em sistemas de produção de componentes elétricos para motores industriais.** Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais.** 3ª Edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- BECKER, M.; DIAMOND, R. SAINTFORT, F. A new patient focused index for measuring quality of life in persons with severe and persistent mental illness. **Quality of Life Research.** 2, p. 239-251, 1993.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BRAGA, C. A. S.; PORTO, H. M. P.; NICOLOSO, M. S.; BAEMANN, N.; PETTER, V. **Disfonia em professores do ensino fundamental da rede municipal de Porto Alegre.** Porto Alegre, 2002. Monografia (Especialização em Medicina do Trabalho) – Programa de Pós-Graduação em Medicina do Trabalho. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BUSCHINELLI, J. T.; ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M. **Isto é trabalho de gente?: vida, doença e trabalhador no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CAMPOS, L. F. L. **Métodos e técnicas de pesquisa em Psicologia.** Campinas: Alínea, 2001.
- CASTRO, N. M. T. **Alterações laríngeas e disfunções da voz em professores: um alerta à prevenção.** Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Makron Books, 1996.
- CODO, W. (coord) **Educação: carinho e trabalho.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- COHEN, S.; KAMARK, T.; MERMELSTEIN, R. A global measure of perceived stress. **Journal of Health and social Behavior.** 24. p. 385-396. 1983.
- COLLE, H. A.; REID, G. B. Context effects in subjective mental workload ratings. **Human Factors,** 40 (4), p. 591-600, 1998.
- CONTRANDIOPOULS, A. P.; CHAMPAGNE, F., POTVIN, L.; DENIS, J. L.; BOYLE, P. **Saber preparar uma pesquisa.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- CORREA, F. P. **Carga mental e Ergonomia.** Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina.
- COUTO, H. **Ergonomia aplicada ao trabalho.** Belo Horizonte: Ergo, 1995.

CRUZ, R. M. **Psicodiagnóstico de síndromes dolorosas crônicas relacionadas ao trabalho**. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina.

CRUZ, R. M.; ALCHIERI, J. C.; SARDÁ Jr, J. J.(Orgs) **Avaliação e medidas psicológicas** – produção do conhecimento e da intervenção profissional. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 183-189, 2002.

DANIELLOU, F.; LAVILLE, A. TEIGER, C. Ficção e realidade de trabalho operário. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 68(17), p. 7-13, 1989.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. A carga psíquica do trabalho. In DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas S.A, 1994.

\_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

DIMBERG, L. Afecções cervico-braquiais provocadas pelo trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 72(19), p. 65-77, 1991.

ESTEVE, J. M. **Mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: Edusc, 1999.

FACCHINI, L. A. Uma contribuição da epidemiologia: o modelo de determinação social aplicado à saúde do trabalhador. In BUSCHINELLI, J. T.; ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M. **Isto é trabalho de gente?**: vida, doença e trabalhador no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FALZON, P. Médecin, pompier, concepteur: L'aticvité cognitive de l'ergonome. **Performances Humaines et Techniques**, 66, p. 35-45, 1993.

FIALHO, F.; SANTOS, N. **Manual de Análise Ergonômica no Trabalho**. Curitiba: Gênese, 1995.

FONSECA, C. C. O. P. **O adoecer psíquico no trabalho do professor do ensino fundamental e médio da rede pública no estado de Minas Gerais**. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCO, A. C. S. F.; GONÇALVES, A.; PADOVANI, C. R. Relação saúde/doença de professores de Educação Física expressa em estudo na rede municipal de ensino de Campinas – SP. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 24, n. 91/92, p. 75-84, 1998.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores e professoras**: a saúde entre limites. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) –

Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública.

GONDIM, S. M. G. Trabalho docente e valores: em questão as novas tecnologias de informação e comunicação. **Estudos de Psicologia**. v. 18, n. 1, p. 46-57, 2001.

GONZAGA, P. **Perícia Médica da Previdência Social**. São Paulo: LTr, 2000.

GRANDJEAN, E. **Manual de Ergonomia**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GRECO, R. M.; OLIVEIRA, V. M.; GOMES, J. R. Cargas de trabalho dos técnicos operacionais da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. vol 25, p. 59-75, 1995/1996.

GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J.; KERGUELEN, A. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2001.

GUIMARÃES, L. B. M. (editora) **Ergonomia: tópicos especiais: Qualidade de Vida no Trabalho, Psicologia e Trabalho**. Porto Alegre:FEENG, 2003.

HUMPHREY, D. G.; KRAMER, A. F. Toward a psychophysiological assessment of dynamic changes in mental workload. **Human Factors**, 36(1), p. 3-26. 1994.

JACQUES, M. G. C. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia e Sociedade**, 15(1): 97-116, jan/jun.2003. (A)

JACQUES, M. G. C. Tópicos. In **Ergonomia: tópicos especiais: Qualidade de Vida no Trabalho, Psicologia e Trabalho**. Porto Alegre:FEENG, 2003. (B)

JACQUES, M. G. "Doença dos nervos": uma expressão da relação entre saúde/doença mental. In : JACQUES, M. G. ; CODO, W. (orgs) **Saúde mental & trabalho** ; leituras. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 98-111. (C)

JANUÁRIO, A. C.; STEFANI, J. A.; MICHELS, G. Voz: um instrumento humano de trabalho no magistério. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 27, n. 101/102, p. 133 - 138, 2003.

KIENEN, N. **Percepção das relações entre o trabalho e a saúde de professores e alunos universitários**. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

KIENEN, N.; BOTOMÉ, S. P. Docência patológica existe?. **Interação em Psicologia**. 7(1), p. 141-143, 2003.

KNOPLICH, J. **Enfermidades da coluna vertebral**. São Paulo: Ibrasa, 1989.

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde: Trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

LAVILLE, A. **Ergonomia**. São Paulo: USP, 1977.

LEMOS, J. C. **Avaliação da carga psíquica nos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) em trabalhadores de Enfermagem**. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

LEO, J. A.; COURY, H. J. C. G. Em que os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho se diferenciam das lesões por esforço repetitivo? **Revista Fisioterapia em Movimento**. v. X, n. 2, p. 92-102, out-97/mar-98.

LEPLAT, J.; CUNY, X. **Introdução à psicologia do trabalho**. Trad. Helena Domingos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

LIMA, R. O professor e o estresse. **Universidade e Sociedade**. Ano XIII, n. 17, p. 35-39, 1998.

LIPP, M. E. N. (Org) **O stress do professor**. Campinas – SP: Papyrus, 2002.

MEDRONHO, R. A. ; CARVALHO, D. M.; BLOCH, K. V.; LUIZ, R. R.; WERNECK, G. L. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2003.

MELO, S. I. L. Etapas básicas de avaliação e construção de medidas. Florianópolis: CEFID/UDESC, 1998.

MENDES, F. M. P. **Incidência de *burnout* em professores universitários**. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

MONTMOLLIN, M. **L'intelligence de la tâche: elements d'ergonomie cognitive**. Berne: Meter Levy., 1984.

MONTMOLLIN, M. De compétences, charge mentale, stress: peut-on parler de santé << cognitive>>. **Actes du XXV Congrès de la SELF**, Genève, 22-24 septembre, 1993.

MORAES, A.; MONT'ALVÃO, C. R. **Ergonomia: conceitos e aplicações**. 2ª Edição. São Paulo: Editora 2AB, 2000.

MORAES, M. A .A.; MIGUEZ, S. A . LER/DORT – prevenção e tratamento e noções básicas de ergonomia. **Apostila de curso de atualização**. Campinas – SP, 1998.

MOURA, W. **Trabalho e doença existencial: uma visão psicossociológica das doenças ocupacionais**. Rio de Janeiro : Laboratório de Editoração da UFRJ, 1998.

ODDONE, I.; GASTONE, M. S. G.; BRIANTE, G.; CHIATELLA, M.; RE, A. **Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde**. São Paulo: Hucitec, 1986.

OLIVEIRA, C. R. B. **Bem-estar dos docentes de uma instituição privada de ensino superior**. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, C. R. Lesões por Esforços Repetitivos (LER). . **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 73(19), p. 59-85, 1991.

PARAGUAY, A.I.B.B. Estresse, conteúdo e organização do trabalho: contribuições da ergonomia para a melhoria das condições de trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 18, n. 70, p. 40 – 43,

PENTEADO, R. Z. ; PEREIRA, I. M. B. A voz do professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 25, n. 95/96, p. 109-129, 2001.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

PITTA, A. **Hospital: dor e morte como ofício**. 3ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1990.

REINHOLD, H. H. Fontes e sintomas de estresse ocupacional em professores I. **Estudos de Psicologia**. n. 2 e 3, p. 20-50, 1985.

ROCHA, L, E; BATISTA, M. L.; MENDONÇA, M. G. V. Saúde mental e trabalho: contribuição para o reconhecimento da relação entre situação de trabalho e distúrbios psíquicos. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 26, n. 99/100, p. 81-98, 2001.

ROLIM, M. R. P. Análise perceptivo-auditiva das vozes dos professores: um estudo da video-conferência no LED – UFSC. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

ROUQUAYROL, M..Z. **Epidemiologia e saúde**. 4ª Edição. São Paulo: Medsi, 1994.

RUIZ, R. C. ; SEIXAS, A. A. A.; HECK, B. PRIOR, E. L. RUIZ, V. Análise da demanda ambulatorial entre professores de 1º e 2º graus. **Universidade e Sociedade**. Ano VII, n. 12, p. 107-111, 1997.

SANTO, A. M. D.; FARIA, G. H. D. C.; CAVARSAN, A.; COSTA, S. Absenteísmo por licença médica na Universidade Federal de Goiás. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. v. 20, n 75, p. 17-37, 1992.

SCHMIDT, I. T. **Stress ocupacional no ambiente acadêmico universitário: um estudo com professores de um distrito universitário**. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo.

SCHONBLUM, R. **Atributos psicométricos necessários à construção de uma medida de carga mental de trabalho**. Florianópolis, 2004. Dissertação

(Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez, 1994.

SELIGMANN-SILVA, E. Saúde mental e trabalho. In COSTA, N. R. & TUNDIS, S. A. Cidadania e loucura – políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SELL, I. **Projeto do trabalho humano**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SILVA FILHO, J. F.; JARDIM, S. R.; PERECMANIS, L. Processo de trabalho e sofrimento psíquico: o caso dos pilotos de trem do Rio de Janeiro – I. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 45(5), p 265 – 284, 1996.

\_\_\_\_\_. Processo de trabalho e sofrimento psíquico: o caso dos pilotos de trem do Rio de Janeiro – I. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 45(5), p 265 – 284, 1996.

SILVA, M. R.; EVANGELISTA, O.; NUNES, S. R. L.; CANTOS, G. A. A saúde dos professores da UFSC: recuperando a enquete dos professores realizada durante a greve de 2001. **Boletim da APUFSC**, n. 412, p. 3-6, 2001.

SILVANY NETO, A. M.; ARAÚJO, T. M.; KOWALKIEWICZ, C.; LIMA, B. G. C.; DUTA, F. R. D.; MOREIRA, L.; SARMO, M. M. Condições de trabalho e saúde em professores da rede particular de ensino na Bahia: estudo piloto. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 24, n. 91/92, p. 115-124, 1998.

SOARES Jr, J.M.; PIANETTI, G. M.; CECILIO, S.; TEIXEIRA, V. P. A. A saúde dos professores do sexo feminino do ensino primário. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 51, n. 7, p. 891-898, 1994.

TEIXEIRA, A. **Ensino Superior no Brasil: Análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

TENFEN, W. **O processo de (des)qualificação do professor**. Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

TENOR, A. C.; CYRINO, E. G.; GARCIA, V. L. Investigação da percepção vocal de professores de pré-escola da rede municipal de ensino de Botucatu – SP. **Salusvita**, 18(2), p.107-116, 1999.

VERHOEVEN, C.; KRAAIJ, V.; JOEKES, K.; MAES, S. Job conditions and wellness/health outcomes in Dutch secondary school teachers. **Psychology & Health**. v. 18(4), p. 473-487, 2003.

VILLA VERDE, R. **Avaliação da frequência cardíaca como indicador biológico na prevenção dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho**. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina.

VILKMANN, E. Voice problems at work: A challenge for occupational safety and health arrangements. **Folia Phoniatrica e Logopaedica**. v. 52 (1-3), p. 120-125, 2000.

WENZEL, R. L. **O professor e o trabalho abstrato: uma análise da (des)qualificação do professor**. Florianópolis, 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

WISNER, A. **Por dentro do trabalho**. São Paulo: FDT/Oboré, 1987.

\_\_\_\_\_. **A inteligência no trabalho: Textos selecionados de ergonomia**. São Paulo: Fundacentro, 1994.

## **APÊNDICE 1**

### **Protocolo de observação de trabalho de campo**

## PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DE TRABALHO DE CAMPO

Data da observação \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2004.

### Caracterização da organização da disciplina

Disciplina:

Sala:

1. Tipo de disciplina

Teórica                       Teórico-prática                       Prática

2. Curso:

Enf               Farm               Fisio               Fono               Med               Odonto

3. Fase do curso

Inicial                       Intermediária                       Final (profissionalizante)

4. Carga horária semanal (prescrita)

2 horas       4 horas       6 horas       8 horas       Mais de 8 horas

5. carga horária semanal (real)

Horário da disciplina: Das \_\_\_\_\_ as \_\_\_\_\_ horas

6. Tempo de intervalo e controle das pausas

Sim               Não

7. Quantidade de alunos presentes em sala de aula: \_\_\_\_\_

Número de alunos regularmente matriculados na disciplina: \_\_\_\_\_

8. O número de alunos em sala de aula está adequado para o desenvolvimento da disciplina?

Sim               Não

9. Este número de alunos exige muito da sua atenção?

Sim               Não

### Caracterização da sala de aula (espaço físico e mobiliário)

9. Número de carteiras em sala de aula: \_\_\_\_\_

10. Estado de conservação das cadeiras:  Insatisfatório  Regular  Bom

11. Espaço físico reservado ao professor:  Insatisfatório  Regular  Bom

12. Mobiliário reservado ao professor:

12 a. Mesa  Sim               Não

12 b. Cadeira  Sim               Não

12 c. Armário  Sim               Não

13. O espaço físico está adequado para atender às exigências da disciplina?

Sim               Não

14. O mobiliário está adequado para atender às exigências da disciplina?

Sim       Não

### Condições tecnológicas de trabalho

Condições do material audiovisual disponível ao professor:

15. Condições do quadro negro

Insatisfatórias       Regulares       Boas       Não há

16. Condições do projetor de slides

Insatisfatórias       Regulares       Boas       Não há

17. Condições do retroprojetor

Insatisfatórias       Regulares       Boas       Não há

18. Condições da tela de projeções

Insatisfatórias       Regulares       Boas       Não há

19. As condições tecnológicas atendem as exigências da disciplina?

Sim       Não

### Condições físicas do ambiente (das salas de aula e laboratórios)

Iluminação:

Número de lâmpadas constantes na sala: \_\_\_\_\_

Número de lâmpadas em condições de acender: \_\_\_\_\_

Número de lâmpadas queimadas: \_\_\_\_\_

20. Condições de iluminação

Insatisfatórias       Regulares       Boas

Ventilação:

Número de aberturas (janelas) da sala: \_\_\_\_\_

Número de janelas em condições de abrir: \_\_\_\_\_

Número de ventiladores constantes na sala: \_\_\_\_\_

Número de ventiladores em condições de uso: \_\_\_\_\_

21. Condições de ventilação

Insatisfatórias       Regulares       Boas

Temperatura:

Número de aparelhos de condicionador de ar constantes na sala: \_\_\_\_\_

Número de aparelhos de condicionador de ar em condições de uso: \_\_\_\_\_

22. Condições de temperatura

Insatisfatórias       Regulares       Boas

Sonorização:

Ruídos internos:  Sim       Não

Ruídos externos:  Sim       Não

23. Condições sonoras

Insatisfatórias       Regulares       Boas

24. As condições físicas do ambiente de trabalho perturbam a sua concentração em aula?

Sim       Não

25. O ruído provocado pelos alunos perturba a sua concentração?

Sim       Não

#### Condições de higiene e de salubridade

Presença de poeira:       Sim       Não

Presença de pó de giz:       Sim       Não

Presença de fumaças:       Sim       Não

Presença de gases:       Sim       Não

26. Condições de higiene

Insatisfatórias       Regulares       Boas

#### Condições Ergonômicas e Regulações no trabalho (Indicadores de cargas físicas e psíquicas)

Liberdade de deslocamento:  Ampla       Normal       Reduzida

Liberdade de movimentos:  Ampla       Normal       Reduzida

Exigências posturais:       Sim       Não

Adequação do mobiliário:       Sim       Não

Adequação ambiental:       Sim       Não

27. Condições do conforto ambiental

Insatisfatórias       Regulares       Boas

28. Condições de conforto do mobiliário da sala de aula

Insatisfatório       Regular       Bom

29. As condições ergonômicas são adequadas para atender as exigências da disciplina?

Sim       Não

30. Relação professor /aluno em sala de aula:

Insatisfatória       Regular       Boa

31. Relação professor/disciplina:

Insatisfatória       Regular       Boa

32. Complexidade da tarefa:

Sim       Não

33. Fragmentação da tarefa:

Sim       Não

34. Indiferença ao responder ao aluno:

Sim       Não

35. Ironia ao responder ao aluno:

Sim       Não

36. Agressividade ao responder ao aluno:

Sim       Não

37. Passividade ao responder ao aluno:

Sim       Não

**Ultimamente estou me sentindo:**

Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	<input type="checkbox"/>
Contente por ter conseguido realizar algo	<input type="checkbox"/>
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	<input type="checkbox"/>
Que as coisas vão bem	<input type="checkbox"/>
Nervoso e estressado	<input type="checkbox"/>
Capaz de controlar problemas pessoais	<input type="checkbox"/>
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	<input type="checkbox"/>
Capaz de controlar irritações do dia-dia	<input type="checkbox"/>
Enfurecido por coisas que estão fora de meu controle	<input type="checkbox"/>
Com controle sobre minha vida	<input type="checkbox"/>
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	<input type="checkbox"/>
Que as coisas têm saído como o planejado	<input type="checkbox"/>
Sozinho ou distante das outras pessoas	<input type="checkbox"/>
Orgulhoso porque fui cumprimentado por algo que fiz	<input type="checkbox"/>
Entediado	<input type="checkbox"/>
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	<input type="checkbox"/>
Chateado porque fui criticado	<input type="checkbox"/>
Particularmente animado ou interessado em algo	<input type="checkbox"/>
Deprimido ou muito triste	<input type="checkbox"/>

**Perfil do Bem Estar Psicológico**

## **APÊNDICE 2**

**Inventário das exigências e atividades do professor da área da saúde**



## INVENTÁRIO DAS EXIGÊNCIAS OU ATIVIDADES DO PROFESSOR DA ÁREA DA SAÚDE

No quadro abaixo, encontra-se listada uma série de situações relacionadas ao trabalho do professor da área da saúde, construída a partir das observações sistemáticas de aulas práticas e teóricas nos cursos da saúde nos diversos ambientes em que as aulas acontecem. Leia atentamente cada uma das sentenças e responda, segundo sua experiência vivenciada, aquelas situações que possam causar desconforto ou incômodo ao professor, durante o exercício de sua atividade. Observe a orientação constante no próprio quadro para responder a cada uma das sentenças. Sua participação, nesta fase da pesquisa, é muito importante para a busca do conhecimento e da compreensão das condições de trabalho do professor.

<b>VERIFIQUE QUAIS DAS SENTENÇAS EXPRESSAM MAIOR OU MENOR PERTINÊNCIA COM O ESTUDO DAS EXIGÊNCIAS OU CARACTERÍSTICAS DA SITUAÇÃO DE TRABALHO DO PROFESSOR DA ÁREA DA SAÚDE</b>	<b>IMPERTINENTE, não diz respeito ao estudo em questão</b>	<b>POUCO PERTINENTE, diz respeito ao estudo, mas não é significativo.</b>	<b>PERTINENTE, diz respeito ao estudo</b>
Condições físicas (iluminação, ruído, umidade etc) dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Condições de ventilação dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Condições de temperatura dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Distribuição do espaço físico dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolver atividades didáticas em corredores, hall de circulação, escadarias etc	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avaliar pacientes, na presença de pessoas alheias a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comentar intimidades dos pacientes na presença de pessoas alheias a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falar sobre desentendimentos entre alunos na presença de pessoas alheias a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Chamar a atenção dos alunos na presença de pessoas alheias a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dar aula (teórica e/ou prática) em salas de reunião, salas de chefia ou laboratórios	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alunos carregando consigo mochilas, pastas, livros etc durante as aulas práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preencher relatório de atividade prática sobre arquivos, balcões de prescrição etc	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permanecer em pé, parado ou andando, durante as aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permanecer em pé, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permanecer sentado, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

<b>VERIFIQUE QUAIS DAS SENTENÇAS EXPRESSAM MAIOR OU MENOR PERTINÊNCIA COM O ESTUDO DAS EXIGÊNCIAS OU CARACTERÍSTICAS DA SITUAÇÃO DE TRABALHO DO PROFESSOR DA ÁREA DA SAÚDE</b>	<b>IMPERTINENTE, não diz respeito ao estudo em questão</b>	<b>POUCO PERTINENTE, diz respeito ao estudo, mas não é significativo.</b>	<b>PERTINENTE, diz respeito ao estudo</b>
Dificuldade de acesso a materiais e equipamentos necessários às aulas práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar exposto a riscos de contaminação durante a execução das tarefas em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter contato com o pó do giz ao usar o quadro negro em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estado de conservação dos equipamentos e materiais utilizados em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ruído produzido pelas conversas paralelas entre os alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Necessidade de falar constantemente durante as aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Necessidade de alterar o tom de voz para ser ouvido pelos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Necessidade de chamar a atenção dos alunos para retomar o conteúdo da aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer chamada nominal dos alunos em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preencher diários de classe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entregar diários de classe preenchidos em prazos estabelecidos pelos Departamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Calcular as médias das notas das avaliações dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Discutir com alunos as notas das avaliações realizadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prazos curtos para divulgar notas das avaliações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar das reuniões de Departamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar de comissões criadas pelo Departamento ou Colegiado do Curso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar de banca examinadora de concurso ou seleção pública para professor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar de banca examinadora de monografias, dissertações e teses	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Responsabilizar-se pela transmissão de conhecimento atualizado em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Responsabilizar-se por alunos e pacientes concomitantemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fato de não poder acompanhar o trabalho de cada aluno em aula prática	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desproporção entre o número de alunos e a capacidade de dar atenção a todos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Hiper-solicitação de atenção da parte dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pressões (de tempo, metas e prazos) no trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desinteresse dos alunos com as atividades de ensino desenvolvidas em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desinteresse dos alunos com as atividades de extensão desenvolvidas em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desinteresse dos alunos com as atividades de pesquisa desenvolvidas em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entrada de alunos atrasados em meio a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

<b>VERIFIQUE QUAIS DAS SENTENÇAS EXPRESSAM MAIOR OU MENOR PERTINÊNCIA COM O ESTUDO DAS EXIGÊNCIAS OU CARACTERÍSTICAS DA SITUAÇÃO DE TRABALHO DO PROFESSOR DA ÁREA DA SAÚDE</b>	<b>IMPERTINENTE, não diz respeito ao estudo em questão</b>	<b>POUCO PERTINENTE, diz respeito ao estudo, mas não é significativo.</b>	<b>PERTINENTE, diz respeito ao estudo</b>
Retirada de alunos em meio a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Troca de bilhetinhos entre os alunos em meio a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alunos recebendo chamadas no telefone celular durante a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alunos fazendo, durante a aula, outras atividades não relacionadas ao seu conteúdo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A dificuldade de integração entre os alunos em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comportamentos desrespeitosos entre os alunos em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envolver-se com problemas pessoais de alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com alunos percebidos como apáticos em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com alunos percebidos como dispersivos em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com alunos percebidos como auto-suficientes em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com situações emergenciais (acidentes) no trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com situações emergenciais (acidentes) envolvendo alunos em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com situações emergenciais envolvendo alunos e pacientes em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir reclamações dos alunos sobre meu comportamento em aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir reclamações dos alunos sobre meu comportamento em aula, via Coordenação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enfrentar a avaliação discente, na forma proposta pela instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar envolvido simultaneamente em atividades de ensino, pesquisa e extensão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Buscar pontuação para a GED	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Distanciamento entre os colegas de Departamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Disputa, entre colegas, por cargos administrativos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Disputar cargos administrativos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Muito obrigado pela sua colaboração!

Prof Jadir Camargo Lemos  
Depto de Fisioterapia

## **APÊNDICE 3**

### **Instrumento de coleta de dados da pesquisa**



## Questionário de medida da carga psíquica do trabalho de docentes universitários da área da saúde – EACP

As sentenças abaixo descrevem situação do trabalho docente e modos de reação. Com base na escala ao lado assinale o grau de incômodo experimentado.	Nunca	Raras Vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
Condições de iluminação dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>				
Condições de ruídos produzidos pelo fluxo de pessoal nos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>				
Condições de ruídos produzidos por equipamentos nos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>				
Condições de ventilação dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>				
Condições de temperatura dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>				
Distribuição do espaço físico dos ambientes de trabalho	<input type="radio"/>				
Desenvolver atividades didáticas em corredores, hall de circulação, escadarias, etc	<input type="radio"/>				
Avaliar pacientes na presença de pessoas alheias à aula	<input type="radio"/>				
Comentar intimidades dos pacientes na presença de pessoas alheias à aula	<input type="radio"/>				
Dar aulas (teórica e/ou prática) em locais improvisados	<input type="radio"/>				
Ver aluno carregar materiais escolares nas aulas práticas por não ter onde guardá-los	<input type="radio"/>				
Preencher relatórios de atividades práticas em locais improvisados	<input type="radio"/>				
Permanecer em pé, parado ou andando, durante as aulas	<input type="radio"/>				
Permanecer em pé, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas	<input type="radio"/>				
Permanecer sentado, com flexão, inflexão e rotação do tronco em atividades práticas	<input type="radio"/>				
Ter dificuldade de acesso à materiais e equipamentos necessários às aulas práticas	<input type="radio"/>				
Estar exposto à riscos de contaminação durante a execução de tarefas em aula	<input type="radio"/>				
Verificar o estado de conservação dos materiais e equipamentos utilizados em aula	<input type="radio"/>				
Perceber o ruído produzido pelas conversas paralelas entre os alunos	<input type="radio"/>				
Ter necessidade de falar constantemente durante as aulas	<input type="radio"/>				
Ter necessidade de alterar o tom de voz para ser ouvido pelos alunos	<input type="radio"/>				
Ter necessidade de chamar a atenção dos alunos para retomar o conteúdo da aula	<input type="radio"/>				
Entregar os diários de classe preenchidos em prazos fixados pelo Departamento	<input type="radio"/>				
Calcular médias das notas das avaliações dos alunos	<input type="radio"/>				
Participar das reuniões de Departamento	<input type="radio"/>				
Assumir responsabilidade pela transmissão de conhecimento atualizado em aula	<input type="radio"/>				
Assumir responsabilidade sobre alunos e pacientes concomitantemente	<input type="radio"/>				
Ter dificuldade de acompanhar o trabalho de cada aluno em aula prática	<input type="radio"/>				
Desproporção entre o número de alunos e a capacidade de dar atenção a todos	<input type="radio"/>				
Hipersolicitação de atenção da parte dos alunos	<input type="radio"/>				
Pressões (de tempo, metas e prazos) no trabalho	<input type="radio"/>				
Desinteresse dos alunos com as atividades de ensino desenvolvidas em aula	<input type="radio"/>				
Desinteresse dos alunos com as atividades de extensão desenvolvidas em aula	<input type="radio"/>				
Desinteresse dos alunos com as atividades de pesquisa desenvolvidas em aula	<input type="radio"/>				
Movimento de entra e sai dos alunos durante a aula	<input type="radio"/>				
Perceber alunos recebendo chamadas no telefone celular durante a aula	<input type="radio"/>				
Perceber alunos fazendo outras atividades não relacionadas ao conteúdo da aula	<input type="radio"/>				
Lidar com alunos percebidos como apáticos em aula	<input type="radio"/>				
Lidar com alunos percebidos como dispersivos em aula	<input type="radio"/>				
Lidar com alunos percebidos como auto-suficientes em aula	<input type="radio"/>				
Lidar com situações emergenciais (acidentes) no trabalho	<input type="radio"/>				
Lidar com situações emergenciais (acidentes) envolvendo alunos em aula	<input type="radio"/>				
Lidar com situações emergenciais (acidentes) envolvendo alunos e pacientes em aula	<input type="radio"/>				
Ouvir reclamações dos alunos sobre meu comportamento em aula, via Coordenação	<input type="radio"/>				
Estar envolvido simultaneamente em atividades de ensino, pesquisa e extensão	<input type="radio"/>				
Perceber o distanciamento entre os colegas de Departamento	<input type="radio"/>				
Perceber a desproporcionalidade entre o salário e a responsabilidade do trabalho	<input type="radio"/>				
Tenho estado descontente com as condições de trabalho	<input type="radio"/>				
Tenho pensado em mudar de emprego	<input type="radio"/>				
Tenho pensado em mudar de emprego	<input type="radio"/>				

<b>Perfil de Bem Estar Psicológico</b>
----------------------------------------

**Assinale as sentenças abaixo que descrevem “como estou me sentindo ultimamente”**

Chateado por algo que aconteceu inesperadamente	<input type="checkbox"/>
Contente por ter conseguido realizar algo	<input type="checkbox"/>
Incapaz de controlar as coisas importantes da minha vida	<input type="checkbox"/>
Que as coisas vão bem	<input type="checkbox"/>
Nervoso e estressado	<input type="checkbox"/>
Capaz de controlar problemas pessoais	<input type="checkbox"/>
Com dificuldade de realizar todas as coisas que tenho que fazer	<input type="checkbox"/>
Capaz de controlar irritações do dia-dia	<input type="checkbox"/>
Enfurecido por coisas que estão fora de meu controle	<input type="checkbox"/>
Com controle sobre minha vida	<input type="checkbox"/>
Com dificuldades que se acumulam tanto que não tenho conseguido superar	<input type="checkbox"/>
Que as coisas têm saído como o planejado	<input type="checkbox"/>
Sozinho ou distante das outras pessoas	<input type="checkbox"/>
Orgulhoso porque fui cumprimentado por algo que fiz	<input type="checkbox"/>
Entediado	<input type="checkbox"/>
Tão inquieto que não consegue ficar muito tempo parado	<input type="checkbox"/>
Chateado porque fui criticado	<input type="checkbox"/>
Particularmente animado ou interessado em algo	<input type="checkbox"/>
Deprimido ou muito triste	<input type="checkbox"/>

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O projeto de Tese de Doutorado “*Avaliação das cargas psíquicas no trabalho e suas repercussões na saúde de professores universitários*”, executado por Jadir Camargo Lemos, matrícula 379675, professor do Curso de Fisioterapia, Coordenado pelo Prof. Roberto Moraes Cruz, do Curso de Psicologia da UFSC, tem por objetivo caracterizar e avaliar as cargas de trabalho da atividade docente dos professores dos cursos da área da saúde do centro de Ciências da Saúde – CCS-UFSM.

Pretende-se iniciar a pesquisa sobre cargas de trabalho na atividade docente a partir da coleta de dados através de observações sistemáticas e a aplicação de um instrumento (**questionário**) denominado Escala de Avaliação da Carga Psíquica – EACP, com os professores contratados e lotados nos cursos do CCS-UFSM, que aderirem, voluntariamente, ao estudo.

No aspecto científico pretende-se contribuir para o avanço do conhecimento sobre as condições de trabalho e de saúde dos docentes e suas respectivas cargas de trabalho. Em termos de relevância social este estudo pretende contribuir para o aprimoramento da qualidade das intervenções, quer no âmbito das condições de trabalho, quer no âmbito das condições de tratamento daqueles que já se encontram com problemas de saúde.

As informações colhidas com esse instrumento poderão ser utilizadas em publicações futuras, sendo que os dados de identificação dos entrevistados serão mantidos em sigilo em qualquer publicação. Os participantes do estudo não terão qualquer tipo de despesa e não sofrerão qualquer tipo de dano.

Aos participantes, fica reservado o direito de se retirar do estudo a qualquer momento sem sofrer nenhum tipo de constrangimento.

Ao final da pesquisa serão oferecidas informações e esclarecimentos a respeito das conclusões do estudo para os interessados.

Eu \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, aceito participar do Projeto acima descrito e concordo com os termos estabelecidos.

Santa Maria \_\_\_\_\_ de 2004.

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética do CCS – UFSM em 13 de setembro de 2004, sob o número 107/04.

## **APÊNDICE 4**

### **Diário de campo**

## **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**

### **DIÁRIO DE CAMPO**

As informações contidas neste relatório, são produtos da atividade de observação de campo realizada no período compreendido entre os dias 12 de abril e 20 de maio de 2004, nos cursos de graduação do Centro de Ciências da Saúde – CCS/UFSM.

Ao total, foram acompanhadas 35 aulas – práticas e teóricas, com duração mínima de duas e máxima de cinco horas, sendo que ao final da observação, foi feito um contato com o professor, onde, numa espécie de entrevista, o pesquisador trocou suas percepções com o professor da disciplina, ampliando as informações colhidas.

Tudo o que foi observado e discutido com o professor, fica, aqui, como registro, para a posterior consolidação de uma escala de avaliação da carga psíquica da atividade do professor do ensino superior.

O roteiro de observação de trabalho de campo (Apêndice 1), foi construído seguindo um modelo de análise da atividade preconizada por Guérin, Laville, Daniellou e cols (2001). Está composto com 37 ítems que abordam: a caracterização da disciplina; a caracterização da sala de aula; as condições tecnológicas de trabalho; as condições físicas do ambiente; as condições de higiene e salubridade; as condições ergonômicas e regulações no trabalho e a relação professor/aluno em sala de aula.

## **Aulas co curso de Enfermagem**

### **Aula 1.**

Turma de alunos do 1º semestre do curso.

Aula teórica com duração de duas horas.

Há 18 alunos em sala de aula, que têm como tarefa do dia, a apresentação de trabalhos em grupo – Relato das visitas aos locais de trabalhos de enfermeiros. O tema do Seminário é “Que enfermeiro queremos ser”.

A aula inicia sem chamada nominal dos alunos;

A Profª se mantém atenta a tudo;

Há uma mínima exigência por parte dos alunos;

A aula é interativa, com a profª provocando a todos;

Os alunos interagem entre si e a profª controla tudo;

A sala apresenta boas condições de trabalho, embora seja uma espécie de laboratório para aulas práticas.

Percebe-se o esforço do prof em controlar a turma e a necessidade de atenção permanente aos alunos e ao que está sendo apresentado e discutido em sala.

A aula encerra, sem intervalo, no horário previsto.

### **Aula 2.**

Turma de alunos do 7º Semestre do curso

Aula teórica com duração de 2 horas.

Há 16 alunos em sala.

A aula inicia com a passagem da lista de presença, enquanto a profª explica a atividade do dia para a turma.

A profª precisa chamar a atenção dos alunos para manter o controle da aula; É dado aos alunos, um espaço de tempo para organizarem, no papel, suas idéias para posterior discussão no grande grupo, mas durante este tempo, muitos conversam (sobre vários assuntos) e alguns vão até a profª solicitar ajuda.

A profª esforça-se para manter o controle da classe, mas os alunos não correspondem (alguns saem e voltam para a sala de aula).

No final da aula, a profª “parece cansada” e queixa-se do comportamento dos alunos.

Alguns alunos saíram antes do término da aula, sem nenhuma justificativa, numa possível demonstração de desinteresse pelo conteúdo. A profª observa a retirada dos alunos, mas não se pronuncia – embora transpareça, através do seu olhar a sua contrariedade com o fato.

A aula encerra com alguns minutos de antecedência, porém não houve intervalo.

### **Aula 3.**

Turma de alunos do 5º semestre do curso.

Aula prática com duração de 4 horas. Excepcionalmente hoje, a aula terá duas horas de duração, para possibilitar aos alunos, participação na Semana da Enfermagem.

Há 3 alunas em aula, o que descarta a necessidade de chamada nominal, pois a profª registra a ausência de uma única aluna. A aula caracteriza-se como atividade prática, desenvolvida na CTI-Adultos do HUSM. Consiste na avaliação de pacientes confinados no leito. A profª expõe às alunas o quadro clínico do paciente e passa a discutir o caso e, simultaneamente, avaliar o paciente. Provoca as alunas para que recordem a teoria; faz uma série de testes e exames. Ao final dos exames, dirige-se a outro paciente. Porém, neste momento chega

paciente novo na unidade, que logo entra em “Parada”<sup>5</sup> e toda a equipe é solicitada a colaborar nos procedimentos, inclusive a prof<sup>a</sup> e suas alunas. No final, a prof<sup>a</sup> se diz satisfeita com o comportamento das alunas frente à situação (totalmente nova para elas).

Conversando com a prof<sup>a</sup> esta percebe a exigência de (dupla) responsabilidade no exercício das atividades. Apesar de gostar de dar aulas, sente-se cansada no final da aula e mais cansada no final da semana.

**Obs: Professora substituta**

#### **Aula 4.**

Turma de alunos do 4º semestre do curso.

Aula prática com duração de 4 horas, desenvolvida nas enfermarias do 4º andar do HUSM.

Há 5 alunos em aula. Mesmo não havendo chamada nominal, a prof<sup>a</sup> confere e percebe que uma das alunas está chegando no exato momento de iniciais as atividades.

A aula consiste em cuidados de rotina (sinais vitais, banho no leito, curativos, sondagens e medicação) com pacientes internados em enfermarias. A prof<sup>a</sup> distribui os pacientes e as tarefas entre os alunos e os acompanha (dentro de suas possibilidades) em todos os procedimentos. Presencia o preparo (dosagem) da medicação, para posterior administração das mesmas, pelos alunos. Mantém tudo sob controle, com os alunos recorrendo a ela sempre que necessário. No final da aula, confessa que mesmo sendo “só” 5 alunos, dá para cansar. Permanece sempre disposta, tranqüila e acolhedora, não parecendo importar-se com a “supersolicitação” e a “necessidade de atenção permanente” sobre os alunos e os cuidados com os pacientes. A aula termina no tempo previsto ser ter havido intervalo durante as 4 horas de aula.

**Obs: Professora substituta**

#### **Aula 5**

Turma de alunos do 4º semestre do curso.

Aula prática com duração de 4 horas, desenvolvida nas enfermarias do 5º andar do HUSM.

Há 5 alunos em aula. Não há chamada nominal dos alunos, mas a prof<sup>a</sup> conversa com todas, tratando-as pelo nome.

A aula consiste em cuidados de rotina (sinais vitais, banho no leito, curativos, sondagens e medicação) com pacientes internados (mais dependentes e críticos) em enfermarias.

A prof<sup>a</sup> distribui os pacientes e as tarefas entre os alunos e os acompanha até as enfermarias. Participa de tudo (dentro de suas possibilidades), pergunta, responde, orienta e auxilia a todos. Presencia o preparo da medicação e orienta a administração da mesma. Orienta uma passagem de sonda vesical (feminina) e a colocação de Uropen<sup>6</sup> em outro paciente. Ambos os procedimentos são delicados e reservados, o que exigiu da professora uma postura firme frente aos alunos. No final da aula reúne os alunos para controlar e contornar uma situação “desagradável” entre duas alunas. No final da discussão, ela se posiciona e apela para o senso de equipe dos alunos. Observa-se uma supersolicitação por parte

---

<sup>5</sup> Parada cardio-respiratória

<sup>6</sup> Conjunto composto de preservativo e cânula, utilizado como coletor de urina em pacientes do sexo masculino, que não possuem controle vesical.

dos alunos, ao que ela, mesmo percebendo, despreza o fato. Confessa-se cansada mas “satisfeita”. Diz: “Não é o ideal, mas gosto do que faço”. Faltam condições materiais e recursos humanos, mas o desafio faz parte do trabalho. A aula termina no prazo previsto, sem ter havido intervalo durante as 4 horas, nas quais a prof<sup>a</sup> esteve em constante movimento, deslocando-se entre as enfermarias e o posto da unidade.

**Obs: Professora substituta**

### **Aula 6**

Turma de alunos do 1º semestre do curso.

Aula teórica com duração de 3 horas.

Há 17 alunos em aula. O tema da aula é histologia da medula espinha. De início, o prof faz um desenho (corte transversal da medula) para explorar, de forma esquemática, durante sua explanação. Enquanto desenha – com minúncias, os alunos conversam entre si (sobre assuntos diversos), alguns cochicham e riem muito, parecendo não se importar com a presença do professor em sala. Ao concluir o desenho, o prof<sup>o</sup> vira-se e “ordena silêncio”, mas os alunos ignoram a ordem. A aula segue tipo “monólogo”, com os alunos apenas copiando o desenho do quadro. O prof mostra os detalhes, sem enfatizar ou dirigir o conteúdo. Após uma hora de aula, o prof propõe um intervalo, no qual conversamos sobre alguns assuntos, sem entrar nas questões da aula. Retornado à sala, o prof retoma o conteúdo (com dificuldade) e a aula segue igual até o final, que é antecipado. No final, o prof diz que a turma é sempre assim...muito imaturos...ainda estão presos ao segundo grau. Diz gostar de dar aula.

### **Considerações**

As aulas teóricas ministradas no CCS, aconteceram em sala equipada, em boas condições. Embora seja uma espécie de laboratório, a sala é ampla e oferece boas condições. Não foram explorados os recursos audio-visuais, mas as aulas foram ministradas com qualidade.

A aula teórica de histologia foi ministrada num laboratório com bancadas de microscopia. O local não era adequado para uma aula teórica e o prof usou um recurso que não prendeu a atenção dos alunos. No conjunto, diversos fatores contribuíram para o comportamento dos alunos; a distribuição dos alunos, o recurso utilizado, e o tema da aula. Mas os alunos pareciam movidos pelo resultado da prova anterior (sobre o que o prof não quis falar). Do ponto de vista do comportamento (coletivo), os alunos pareceram minimamente despreparados...“imaturos”...idéia reforçada por alguns professores.

As aulas práticas ministradas no HUSM (CTI, 4º e 5º andares) apresentaram condições desfavoráveis. Não há um espaço adequado para uma atividade mais didática – uma explicação sobre situações delicadas de pacientes, por exemplo, sem que seja presenciada por pessoas não interessadas ou não pertencentes à turma. As condições tecnológicas são suficientes, mas a falta de privacidade se sobrepõe às demais condições. A necessidade de atender aos alunos (pequenas turmas) ainda é uma exigência física e mental sentida pelos professores.

Obs: O manejar com os alunos parece ser o fator mais evidente de um possível desgaste. O comportamento do aluno em sala de aula é percebido durante a observação. Os professores sentem-se incomodados com os alunos “apáticos” tanto quanto com os alunos “inquietos” e os “auto-suficientes”.

## **Aulas do curso de Farmácia**

### **Aula 1**

Turma de alunos do 7º semestre do curso.

Aula teórica com duas horas de duração, com 12 alunos em sala de aula.

A aula inicia com o prof distribuindo o material para cópia xerográfica. Introduz o conteúdo e inicia sua explanação usando retroprojeções. Faz mau uso do recurso (lâminas envelhecidas e sem qualquer ilustração). A aula tem duração de 1 hora, com o prof falando aceleradamente e no mesmo tom de voz, sem enfatizar ponto algum do conteúdo. Os alunos permanecem “apáticos”...”ausentes”...O prof dá por encerrada a aula e todos saem apressados. Não houve chamada nominal dos alunos e nem intervalo de aula.

No final, quando perguntado sobre o comportamento dos alunos, o prof responde que “a turma é sempre assim”...isto me incomoda, mas alguns até são melhores na prática.

### **Aula 2**

Turma de alunos do 6º semestre do curso.

Aula prática com duração de 2 horas, com 13 alunos em sala de aula (laboratório).

A profª inicia a aula usando o quadro negro para explicar a técnica a ser aplicada em aula. Usa retroprojektor para orientar a técnica e a leitura dos resultados. Os alunos, divididos em grupos de três, realizam experiências, orientados pela profª e por uma técnica de laboratório. Os alunos conversam muito entre si, mas permanecem atentos ao trabalho. Por sua vez, a profª está atenta a tudo e circula entre os alunos, controlando as conversas. Percebe-se o seu olhar atento a tudo e a todos. A profª mostra-se descontente com a monitora da disciplina, mesmo assim, incentiva os alunos a voltarem ao laboratório para verem os resultados da experiência e fazer o relatório final. A aula termina no horário previsto, sem ter havido chamada nominal e nem intervalo. Conversando com a profª, ela diz não estar cansada, mas reconhece ser difícil atender a todos, principalmente quando todos os 17 alunos estão presentes.

### **Aula 3**

Turma de alunos do 7º semestre do curso.

Aula teórica com duração de 2 horas, com 16 alunos em sala.

Passa lista de chamada enquanto instala o equipamento (data-show). De inicio, teve problemas com o equipamento de sala, recorrendo ao equipamento do departamento para ministrar sua aula. Iniciada a explanação, mostrou-se hábil no manejo do equipamento, fazendo bom uso do recurso. Usa exemplos e faz perguntas que ela mesma responde (já que os alunos não se pronunciam). Provoca os alunos para a discussão, mas estes respondem muito timidamente. Demonstra bom conhecimento no assunto e domínio de sala de aula – controlando tudo com olhares. Embora toda a disposição e o esforço da profª, os alunos não participam da aula...parecem apáticos, ao que ela lamenta. No final, embora alguns reclamem, a profª distribui textos para seminários. A aula termina no horário previsto, sem intervalo, e no final da aula, conversando com a profª, ela

lamenta que os alunos não aproveitam o espaço para a discussão. “Se eles participassem, a aula seria outra”.

Observa-se todo um esforço e esmero no preparo da aula que não foram devidamente aproveitados pelos alunos. Observa-se, também, o descontentamento da prof<sup>a</sup> com relação ao tipo de comportamento dos alunos, principalmente o desinteresse pelos conteúdos.

#### **Aula 4**

Turma de alunos do 8º semestre do curso.

Aula prática com duração de 2 horas, com 4 alunos em aula.

A aula consiste em exame laboratorial com amostra de sangue humano colhido no HUSM. São feitas duas técnicas sob a orientação do prof. Os alunos estão devidamente vestidos para a aula, usando luvas cirúrgicas durante os exames. A aula é tranqüila, mas o prof acha que 4 alunos é demais; o ideal seria 3 alunos para poder dar atenção (merecida) a cada um. O prof orienta a todos, tira dúvidas, faz perguntas e no final lê os resultados dos exames feitos em aula. Não se observa uma exigência significativa da parte dos alunos para com o professor, embora ele reconheça que o número de 4 alunos excede a sua possibilidade de atender bem a todos. A aula encerra com meia hora de antecedência, sem chamada nominal e sem intervalo.

#### **Aula 5**

Turma de alunos do 7º semestre do curso.

Aula prática com 2 horas de duração, com 9 alunos em aula.

A aula inicia com exposição da técnica de exame (VSG), com auxílio do data-show, que inicialmente não funcionou. Após exposição teórica, o prof distribui lâminas e prepara o material para exame. Após o preparo das lâminas com sangue humano, estas são colocadas em equipamentos para o processo de exame com tempo controlado por despertador. Enquanto se espera o resultado, o prof distribui outras lâminas para os alunos identificarem os elementos celulares ao microscópio. Ele auxilia a todos; tira dúvidas, faz e responde perguntas entre os alunos demonstrando pleno conhecimento. Ao despertar o relógio, reúne os alunos e lê o resultado do exame, fazendo breve discussão usando exemplos práticos. Para encerrar a aula o prof propõe um teste escrito (ao que os alunos reclamam) com 10 minutos de duração. Ao final do tempo, recolhe os testes, comenta os resultados e encerra a aula, com os alunos reclamando muito do tempo e da complexidade do teste. O prof responde às reclamações dizendo: “Vocês precisam estar cientes de que são formandos”. A aula termina no horário previsto, sem ter havido chamada nominal dos alunos e nem intervalo. Conversando com o prof, este confessa perceber a supersolicitação da parte dos alunos, ele diz que tendo em vista o número de alunos da disciplina (11 alunos) acha que é assim mesmo. Acredita que sua atividade tem grau de exigência e de responsabilidade significativo, mas pensa dar conta do recado. Gosta de dar aula e pretende seguir a carreira docente.

**Obs: Professor substituto**

#### **Aula 6**

Turma de alunos do 6º semestre do curso.

Aula prática com 2 horas de duração, com 15 alunos em aula.

A aula inicia com chamada nominal dos alunos, seguida de entrega de material escrito, referente ao conteúdo do dia. A prof<sup>a</sup> explica a técnica do dia utilizando o quadro negro. Explica os cálculos e diz quais produtos serão utilizados nos exames. Após as explicações os alunos se dividem em grupos e passam a trabalhar na técnica. A prof<sup>a</sup> permanece atenta a todos os grupos, atendendo a todos. Circula o tempo todo entre as bancadas, até que os grupos cheguem aos resultados. A aula encerra em tempo previsto, sem ter havido intervalo. Os alunos se retiram aos poucos, com alguns conversando com a prof<sup>a</sup> sobre os resultados encontrados nos testes. No final da aula, conversando com a prof<sup>a</sup> sobre como administrar aquela aula, ela acha “complicado” trabalhar, na prática, com tantos alunos, mas não há outra forma. “Faltam professores” e com isso, “há uma perda para os alunos”.

### **Considerações**

As aulas teóricas foram ministradas na mesma sala, no CCS. A sala é ampla, mal iluminada e mal ventilada. As cadeiras estão localizadas no fundo da sala e o espaço reservado ao professor é mal organizado (não há cadeira para o professor) e mal distribuído (há cadeiras quebradas, empilhadas no espaço do professor), prejudicando o prof.

As aulas práticas foram ministradas em laboratórios localizados nas dependências do CCS. Os equipamentos estão em boas condições (a maioria deles), mas as atividades desenvolvidas – mescladas entre teoria e prática, passam por adaptações que nem sempre são boas...e isto é, também, o parecer de duas professoras. Em algumas aulas, há um número desproporcional de alunos, mas o professor se desdobra para atender a todos – mesmo sem registrar isto como um desconforto. Os professores queixam-se da falta de possibilidade de dar atenção a todos (embora eles percebam que alguns alunos não façam muita questão disto) reconhecendo, assim, a necessidade de atenção permanente em sala de aula.

### **Aulas do curso de Fisioterapia**

#### **Aula 1**

Aula com alunos do 9º semestre do curso.

Aula prática, com duas horas de duração, com 7 alunos do estágio supervisionado e 2 estagiários de observação.

A aula consiste em apresentação de seminários sobre patologias dos pacientes em atendimento nas internações do HUSM, e acontece na sala da Chefia do Ambulatório de Fisioterapia. Por necessidade do equipamento de multimídia, esta sala foi a única opção da prof<sup>a</sup>. A falta de uma sala adequada causa um grande prejuízo para a prof<sup>a</sup> e para os alunos, pois o espaço não comporta tal número de pessoas. Não há como acomodar todos sem o prejuízo da visibilidade e do controle dos alunos. São apresentados 3 seminários, sendo que ao final de cada apresentação, a prof<sup>a</sup> fez perguntas (dirigidas a todos) e complementou, quando necessário. Pela proximidade entre os alunos, há muitas conversa paralela durante as apresentações. A prof<sup>a</sup> controla tudo e todos com olhares (de

desaprovação) chegando a chamar a atenção dos alunos, em algumas ocasiões. No final, comentando sobre o local da aula, a prof<sup>a</sup> acha lamentável não dispor de nada mais adequado e equipado dentro do HUSM para este tipo de atividade (apresentação de seminário) com equipamento específico e com mais espaço para não prejudicar o aluno. Comenta que as salas existentes são muito disputadas por todos os cursos. Olhar, por 2 horas, para uma tela de computador, parece ter dificultado a concentração dos alunos e os levado a conversar tanto. Tal comportamento incomodou a prof<sup>a</sup>, a ponto de chamar a atenção da turma em situações extremas.

## **Aula 2**

Aula com alunos do 7º semestre do curso.

Aula prática com 3 horas de duração, com 11 alunos, nas enfermarias do 4º e 5º andares do HUSM. Não há lugar reservado ao professor para receber os alunos; a aula inicia no hall do 4º andar (onde já existe uma concentração de alunos outros cursos, pacientes e acompanhantes), a prof<sup>a</sup> leva os alunos para o corredor de circulação (entre as escadas secundárias) onde fica um arquivo e um armário para guarda dos materiais e relatórios das aulas. Neste momento, os alunos assinam a lista de chamada e a prof<sup>a</sup> distribui aos alunos, os pacientes a serem avaliados e tratados pelas duplas de alunos. Como a aula inicia no corredor de circulação, a prof<sup>a</sup> identifica aí, o primeiro momento de stress. Os alunos dirigem-se às enfermarias para os atendimentos, com a prof<sup>a</sup> seguindo-os para ajudá-los (dentro de suas possibilidades) no que for necessário (e sempre é, segundo ela). A prof<sup>a</sup> anda pelos corredores, entra nas enfermarias, conversa com os alunos durante todo o tempo de aula. No final da manhã, procura uma sala para reunir os alunos para a discussão dos casos e após 10 minutos descobre uma sala vazia e INVADÉ com seus alunos. Depois da discussão, a prof<sup>a</sup> orienta os alunos quanto ao preenchimento dos relatórios (que são preenchidos sobre o armário, no corredor) e libera os alunos. No final, a prof<sup>a</sup> demonstra cansaço (desânimo) dizendo-se estressada com a falta de condições de trabalho. Considera um desrespeito dar aula em corredores, hall ou entre as escadas do HUSM.

## **Aula 3**

Aula com alunos do 4º semestre do curso.

Aula teórica com 3 horas de duração, com 18 alunos em sala.

A aula inicia com a antecipação do conteúdo do dia. O prof<sup>o</sup> discorre sobre o conteúdo de forma mecânica (monólogo) sem ser interrompido. Os alunos estão dispersos (a maioria), conversando muito e não interagem com o prof. Este, por sua vez, não provoca a interação. No final da explanação surge uma pergunta (a única) e o prof responde sem muito entusiasmo. A aula termina em uma hora (sem intervalo e sem chamada nominal), após o acerto da data da próxima avaliação. Perguntado ao prof sobre a passividade dos alunos, ele admite sua parcela de culpa, mas não se sente motivado a modificar a situação.

## **Aula 4**

Aula com alunos do 8º semestre do curso.

Aula prática de laboratório, com 3 horas de duração e 18 alunos em sala.

A aula consiste em demonstração de manobras terapêuticas com auxílio de retroprojeção, para serem repetidas entre os alunos (em duplas). Durante a

explicação, alguns alunos conversam, outros estão dispersos e outros sonolentos. A prof chama a atenção de todos trazendo-os para a participação. Após a apresentação de cada manobra, a profª faz a aplicação da mesma com um aluno e orienta os demais a repeti-la em duplas, passando pelas duplas para corrigir detalhes. Circula entre todos, atenta aos que se desviam do trabalho, provocando-os com perguntas. Passa a outra manobra, quando percebe que todos assimilaram o que já foi demonstrado. No final da demonstração de 8 manobras, há uma discussão entre os alunos a respeito das técnicas aprendidas e como elas podem ser utilizadas com os pacientes nas próximas aulas. No final da tarde a profª mostra-se levemente cansada, mas satisfeita por ter alcançado os objetivos. Lamenta o comportamento dos alunos. Atribui o fato à “imaturidade” dos alunos.

### **Aula 5**

Aula com alunos do 2º semestre do curso.

Aula teórica com 2 horas de duração, com 19 alunos em sala.

Inicia a aula com chamada nominal dos presentes. Utiliza data-show para aula expositiva sobre Ética em pesquisa com seres humanos, explorando o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Embora haja uma boa exploração do recurso escolhido, a disposição do prof e o seu conhecimento sobre o assunto, os alunos são “apáticos”...desligados...(uns falam, um dorme e um casal de namorados conversa). Após uma hora de fala do prof (monólogo) surge uma pergunta fora do assunto...o prof responde de forma clara e objetiva, mesmo a pergunta não sendo sobre o tema da aula. Ao final da aula, mesmo não havendo participação ativa, 4 alunos se aproximam do professor para tirar dúvidas. Conversando com o prof., ele lamenta o comportamento dos alunos e diz: a aula poderia ser bem melhor se eles participassem...questionassem...O assunto é muito importante, mas eles não estão nem aí. Não reconhecem o esforço do prof em preparar a aula. A aula encerra antes do tempo previsto, mesmo não havendo intervalo. O prof explorou todo o conteúdo programado para a aula, mas como não houve diálogo entre os atores (prof/aluno) a aula termina antes do tempo previsto.

### **Aula 6**

Aula com alunos do 3º semestre do curso.

Aula teórica com 3 horas de duração, com 19 alunos em sala.

A aula inicia com a chamada nominal dos alunos e após, faz-se o recolhimento dos trabalhos da aula anterior. A profª abre um espaço para os alunos conversarem sobre a situação da Coordenação do Curso(...redução da ansiedade dos alunos...) e logo retoma a aula. Usa retroprojeter para explorar o conteúdo, provocando a interação dos alunos. Como a sala é muito pequena, a profª fica presa ao lado do retroprojeter e, como todos querem se manifestar sobre o assunto, há um certo tumulto, que a profª controla bem, intervindo quando necessário. A aula é interativa, ...mas muito agitada (talvez pq o espaço físico é pequeno e os alunos ficam muito juntos) mas bem controlada pela profª. Há, em sala, uma aluna que se sobressai em manifestações, aceitando as provocações da profª (dirigidas a todos) polemizando a aula. A aula tem um ritmo intenso...todos falam...todos participam...todos interagem entre si e com a profª. Encerrando a aula (em tempo previsto e sem intervalo), a profª faz a leitura de um poema que fala sobre a “identidade do sujeito”, tema da aula do dia.

## Considerações

As aulas teóricas ministradas em salas de aulas nas dependências do CCS, apresentaram boas condições tecnológicas, mas quanto aos demais aspectos, as condições são regulares. A aula prática, ministrada no laboratório do CCS também apresentou boas condições tecnológicas, porém não há uma distribuição adequada do espaço físico; há muita coisa no mesmo lugar. O número de alunos também é desproporcional ao espaço. As aulas práticas, ministradas no HUSM trazem prejuízo ao prof e ao aluno. A falta de um espaço adequado para desenvolver as atividades é um fator estressante para todos...MAS ao que parece, este é um problema de organização que tem atingido a todos os cursos que utilizam o HUSM para as atividades de ensino...uma queixa geral dos professores entrevistados.

## Aulas do curso de Fonoaudiologia

### Aula 1

Aula com alunos do 5º semestre do curso.

Aula prática, com 2 horas de duração e com 7 alunas em sala.

A aula acontece nas dependências da clínica da profª e consiste da prática da técnica de exame de equilíbrio, testada entre as alunas. A profª justifica o local da aula (fora da Universidade) pelo acesso a um equipamento mais moderno e preciso para este tipo de exame. Além da profª, duas monitoras auxiliam na aula. As alunas observam e participam do exame, porém, observa-se muitas conversas paralelas. O espaço é pequeno para comportar todos (ao total, são 11 pessoas), e a conversa paralela é inevitável. A profª controla tudo com energia, buscando as alunas de volta a aula algumas vezes. Ao final da aula, a profª comenta a técnica do exame e a leitura dos resultados, salientando a importância do exame.

### Aula 2

Aula com alunos do 3º semestre do curso.

Aula teórica, com 3 horas de duração e com 20 alunos em sala.

A aula inicia com 20 minutos de atraso...a profª ficou conversando com uma das alunas, sobre problemas pessoais. Passa lista de chamada e retoma o conteúdo da aula anterior. Orienta a formação de duplas para os trabalhos do dia e que deverão ser discutidos ainda em aula. A profª se retira para conversar com alunas de outra turma por (+ ou -) 30 minutos. Durante o tempo de preparo dos trabalhos, os alunos entram e saem de sala, trocam mensagem por celular, falam no celular enquanto aguardam o retorno da profª. Ao retornar, a profª dá início às apresentações dos trabalhos. As conversas paralelas continuam, mesmo durante a apresentação dos colegas...a profª dirige olhares de cobrança...os alunos voltam a atenção a ela, mas por pouco tempo. No final, a profª faz o fechamento da aula (nos termos das apresentações) e dispensa os alunos. Perguntado sobre o comportamento dos alunos, ela disse: “eles são, normalmente assim; muito agitados”. Só chama a atenção deles quando necessário.

**Obs: Professora Substituta**

### **Aula 3**

Aula com alunos do 7º semestre do curso.

Aula prática, com 4 horas de duração e com 5 alunos em sala.

A aula acontece no Ambulatório de Fonoaudiologia do HUSM, consistindo de exames audiométricos com pacientes do HUSM. São usadas 3 das 5 gabinetes existentes no local. Como os exames são concomitantes, as alunas falam ao mesmo tempo, cada qual com seu paciente. Algumas usam fone, outras não. O espaço pequeno facilita a orientação da profª, mas dificulta a comunicação. Ela orienta a todas, mas incomoda-se com perguntas inoportunas (coisas que elas já deveriam saber). Sente-se exigida em demasia, o que a deixa exausta no final da aula. Acha o local impróprio para as atividades, sem contar com o “péssimo” estado de conservação dos equipamentos. A aula foi muito intensa...muito dinâmica...mas percebe-se o “desconforto” da profª diante das exigências das alunas e das condições de trabalho.

### **Aula 4**

Aula com alunos do 7º semestre do curso.

Aula prática com 3 horas de duração e com 4 alunas em sala.

A aula é ministrada num laboratório de Fonoaudiologia, no SAF – Serviço de Atendimento de Fonoaudiologia, no antigo hospital, consistindo de exames audiológicos de pacientes ambulatoriais. Mesmo chegando mais tarde, a profª assume a aula de forma dinâmica, atendendo as alunas em suas dúvidas e perguntas. Auxilia a todas, participando de tudo. Finalizados os exames, a profª reúne as alunas para discutir os 4 casos atendidos, enfatizando o último caso da tarde, que envolveu todas as alunas, por se tratar de algo delicado (detalhes emocionais e jurídicos – incesto). Mostrou-se calma em responder a todas as perguntas, enfatizando a necessidade de atenção à totalidade do paciente. “Mesmo que o exame seja rotineiro, sempre há um detalhe que o torna diferente”. Há muita responsabilidade envolvida nas nossas atividades. Aula muito intensa...pesada...mas produtiva. Encerrada em tempo previsto, sem ter havido chamada nominal dos alunos e nem intervalo.

### **Aula 5**

Aula com alunos do 5º semestre do curso.

Aula teórica, com duas horas de duração e com 16 alunos em sala.

Aula com auxílio de retroprojeção (em p&b). O prof fala em tom de voz moderado em sua explanação, sem fazer qualquer provocação para a participação ativa dos alunos. Faz ponte entre a teoria e a realidade contemporânea. Faz breves paradas para situar a realidade aos alunos. Está atento aos movimentos dos alunos (dispersivos), mas não lhes chama a atenção...limita-se a dirigir-lhes olhares de desaprovação. Ninguém pergunta absolutamente nada enquanto o prof fala...somente no final surgem perguntas (três). A aula termina antes do tempo previsto, sem chamada nominal dos alunos e nem intervalo. Pergunto ao prof sobre o comportamento dos alunos e ele responde que, embora sentir-se incomodado, não perde a concentração...”percebi que alguns não estão ligados na aula”.

### **Considerações**

As aulas teóricas assistidas foram ministradas em espaços apropriados e em condições (regulares) de atender às exigências das disciplinas. As aulas práticas

apresentaram alguns problemas, como por exemplo, a clínica da profª (aula 1) é própria para atendimento, mas não para esta aula...não acomoda 7 alunas, mesmo que a profª ache o espaço melhor que o destinado a ela na UFSM. O ambulatório não oferece condições físicas nem tecnológicas para as atividades; o laboratório (SAF) idem. As aulas práticas, considerando as condições de trabalho não proporcionam plenas condições de aprendizado, trazendo prejuízo ao aluno e desgaste ao professor.

## **Aulas do curso de Medicina**

### **Aula 1**

Aula com alunos do 2º semestre do curso.

Aula teórica com 4 horas de duração e com 47 alunos em sala. A aula acontece num auditório do antigo hospital universitário, num horário alternativo (noturno).

O prof chega em sala de aula sem nenhum material, explicando aos alunos que, por motivos alheios a sua vontade, está ali naquele momento, para dar aquela aula...parece um acerto feito em departamento para dar conta da implantação do novo currículo do curso...frisando, também, que está ali pq gosta muito de dar aula.

Procede a chamada nominal dos alunos identificando seus sobrenomes. No final da chamada, pergunta a todos se algum deles é filho de médico...(?). Retoma a aula comunicando que ainda não tem um programa da disciplina, mas que este será construído a partir de aula do dia (aula de hoje). Em boa parte, a aula é um monólogo. O prof é provocativo, mas os alunos não correspondem. Ele conta histórias, piadas e gesticula muito, buscando prender a atenção dos alunos. Controla os alunos com os olhos, que se intimidam e baixam o tom de voz (...mas continuam conversando...). A aula encerra as 22h35m sem intervalo.

### **Aula 2**

Aula com alunos de 5º semestre do curso.

Aula teórica (de psiquiatria) com 2 horas de duração, com 28 alunos em sala.

A aula inicia com 15 minutos de atraso, por problemas com o data-show. É uma continuação da aula anterior. A profª explica o texto da projeção sem ser interrompida por dúvidas/perguntas. Um grupo de 5 alunos conversa entre si. Dos demais, a maioria copia tudo o que a profª fala. Um aluno chama a atenção dos (grupo de 5) alunos que insistem em conversar, sendo que a profª observa o fato, mas não se pronuncia sobre isto. Em uma hora de aula, a profª decide encerrar por ali, pois não vê condições de continuar sem que haja prejuízo...os alunos estão inquietos com relação a uma prova que deverá acontecer dentro de 10 dias. Encerra com chamada nominal dos alunos, e todos saem apressados. Pergunto à profª sobre o comportamento dos alunos e ela responde que, tendo em vista a aproximação da prova, a ansiedade é natural, tanto que só estão presentes 28 dos 57 alunos matriculados.

**Obs: Professora Substituta**

### **Aula 3**

Aula com alunos do 6º semestre do curso.

Aula prática, com duração de 2 horas, com 14 alunos em sala.

A aula é ministrada em uma sala de reuniões, no interior do serviço de Pneumologia do HUSM (4º andar). A sala é adaptada para apresentação de seminário sobre câncer de pulmão. Os alunos apresentam os tópicos e a profª complementa com conteúdos teóricos e exemplos práticos. Atenta a tudo e a todos. Sempre pronta para esclarecer as dúvidas. As 10:30 horas, a profª propõe um intervalo de 10 minutos. A seqüência da aula constará de visitas (rotina de avaliação) aos pacientes internados. Conversando, ao final da aula, a profª deixa a meu critério participar da aula prática, mas adianta que as condições são ainda piores do que da aula teórica. Sente-se “feliz” por ter esta sala para as discussões e aulas teóricas.

#### **Aula 4**

Aula com alunos do 1º semestre do curso.

Aula teórica com 3 horas de duração e 24 alunos em sala.

A aula inicia com comentários sobre uma dita prova, o que ajudou a controlar (parcialmente) a ansiedade dos alunos, visto que foi uma prova (a primeira) em novo estilo, ou seja, são cinco disciplinas envolvidas numa única prova. (...Novo currículo da Medicina...).

Iniciando o conteúdo do dia, o prof circula pela sala, provocando a participação dos alunos...alguns conversam muito e o prof tenta controlá-los com olhares reprovadores. Poucos participam (timidamente) da aula. As 9:45 horas o prof propõe um intervalo de 15 minutos; ao retornar, usa 40 minutos para distribuir, entre os alunos, os temas dos seminários das próximas aulas. Os alunos reclamam muito, alegando que seminário não ensina nada a ninguém, mas o prof não lhes dá importância, faz a divisão e retoma a aula. Na segunda parte da aula, os alunos participam um pouco mais, mas não o suficiente. Segundo o prof, os alunos não estão preparados para aqueles conteúdos...ainda não viram outros conteúdos que dariam base melhor...mas é a mudança do currículo...tem de esperar para ver.

#### **Aula 5**

Aula com alunos do 5º semestre do curso.

Aula prática com 3 horas de duração e 9 alunos presentes.

Os alunos estão concentrados no hall de entrada do 5º andar do HUSM e o professor chega no horário previsto, mas a aula inicia com 15 minutos de atraso, pois o prof não encontrava uma sala para reunir os alunos por uma hora para discutir as anamneses dos pacientes avaliados na semana anterior. Por fim, consegue um espaço numa sala de reunião da CTI, onde não há cadeiras para todos, mesmo faltando alguns alunos da turma. Dando início a aula, o prof solicita a um aluno que leia sua anamnese para a consideração dos demais. Ele comenta e completa a anamnese do aluno. Passando a leitura do 2º aluno, toca o celular e o prof atende a chamada em meio a leitura do aluno. Toca o celular de um aluno, que também atende a chamada em plena aula. Concluída a leitura, o processo de análise se repete. Passa-se a 3ª leitura e tudo se repete. A segunda parte da aula, consiste nas visitas aos pacientes internados no 4º e no 5º andar do HUSM. Os alunos acompanham o prof (e levam suas pastas e materiais) pelos corredores. Faz-se uma parada na porta de uma enfermaria, na qual encontram-se 4 pacientes internadas. O prof conversa rapidamente com os alunos e entram, dirigindo-se a uma delas, solicitando ao aluno responsável por aquela anamnese, que explique aos demais, a situação da paciente. Todos estão ao redor da

paciente (alguns seguram suas pastas, outros as largam no chão) e fazem perguntas a ela. O prof faz perguntas ao aluno expositor e aos demais. Por fim, o prof faz a ausculta da paciente e sugere aos alunos (os que quiserem) que repitam a conduta...nem todos fazem. Concluído o exame, o prof conversa com a paciente, se despede e todos se retiram. No corredor (mal iluminado), o prof reúne os alunos a sua volta para discutirem o que viram, ficando a 3 m de distância de outro grupo, onde outro prof faz o mesmo. Seguem para outra enfermaria...as turmas se encontram e vira confusão no meio do corredor (...que está muito movimentado...passam por ali alunos, Enfermeiros, aux de enfermagem, pacientes, familiares...) Enfim, seguem para visitar outro paciente, onde tudo se repete. As 10:30 horas, o prof reúne os alunos no hall do 5º andar (onde há outra turma) e encerra sua aula. A aula foi produtiva, mas muito complicada. Os alunos permaneceram todo o tempo segurando suas pastas e materiais. Não há privacidade...nem para o prof, nem para os alunos e principalmente para os pacientes.

### **Considerações**

As aulas teóricas assistidas, mantiveram o modelo da UFSM. Os alunos apresentam um comportamento diferenciado. Copiam tudo mas não participam de forma ativa. Tudo é centralizado na figura do prof... que usa como modelo didático a reprodução da sua prática. O prof de fisiologia, por não ser médico por formação, acha que os alunos da medicina são muito exigentes, mas não colaboram com a aula.

As aulas práticas realizadas no HUSM (principalmente a aula 5) foram muito complicadas. Não há espaço reservado para a atividade. Tudo acontece em espaços adaptados (sala de reunião, hall do andar e corredores de circulação) o que deixa o prof, os alunos e os pacientes muito expostos...sem privacidade. Isto, segundo os professores, é bastante desagradável.

## **Aulas do curso de Odontologia**

### **Aula 1**

Aula com alunos do 4º semestre do curso.

Aula teórica com 2 horas de duração, com 33 alunos presentes.

A profª faz chamada nominal dos alunos e inicia a aula comentando e discutindo algumas questões da prova, colocando-se a disposição dos alunos para solucionar as dúvidas, fora do horário de aula. Retomando a aula, a profª propõe falar sobre 5 patologias de glândulas salivares, explorando recursos audio-visual (slides) com muita tranquilidade. Durante sua explanação, faz diversas provocações, que não são respondidas pelos alunos. Controla tudo, lança olhares de reprovação à um grupo de alunos que insiste em conversar e enviar bilhetinhos. Ao final de cada tópico, a profª faz um breve resumo e volta a provocar os alunos, que respondem timidamente. Concluídas as 5 patologias, pergunto sobre o comportamento dos alunos e ela afirma que eles são sempre assim, mas são sempre os mesmos...o mesmo grupinho. A profª permaneceu o tempo todo em pé, andando e falando muito. Confessa ficar cansada no final de cada aula, ..."mas isto não me incomoda"...

## **Aula 2**

Aula com alunos do 8º semestre do curso.

Aula prática com 3 horas de duração, com 6 alunos presentes.

Aula prática de prótese parcial removível com 18 alunos divididos em 3 grupos de 6 alunos com um professor para cada grupo de alunos. Os alunos atendem os pacientes em duplas, orientados pelo prof. Logo de início, uma das professoras, após orientar seus alunos, retirou-se para participar de uma reunião administrativa, deixando seus alunos sob os cuidados das outras professoras. A profª circula entre os equipos<sup>7</sup>, atendendo as solicitações; explica e ajuda a todos durante o tempo todo. Responde aos alunos e também pergunta a eles sobre seus procedimentos. A aula tem 3 horas de duração, com um ritmo intenso...muitas solicitações, explicações, dúvidas e esclarecimentos.

## **Aula 3**

Aula com alunos do 8º semestre do curso.

Aula prática com 3 horas de duração, com 6 alunos presentes. Os alunos assinam livro controle de presença no início da aula.

Aula prática de prótese parcial removível, com dinâmica semelhante à descrita na aula 2.

Ao final da aula, que duraram 3 horas ininterrupta, as professoras foram entrevistadas (em separado), para a troca das percepções registradas durante a aula. Ambas confessam perceber um índice significativo de exigência, e que essa exigência aumenta quando da ausência de um dos professores, já que as três turmas têm aula concomitantemente e no mesmo espaço físico (...como hoje, por exemplo...) pois acaba recaindo no prof a responsabilidade sobre o aluno e sobre o paciente.

## **Aula 4**

Aula com alunos do 9º semestre do curso.

Aula prática com 5 horas de duração e com 8 alunos presentes.

Os alunos atendem aos pacientes em duplas e/ou trabalham as peças (próteses) dos pacientes. O prof circula orientando os alunos; é bastante solicitado para acertar detalhes das peças. Além dos seus, o prof responde as perguntas dos alunos dos dois outros professores, andando o tempo todo pela sala para atender a todos. Sempre disposto, atende a todos, inclusive as solicitações das duas professoras. Ao final da aula, confessa-se contrariado com o comportamento dos alunos...alguns são preguiçosos, alguns são folgados e outros não estão nem aí...não poderia ser assim com alunos do final do curso. Quanto a supersolicitação, não se sente incomodado...como recentemente voltou do doutorado, acha normal os colegas solicitarem opiniões. Retira-se somente quando os alunos dão por encerrados os trabalhos...isto é, no final do tempo previsto.

## **Aula 5**

Aula com alunos do 9º semestre do curso.

Aula prática com 5 horas de duração e com 7 alunos presentes.

Aula com dinâmica idêntica a aula 4, com a profª circulando o tempo todo entre os alunos, atendendo a todos sempre com muita disposição. No final da aula, sente-se cansada, mas atribui o fato ao seu estado gestacional (7º mês). Apesar do

---

<sup>7</sup> Conjunto de equipamentos necessários para atendimento odontológico.

ritmo de trabalho, sente-se sempre “estimulada”...”é uma atividade estimulante...um desafio”. “Se não fosse assim, não teria graça”.

### **Aula 6**

Aula com alunos do 9º semestre do curso.

Aula prática com 5 horas de duração e com 8 alunos presentes.

Aula com dinâmica idêntica as aulas 4 e 5. A profª é a última do grupo a sair do ambulatório, ultrapassando as 5 horas de aula previstas. Encerra as atividades com ar de cansada. Queixa-se do ambiente, do excesso de responsabilidade com alunos e pacientes.

### **Aula 7**

Aula com alunos do 2º semestre do curso.

Aula teórica com 3 horas de duração, com 31 alunos presentes.

A aula inicia com o prof comentando sobre uma prova de outra disciplina...os alunos vão chagando aos poucos. Usando recurso audio-visual (slides) fala sobre placas bacterianas. Explora o conteúdo de forma expositiva, solicitando aos alunos que “só interrompam se necessário”...Monólogo...Os alunos das fileiras da frente copiam tudo o que o prof fala...os meninos sentam todos no fundo da sala e conversam muito...o prof circula entre os alunos tentando controlar a todos. Faz-se um intervalo de 15 minutos e ao retornar, os alunos parecem mais despertos. A aula segue no mesmo ritmo. Ao final da aula, conversando com o prof, este se diz satisfeito por atingir os seus objetivos...despertar, no aluno, o interesse pela microbiologia. Acha que os alunos não têm “maturidade” para discutir mais em aula. Hoje, com aproximadamente 20 anos de docência, confessa “gostar muito de dar aula”.

### **Considerações**

As aulas teóricas ministradas nas dependências do prédio 20, aconteceram em salas com condições regulares (iluminação, ventilação e temperatura). O recurso tecnológico foi suficiente; a qualidade da aula fica por contado professor. As aulas práticas foram ministradas na Clínica de Odontologia (6º andar do Prédio da Antiga Reitoria), um ambulatório equipado para atendimento à pacientes previamente agendados. Ao todo, são 24 equipos completos e as aulas contam com três professores. Na verdade, são três aulas concomitantes, com turmas de 6 a 8 alunos. Os professores são bastante solicitados e passam a maior parte do tempo da aula (85% do tempo) em pé, andando e atendendo aos alunos. Há uma “hipersolicitação” por parte dos alunos que, as vezes, parece ser insegurança deles. Porém, também parece ser uma espécie de “dependência” criada pelos próprios professores. Quanto aos aspectos físicos do ambiente, a ventilação e a temperatura são irregulares. As janelas estão abertas sempre (algumas não fecham mais). Não há divisão entre os equipos e os alunos conversam entre si, na presença dos pacientes.

### **CONCLUSÕES**

O objetivo da fase de observação era, através da coleta das informações, buscar subsídios para a construção de uma escala de avaliação da carga de trabalho do

professor, enfatizando a carga psíquica e sua inter-relação com as demais cargas de trabalho da atividade docente.

As aulas assistidas foram indicadas pelas chefias de departamento e/ou coordenações de curso, buscando contemplar as fases iniciais, intermediárias e finais de cada curso. Buscou-se, também, observar as aulas teóricas e práticas, nos diversos ambientes onde elas ocorreram.

Foram assistidas 35 aulas entre os seis cursos do CCS, sendo 38 horas de aulas teóricas (15 aulas) e 63 horas de aulas práticas (20 aulas), totalizando 101 horas de observação, como estão distribuídas no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição das horas de atividade de observação.

→Curso	Enf		Far		Fis		Fon		Med		Odo	
	T	P	T	P	T	P	T	P	T	P	T	P
1	2		2			2		2	4		2	
2	2			2		3	3		2			3
3		4	2		3			4		2		3
4		4		2		3		3	3			5
5		4		2	2		2			3		5
6	3			2	3							5
7											3	
Subtotal	3	12	4	8	8	8	5	9	9	5	5	21
Total	19		12		16		14		14		26	

Enf: Enfermagem; Far: Farmácia; Fis: Fisioterapia; Fon: Fonoaudiologia; Med: Medicina; Odo: Odontologia

Das aulas teóricas, os fatores que mais chamam a atenção são as condições em que as atividades são desenvolvidas e o comportamento dos alunos em sala de aula. Quanto às condições de trabalho, algumas das aulas não apresentaram boas condições. Embora o professor não explicitamente reconhecer a falta de condições, sua fala sempre aponta para possibilidade de melhora... "poderia ser melhor", provando que ele percebe em que condições ele trabalha e que há uma espécie de mágoa em relação a este descuido da parte da instituição.

Em relação ao comportamento dos alunos, considerando o ruído produzido por eles, a apatia (expressa pela não participação, ausência e/ou dispersão), a auto-suficiência (expresso pela demonstração de excesso de conhecimento e menosprezo à aula...saídas da sala, comentários inoportunos) e o enfrentamento ao professor (expresso pela rejeição às propostas dos professores e o descontentamento com notas e provas) observou-se que há um certo desconforto da parte do professor, que se percebe na forma de olhar para alunos mais indisciplinados (olhar de reprovação), buscando controlá-los ou trazê-los de volta à aula. Parece, também, haver um certo constrangimento do professor em chamar a atenção dos alunos quando estes excedem em conversas paralelas, quando trocam bilhetinhos ou fazem coisas (tarefas) de outra disciplina, pois percebe-se o desconforto do professor...ou por olhares reprovadores ou por circular pela sala em direção ao aluno, só chamando a atenção em situações extremas. Quando perguntado aos professores se costumam chamar a atenção dos alunos em determinadas situações, estes confessam que, mesmo sem gostar

de tal atitude, sentem-se obrigados a mostrar-se mais enérgico para obter controle de situação.

O fato de atribuírem à imaturidade (no caso, alguns professores atribuíram) o tipo de comportamento dos alunos, parece ser uma forma de contornar a situação e evitar os desentendimentos e confrontos em sala de aula.

A exemplo das aulas teóricas, algumas aulas práticas acompanhadas não apresentaram condições favoráveis, deixando a desejar, principalmente em relação às condições físicas, como ventilação e temperatura. As aulas práticas acompanhadas nas unidades de internação do HUSM, sem exceção, apresentaram como maior problema, a inadequação do espaço físico...aulas nos halls de circulação dos andares, nos corredores de circulação das enfermarias e até nos espaços de circulação entre as escadas de um e outro andar. Espaços adaptados que não comportam o número de alunos (salas de apoio administrativo - chefia), que não dispõe de mobiliário próprio e suficiente para professor e aluno (sala de reuniões), sem iluminação adequada (corredores de circulação) e espaços que não preservam a privacidade do professor, do aluno e dos pacientes (hall de circulação e sala de prescrição).

Do ponto de vista do aprendizado, há um prejuízo para o aluno que precisa (além de carregar sua pasta e materiais) se esgueirar para aproveitar o máximo da aula, pois há um só professor para a turma (de 5 até 14 alunos) que se posiciona ao redor de um leito, numa enfermaria onde há mais 3 ou 5 pacientes (sem contar a presenças dos familiares dos pacientes), ou ficar ao redor do professor no corredor de circulação mal iluminado, com o prof falando a meia voz, tentando preservar a privacidade do paciente. Além de tudo isto, a falta de privacidade limita a possibilidade de perguntas de cunho mais íntimo e que poderiam auxiliar o entendimento de um quadro clínico. Na troca de percepção com os professores, este é, também, o sentimento que eles têm em relação às condições de trabalho no HUSM. "Acho um desrespeito trabalhar nestas condições" diz uma das professoras entrevistadas, ao mostrar a localização do seu material...no canto da escada entre o 4º e o 5º andar...Aqui, os alunos preenchem os relatórios diários, sobre o arquivo.

A indisponibilidade de recursos materiais parece assimilada pela maioria dos professores entrevistados, mas esta indisponibilidade lhes é desagradável...a gente vai tocando como pode. Alguns confessam buscar, em projetos, as verbas necessárias para melhorar a qualidade de seu trabalho...mas os alunos não reconhecem...porém, percebe-se que a queixa se estende para além dos alunos.

Outro aspecto observado nas aulas práticas, é a supersolicitação dos alunos. Independente do número de alunos em sala, é sempre uma constante a supersolicitação. Somando a isto, o fato de ter seus alunos distribuídos entre duas enfermarias, ou pior ainda, entre dois andares do HUSM, causa ao professor, um certo desconforto, que é traduzido em falas como: preciso estar atento a tudo...incomoda-me não poder ver...não saber...o que o aluno está fazendo. Temos a responsabilidade sobre o aluno e sobre o paciente...isto é muito complicado.

A necessidade de atenção permanente é percebida por todos os professores entrevistados, mas isto não parece incomodar (a todos), mesmo que alguns confessem cansaço no final da aula, no final do dia ou no final da semana...uns sentem cansaço físico e outros, cansaço mental.

Concluindo, percebeu-se, no trabalho docente, cargas físicas e cargas psíquicas, de natureza variada, e que se inter-relacionam, produzindo padrões de

desconforto aos professores. A intensidade e a dimensão destas cargas, bem como as suas repercussões sobre a saúde dos professores, serão investigadas através de uma escala a ser construída com base nos dados registrados nesta fase de observação.

## **APÊNDICE 5**

### **Relatório de atividade 1**

## **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**

Relatório de atividade de campo – Parte I

Etapa de validação do check-list da fase de observação.

Nessa etapa, 11 professores, escolhidos aleatoriamente, responderam ao check-list entre os dias 18 e 20 de agosto de 2004, totalizando aproximadamente 1/3 dos professores que participaram da primeira etapa do estudo.

O check-list, produto da fase de observação, foi construído com base no que foi observado em sala de aula (aulas práticas e teóricas) e pontuado sobre os aspectos que mais se destacaram durante as atividades observadas. Considerando que ao final de cada aula foi feita uma entrevista, momento no qual o observador pode trocar impressões acerca do que observou e discutir com o professor aqueles aspectos observados, o check-list retrata os aspectos e as questões levantadas e apontadas como muito incidentes entre os 35 professores que participaram da primeira fase do estudo.

Ao todo, foram formuladas 64 sentenças, elaboradas de forma a serem identificadas pelos professores em três alternativas, designadas Impertinente; Pouco pertinente e Pertinente. Impertinente, são para os respondentes, aspectos que não dizem respeito ao estudo em questão; Pouco pertinentes, são aspectos que dizem respeito ao estudo, mas não são significativos e, Pertinentes, são aspectos que dizem respeito ao estudo (Apêndice 2).

O índice de pertinência das questões do estudo foi calculado usando uma adaptação dos índices de clareza e de validade Melo (1992), onde ele atribui valores de 0 a 10 para as respostas, dividindo os valores em três intervalos. O primeiro intervalo compreende valores de 0 a 4; o segundo, valores entre 5 e 7, e o terceiro, os valores compreendidos entre 8 e 10 pontos. Tomando como base a divisão dos intervalos, adaptamos os valores para o nosso estudo em três categorias de pontuação de resposta, a passamos a trabalhar com a média dos intervalos. Atribuímos, portanto, para a categoria Impertinente o valor 1, que corresponde ao primeiro intervalo.

Calculamos a média dos valores (de 1 a 4) e definimos o valor médio de 2.5 para a categoria Impertinente. O mesmo cálculo foi feito para as outras duas categorias que ficaram com valores médio de 6.0 e 9.0 respectivamente para as categorias Pouco Pertinente e Pertinente, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 Distribuição dos valores atribuídos, intervalos de valores e médias

<i>Categoria</i>	<i>Valor atribuído</i>	<i>Intervalo de valores (Melo, 1992)</i>	<i>Média</i>
Impertinente	1	0; 1; 2; 3; 4	2.5
Pouco pertinente	2	5; 6; 7	6.0
Pertinente	3	8; 9; 10	9.0

Após a aplicação do instrumento, os dados foram lançados e tratados, utilizando-se como recurso o Programa Excel 2000. Os resultados, obtidos com as respostas de professores dos cursos de: Enfermagem (E1 e E2); Farmácia (Fa1); Fisioterapia (Fi1 e Fi2); Fonoaudiologia (Fo1 e Fo2); Medicina (M1 e M2); e, Odontologia (O1 e O2), podem ser observados na Tabela 2

Tabela 2 Distribuição das respostas dos professores ao check-list

Itens	E1	E2	Fa1	Fi1	Fi2	Fo1	Fo2	M1	M2	O1	O2
01	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
02	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3
03	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3
04	3	1	2	3	2	3	3	2	3	3	3
05	3	1	3	3	2	1	3	3	3	1	1
06	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3
07	3	3	3	3	3	1	3	3	3	1	3
08	3	1	1	3	2	1	3	3	3	1	3
09	3	1	2	3	3	1	3	1	3	1	3
10	2	2	2	3	2	3	3	3	2	3	1
11	3	1	3	3	3	2	3	1	3	2	2
12	3	2	2	3	2	1	3	3	2	3	2
13	3	2	1	3	1	3	3	3	2	3	3
14	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3	3
15	2	2	3	3	1	3	3	3	2	3	3
16	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3
17	3	3	2	3	3	3	2	3	2	3	3
18	2	1	1	3	1	3	2	1	2	2	2
19	3	1	2	3	2	3	3	2	3	3	3
20	3	2	2	3	3	3	3	2	2	3	3
21	3	2	2	3	2	3	3	2	2	3	3
22	3	2	3	3	2	1	3	3	2	2	3
23	3	1	3	3	2	2	3	2	2	3	3
24	2	3	2	3	1	3	2	2	1	1	2
25	2	3	2	3	1	3	2	2	2	1	3
26	2	3	1	3	3	3	2	2	2	2	3
27	2	3	1	3	3	3	2	1	2	2	2
28	3	1	1	3	3	3	3	1	2	2	3
29	3	1	1	3	1	2	2	2	2	1	3
30	3	3	2	3	2	3	2	1	3	3	2
31	3	3	2	3	1	3	2	2	2	3	2
32	2	1	1	3	3	3	2	1	2	3	2
33	2	1	1	3	3	3	2	1	2	3	2
34	2	3	1	3	3	3	3	2	3	3	1
35	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
36	3	1	3	3	2	2	3	2	2	3	3
37	3	1	3	3	1	1	3	2	3	3	3
38	3	1	3	3	2	1	3	2	2	3	3
39	3	3	3	3	2	1	3	1	2	3	3
40	3	3	2	3	2	1	3	3	3	3	3
41	3	1	2	3	2	1	3	3	3	3	3
42	3	1	2	3	2	1	3	3	3	3	3
43	3	1	3	3	2	3	3	2	2	3	3
44	3	1	3	3	1	3	3	2	2	2	3
45	3	1	3	2	2	1	3	3	3	1	3
46	3	1	2	3	3	1	3	3	3	3	3
47	3	1	3	3	2	1	3	3	3	3	3
48	3	2	1	2	1	1	3	2	2	1	2
49	3	1	1	2	2	1	3	3	3	3	3
50	3	1	1	2	1	2	2	2	2	2	2
51	3	1	2	3	2	3	3	2	3	2	3
52	3	1	2	3	2	3	3	2	3	2	3
53	3	1	2	3	2	3	2	3	3	2	3
54	3	1	3	3	2	3	2	2	2	3	2
55	3	1	3	3	3	3	2	2	3	3	2
56	3	1	3	3	3	3	2	2	3	3	2
57	3	1	2	2	2	2	3	2	2	2	3
58	3	1	2	2	3	2	3	3	2	2	3
59	2	1	2	3	3	3	2	1	2	3	2
60	3	1	3	3	2	3	3	1	3	3	3
61	3	1	1	3	3	1	2	1	3	3	2
62	3	1	1	3	3	3	3	1	3	2	3
63	3	1	1	2	1	2	2	1	1	2	2
64	3	1	1	2	1	1	2	1	1	2	1

Com base na Tabela 2, observando os valores atribuídos e as respectivas médias definidas para as categorias, calculamos a média de cada uma das sentenças, para a averiguação da pertinência da questão do estudo. As médias estão expostas na Tabela 3.

Tabela 3 Distribuição das médias alcançadas nas questões do Check-list.

Q	1	2	3	4	5	6	7	8
M	9.0	8.7	8.7	7.7	6.9	8.4	7.8	6.3
Q	9	10	11	12	13	14	15	16
M	6.3	7.0	7.0	7.0	7.2	8.4	7.5	8.3
Q	17	18	19	20	21	22	23	24
M	8.1	4.7	7.0	8.8	7.6	7.3	7.3	5.8
Q	25	26	27	28	29	30	31	32
M	6.4	7.0	7.3	6.6	5.5	7.3	7.0	6.1
Q	33	34	35	36	37	38	39	40
M	6.1	7.3	9.0	7.3	6.9	7.0	7.3	7.8
Q	41	42	43	44	45	46	47	48
M	7.3	7.3	7.5	7.0	6.6	7.5	7.5	5.2
Q	49	50	51	52	53	54	55	56
M	6.6	5.3	7.3	7.3	7.3	7.0	7.5	7.5
Q	57	58	59	60	61	62	63	64
M	6.5	7.0	6.5	7.5	6.0	6.9	4.4	4.0

Com relação à Tabela acima, as sentenças apontadas como Impertinentes são passíveis de anulação e podem ser substituídas; as sentenças apontadas como Pouco Pertinentes são passíveis de ajustes e, as sentenças julgadas Pertinentes serão utilizadas na íntegra de sua formulação, na confecção da escala final de avaliação da carga de trabalho, o Q-CP. Entre as 64 sentenças, apenas 7 delas obtiveram média inferior a 6.0 e foram eliminadas; Outras duas sentenças obtiveram a média 9.0 e juntamente com as demais, que obtiveram média entre 6.1 e 8.9 foram aproveitadas para a confecção da escala final do estudo. Cabe salientar que quanto mais elevada a média, menor o ajuste feito na questão, devido o seu grau de pertinência com o assunto do estudo, apontado pelos professores que responderam ao check-list.

## **APÊNDICE 6**

### **Relatório de atividade 2**

## **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**

### Relatorio De Atividade De Campo Parte II

#### Etapa de distribuição dos formulários

A última etapa da pesquisa de campo consiste da aplicação dos instrumentos consolidados nas duas fases anteriores.

Da fase de observação, construímos um check-list com 64 ítems, que foi aplicado com 11 dos 35 professores que compuseram a amostra da fase de observação, cuja aplicação ocorreu entre os dias 18 e 20 de agosto de 2004.

Conforme proposto para o check-list, os aspectos pesquisados que obtivessem média superior a 6.0, dariam origem à escala de avaliação da carga psíquica do trabalho docente. Como somente 7 sentenças obtiveram média inferior à estipulada, as demais, após algumas adaptações, serviram de base para a estruturação do Questionário de Avaliação da Carga Psíquica (Q –CP).

Para facilitar o manuseio e o preenchimento, organizamos os instrumentos num único formulário (Apêndice 3) que foi distribuídos nos dias 4 e 5 de outubro de 2004, nas Secretarias dos Departamentos dos Prédios: 26, onde estão localizados os Cursos de Enfermagem, Farmácia (Farmácia Industrial e Análise Clínicas), Fisioterapia, Fonoaudiologia e Medicina; nos prédios 18, 19, 20, 21, onde estão localizados os Departamentos que oferecem e administram as disciplinas dos ciclos básicos dos cursos da área da saúde, no Campus-Camobi, e no Prédio da Antiga Reitoria, onde estão localizados os Departamentos do Curso de Odontologia.

Em cada um dos Departamentos, foi feito contato com o pessoal de secretaria, explicando a eles que se tratava de uma pesquisa científica, solicitando sua colaboração, no sentido de identificar os professores em atividade, para que se pudesse deixar o formulário no escaninho de cada um deles. A distribuição foi feita de acordo com o número de professores indicado pelo pessoal de secretaria.

Na mesma ocasião, foi deixado um envelope pardo para cada professor depositar o seu formulário devidamente preenchido e solicitado aos secretários que lembrassem aos professores que observassem a data de recolhimento, fixada no próprio formulário.

Passado o prazo de preenchimento, ao retornar aos Departamentos, foi solicitado, por parte do pessoal de secretaria, um prazo maior, tendo em vista os feriados e os compromissos acadêmicos dos professores, que gostariam de participar do estudo, mas não haviam devolvido, ainda, os formulários. Atendendo às solicitações, o prazo foi estendido para o dia 10 de novembro, quando voltou-se aos Departamentos para o recolhimento dos formulários.

Ao todo, foram recolhidos 94 formulários, porém, 8 deles foram desprezados por não preencherem os pré-requisitos estabelecidos. Desta forma, o estudo conta com 86 professores (efetivos e substitutos) participando da amostra.

De posse dos instrumentos, os dados foram sistematizados e analisados, passando por tratamento estatístico, para a posterior discussão e elaboração dos resultados.

## **APÊNDICE 7**

**Artigo aprovado na íntegra para o número 14 da Revista Plural, uma publicação da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC**

## **Condições e cargas de trabalho da atividade docente**

Jadir Camargo Lemos, Fisioterapeuta, Mestre em Psicologia, Doutorando em Engenharia de Produção-UFSC

As condições de saúde dos trabalhadores brasileiros dependem das condições em que eles realizam seu trabalho. Os trabalhadores atribuem dimensões às cargas, conforme as condições (físicas e psicossociais) estabelecidas pela organização do trabalho e, se as condições são adversas aos trabalhadores, crescem os riscos de adoecimento no trabalho. O presente artigo tem por objetivo discutir as cargas de trabalho da atividade docente e suas influências nos processos de adoecimento de professores. Para atingir o objetivo proposto abordar-se-á as condições e as cargas de trabalho do professor, com base em autores nacionais que se dedicam à pesquisa sobre o trabalho e a saúde dos professores.

### **O trabalho docente**

O trabalho humano possui um duplo caráter: por um lado, é fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos sujeitos; por outro lado, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde (Seligann-Silva, 1987).

O trabalho assume, ao longo da história da humanidade, diferentes significados que vão desde o pagamento de penas até meio de ascensão social. Hoje, o trabalho representa parte significativa no cotidiano do homem moderno, assumindo outros significados, constituindo-se num dos principais modos de produção social.

Como parte importante e significativa da vida humana, seus aspectos repercutem sobre as condições de saúde da classe trabalhadora. Nesse sentido, muitas categorias profissionais têm sido alvo de estudos para diversos pesquisadores de distintas áreas de pesquisa. Entre as categorias profissionais estudadas, encontram-se os professores, que desde a década de 80 vêm, de forma mais acentuada, apresentando sinais de adoecimento. A relação estabelecida entre o processo de trabalho e o processo de adoecimento da categoria docente, ainda pouco explorada, serve-nos de incentivo para a

construção do presente estudo, que tratará das condições de trabalho dos professores do ensino superior.

A docência é uma das mais antigas profissões. A figura do professor é anterior à universidade. Mas ao longo dos séculos, ela vai (ou vem) se modificando em busca do acompanhamento da evolução cultural e tecnológica. Tais modificações impõem à Educação diversas mudanças que obrigam os professores de todas as partes do mundo a se adaptarem a esse processo evolutivo, sendo que, na maioria das vezes, não lhes são possibilitadas as mínimas condições necessárias para a execução do seu exercício profissional (ESTEVE, 1999).

No cenário nacional, observa-se que desde a reforma da educação de 1972 – daí já se passaram mais de trinta anos, o sistema educacional tem enfrentado crises e desencontros, em todos os seus níveis. Basta olhar para trás e ver que, a partir da década de 80, a Universidade Brasileira se arrasta em longas e repetidas greves, com os seus professores reivindicando respeito aos seus contratos e condições dignas de trabalho.

O professor é contratado para realizar tarefas prescritas como ministrar aulas (e conteúdos), orientar pesquisas e leituras e acompanhar o desenvolvimento dos alunos, na perspectiva de avaliá-los no momento oportuno. É dele a competência de atestar ou não o aproveitamento do aluno durante o período letivo e se ele está apto a seguir em frente e assimilar novos conteúdos. Na verdade, essa competência envolve crítica, auto-crítica e responsabilidade por parte do professor.

Dotado de vasto conhecimento proveniente de sua formação, muitas vezes especial e específica, o professor é responsável pela educação de duas, três ou até quatro turmas de quarenta alunos (número médio de alunos por turma), com duas ou mais disciplinas diferentes para ministrar durante o ano letivo. Isto requer dele um esforço extra para dar conta de atualizar conteúdos e instrumentalizar-se em novas tecnologias didático-pedagógicas, além de preparar e corrigir provas e trabalhos. Entende-se, assim, que a jornada de trabalho do professor extrapola em horas semanais a jornada prevista em seu contrato de trabalho.

As demais tarefas, consideradas atividades burocráticas como, por exemplo, o preenchimento dos diários de classe e/ou o registro da frequência dos alunos, são atividades rotineiras e, portanto, desinteressantes, na maioria dos

casos executadas no domicílio do professor. Como se vê, o trabalho docente é composto de várias atividades e ele não pode ser decomposto e dividido entre vários professores, como é possível dividir o trabalho em uma linha de montagem. Este é um trabalho que é iniciado e terminado pelo mesmo trabalhador.

### **As cargas de trabalho na atividade docente**

Na compreensão de Wisner (1994) todas as atividades, inclusive o trabalho, têm pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Ao aspecto físico, corresponde o esforço físico necessário à execução da tarefa; ao cognitivo, os processos de tomada de decisão (como aspecto principal, mas não como único); e, ao psíquico, ao conflito produzido pelos contrangimentos gerados na organização técnica e social do trabalho. Embora a atividade docente seja considerada, numa divisão social do trabalho, como trabalho intelectual, ela é composta das cargas existentes em outros tipos de atividades semelhantes ou não a ela.

As cargas de trabalho representam, segundo Seligmann-Silva (1994), um conjunto de esforços desenvolvidos para atender as exigências das tarefas, abrangendo os esforços físicos, cognitivos e psicoafetivos (emocionais). Para Greco, Oliveira e Gomes (1996) as cargas de trabalho são definidas como as exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho que geram, ao longo do tempo, as particularidades do desgaste do trabalhador. Esse desgaste, segundo Laurell e Noriega (1989), é traduzido como a perda da capacidade potencial afetiva, corporal e psíquica.

Do ponto de vista da Ergonomia, a carga de trabalho representa o esforço físico necessário para a realização da atividade laboral, e pode ser medida pelo gasto calórico/energético, pela frequência cardíaca ou por eletromiografia (GRANDJEAN, 1998; COUTO, 1995). Para a psicologia do trabalho, as cargas de trabalho são mediações entre o processo de trabalho e o desgaste psicobiológico (LEPLAT e CUNY, 1983; GRECO, OLIVEIRA e GOMES, 1996).

Uma síntese das definições de cargas de trabalho entre os principais autores da psicologia do trabalho, da ergonomia e da área da saúde do

trabalhador pode ser contemplada na Tabela 1, de forma a explicitar as particularidades do uso do termo.

Tabela 1- Conceitos de cargas de trabalho, segundo seus respectivos autores

CONCEITO	AUTOR(S)
“A noção de carga de trabalho será, pois, sempre relativa à interação entre um sujeito e as exigências de determinado meio.”	Leplat e Cuny, 1983, p. 180
“O conceito de carga de trabalho possibilita uma análise do processo de trabalho que extrai e sintetiza os elementos que determinam de modo importante o nexa biopsíquico da coletividade operária e confere a esta um modo histórico específico de ‘andar a vida’.”	Laurell e Noriega, 1989, p. 110
“Toda a atividade, inclusive o trabalho, têm pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Cada um deles pode determinar uma sobrecarga. Eles estão inter-relacionados e são bastante freqüentes, embora isso não seja necessário, que uma forte sobrecarga de um dos aspectos seja acompanhada de uma carga bastante alta nos dois outros domínios.”	Wisner, 1994, p. 13
“Carga de trabalho representa o conjunto de esforços desenvolvidos para atender às exigências das tarefas. Esse conceito abrange os esforços físicos, os cognitivos e os psicoafetivos (emocionais).”	Seligmann-Silva, 1994, p. 58
“As cargas de trabalho são definidas como exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho, gerando ao longo do tempo as particularidades do desgaste do trabalhador	Greco, Oliveira e Gomes, 1996 p. 61
“A partir de Laville, Kalsbeek e Leplat, pode-se afirmar que carga de trabalho é a relação entre constrangimentos impostos pela tarefa, pela interface, pelos instrumentos e pelo ambiente (carga funcional), em conjugação com as atividades desempenhadas e a capacidade de trabalho do operador.”	Moura, 1998, p. 80
“Da relação entre os elementos de um sistema de trabalho, decorre que, durante a execução da tarefa, a pessoa está sujeita a diversas influências malélicas e/ou benéficas, cujas causas estão na tarefa de trabalho e no ambiente de trabalho. Estas influências malélicas recebem o nome de cargas”.	Sell, 2002, p. 64

De um modo geral, o conjunto dos autores referenciados na Tabela 1 tendem a associar o termo carga de trabalho a experiência pessoal de sentir e perceber, de forma desgastante, incômoda ou desagradável o esforço necessário para responder às exigências das tarefas de trabalho. Há, também, entre os autores, o consenso metodológico de classificar as cargas de trabalho entre

*físicas e psíquicas*, dado que são as resultantes da relação entre as condutas de trabalho e as exigências das tarefas ou do meio.

Dessa maneira, pode-se inferir que as cargas de trabalho representam um modo especial de vivenciar o trabalho e não podem ser confundidas com o objeto de trabalho em si (o grau de exigência de uma tarefa, a qualidade do objeto) ou com esforço físico (a idéia de transportar peso, por exemplo). Ela é, na verdade, a expressão da vivência do trabalhador em relação às condições contextuais do seu trabalho como atividade. Portanto, tendo como certa a existência de cargas em todos os tipos de trabalho, sua dimensão é dada pelo próprio trabalhador.

As cargas de trabalho, vistas desta forma, podem ser agrupadas, segundo sua natureza ou característica básica em cargas que têm materialidade externa e que se modificam na interação com o corpo, assumindo outra dimensão, caracterizando os efeitos psicogênicos das cargas como as físicas, químicas, biológicas e mecânicas, e aquelas que adquirem materialidade no próprio corpo humano e se expressam internamente por meio dele, como as fisiológicas e psíquicas (LAURELL e NORIEGA, 1989; FACCHINI, 1994; GRECO, OLIVEIRA e GOMES, 1996).

Portanto, considerando que são as condições de trabalho que determinam e intensificam as cargas podemos, didaticamente, subdividi-las em:

- Cargas físicas - consideram-se os elementos que podem estar presentes tanto no ambiente de trabalho como fora dele, mas que “são derivadas principalmente das exigências técnicas para a transformação do objeto de trabalho e caracterizam um determinado ambiente de trabalho, que interage cotidianamente com o trabalhador” como, por exemplo: temperatura, umidade, ventilação, ruído, vibrações e iluminação. A forma com que o trabalhador percebe e se relaciona com as exigências do trabalho e o desconforto que eles provocam durante a execução de suas tarefas (por exemplo o excesso de ruído do ambiente exigindo um maior grau de concentração) intensificam a carga, produzindo um efeito psicogênico que exige do trabalhador modos de regulação (condutas elaboradas para evitar ou controlar os constrangimentos) no trabalho.

- Cargas químicas - são decorrentes, principalmente do objeto de trabalho e dos meios e instrumentos necessários para sua transformação, e podem ser: poeiras, fibras, fumaças, gases, líquidos e radiações. A percepção do risco de intoxicação tende a aumentar a probabilidade de gerar insegurança e/ou medo

entre os trabalhadores, sentimentos que, geralmente, traduzem sobrecarga de trabalho frente a dificuldade de regulação da carga.

- Cargas biológicas ou orgânicas - estão relacionadas às condições de higiene ambiental do próprio ambiente de trabalho e podem ser causadas por qualquer organismo animal ou vegetal, que gere no trabalhador algum tipo de dano (FACCHINI, 1994). O risco de contaminação por microrganismos a que ficam expostos os trabalhadores, gera neles, os mesmos sentimentos relacionados às cargas químicas, exigindo deles, da mesma forma, um mecanismo de regulação que lhes permita permanecer no trabalho, mesmo considerando os riscos adicionais existentes.

- Cargas mecânicas - são derivadas da tecnologia empregada bem como das condições de instalação e manutenção do processo de produção. Assim, por exemplo, os acidentes de trabalho são expressão das cargas mecânicas presentes no processo de trabalho. Os sistemas automatizados, as esteiras de produção e as prensas hidráulicas, exemplos de mecanismos utilizados nos meios produtivos, ao oferecerem perigo no seu manuseio, exigem atenção permanente, alterando a dimensão da carga, produzindo efeitos psicogênicos.

- Cargas fisiológicas - estão relacionadas com a utilização do corpo no trabalho, seja pela necessidade de manutenção de uma determinada posição ou da realização de esforços físicos (Laurell e Noriega, 1989). A alternância de turno é um dos principais exemplos de carga fisiológica. A necessidade de adaptar o organismo a um novo ritmo biológico em curtos espaços de tempo (a cada 10 dias, por exemplo) torna-se desconfortável para o trabalhador. Os novos horários de alimentação e de sono repercutem em sua vida pessoal e profissional. A dificuldade de recuperar as energias (físicas e psíquicas) acaba prejudicando o desempenho do trabalhador.

- Cargas psíquicas - dizem respeito, genericamente, à vivência de tensões ou descompensações psicológicas relativas à organização do trabalho.

Encontramos, na literatura especializada, diferentes conceitos de carga psíquica do trabalho, sintetizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Conceitos de cargas psíquicas do trabalho, segundo seus respectivos autores

CONCEITO	AUTOR (S)
“As cargas psíquicas são derivadas principalmente dos elementos do processo de trabalho que são fonte de estresse, elas se relacionam com todos os elementos do processo de trabalho e, portanto, com as demais cargas de trabalho. No entanto, em termos mais específicos, a principal fonte de estresse nos processos de trabalho moderno pode ser localizada na organização e divisão do trabalho.”	Facchini, 1994 p. 181
“São as cargas relativas à organização da jornada de trabalho, à periculosidade do trabalho, à frequência de situações de emergência, ao grau de responsabilidade na resolução dessas situações, aos ritmos de trabalho, à pressão do tempo, ao grau de atenção e de mobilidade dentro do local de trabalho, à possibilidade de falar com os companheiros de trabalho, de tomar iniciativas e decisões a respeito de como realizar o trabalho em grupo, ao conteúdo da supervisão, ao grau de monotonia e a repetitividade das tarefas, ou à possibilidade de realizar atividades de defesa coletiva na área de trabalho.”	Greco, Oliveira e Gomes, 1996 p. 62
“As cargas psíquicas, finalmente, têm o mesmo caráter que as fisiológicas à medida que adquirem materialidade através da corporeidade humana (...) e podem provisoriamente ser agrupadas em dois grandes grupos: um, que abrange tudo aquilo que provoca uma sobrecarga psíquica, ou seja, situações de tensão prolongada, e outro, que se refere à subcarga psíquica, ou seja, a impossibilidade de desenvolver e fazer uso da capacidade psíquica. Exemplos das primeiras, características do processo de trabalho capitalista, podem ser a atenção permanente, a supervisão com pressão, a consciência da periculosidade do trabalho, os altos ritmos de trabalho, etc. Pertencem ao segundo grupo de questões a perda do controle sobre o trabalho ao estar o trabalhador subordinado ao movimento da máquina; a desqualificação do trabalho, resultado da separação entre sua concepção e execução; a parcialização do trabalho, que redundava em monotonia e repetitividade etc.”	Laurell e Noriega, 1989, p. 112
“A carga psíquica do trabalho é a carga, isto é, o eco ao nível do trabalhador da pressão que constitui a organização do trabalho.” “A carga psíquica do trabalho resulta da confrontação do desejo do trabalhador à injunção do empregador contida na organização do trabalho”.	Dejours, 1994 p. 28
“A carga psíquica pode ser definida em termos de níveis de conflitos no interior da representação consciente ou inconsciente das relações entre a pessoa(ego) e a situação (no caso a organização do trabalho). Mas ela é também o nível em que o sofrimento e a fadiga física, a falta de sono provocada pela distribuição dos períodos de 24 horas, a sobrecarga de trabalho cognitivo podem determinar distúrbios afetivos.”	Wisner, 1994, p. 13
“Refere-se a cargas (aquelas) relacionadas ao fator afetivo ou a significação do trabalho para quem trabalha”	Correa, 2003, p. 17

Dos conceitos elaborados na Tabela 2, apreende-se que a carga psíquica é produzida ou suscetibilizada na organização do trabalho. Elas são relacionadas com as demais cargas, porém, derivam de situações estressoras do processo de

trabalho. Os conceitos de carga psíquica sugerem que as exigências oriundas dos processos de trabalho podem estar aquém (subcarga) ou além (sobrecarga) das capacidades (físicas e psíquicas) dos trabalhadores para respondê-las, sendo ela intensificada pela forma com que cada trabalhador vivencia no seu próprio trabalho.

Para Dejours (1994) as cargas de trabalho dividem-se em cargas físicas e mentais. Na carga mental há uma mistura de fenômenos de ordem neurofisiológica e psicossociológica. Porém, o autor reserva para a carga psíquica os fenômenos de ordem psicossociológica, quer seja, os elementos afetivos e relacionais das situações de trabalho. Considera, também, que a carga psíquica pode ser positiva ou negativa. Positiva se o trabalho permite sua diminuição, ou seja, que haja uma via de descarga da energia psíquica aberta. Este é o caso do trabalho livremente organizado, onde o trabalhador sente-se satisfeito durante e no final da execução de uma dada tarefa; A carga é considerada negativa se o trabalho não permite a descarga da energia psíquica que se acumula, traduzindo efeitos negativos (astenia e fadiga). Concluindo, a carga psíquica positiva, segundo o autor, está diretamente relacionada ao trabalho equilibrante e a carga negativa, ao trabalho fatigante.

Laurell e Noriega (1989, p. 12) ao subdividir a carga psíquica em subcarga e sobrecarga, insinuam que o trabalho, se organizado de forma a permitir a descarga da energia psíquica, torna-se equilibrante, pois quando o trabalhador não pode fazer uso de sua criatividade e está subordinado ao ritmo da engrenagem produtiva, o trabalho torna-se fatigante: "Não é *per se* que o trabalho faz mal ao trabalhador, mas o modo como ele se realiza" (SORATTO e PINTO, 1999, p. 282).

Fatores intrínsecos ao processo de trabalho são, na realidade, estressores oriundos da organização do trabalho. A pressão do tempo e por metas de produtividade, os conflitos nas relações hierárquicas, os atos repetitivos, a ausência de poder de decisão, a impossibilidade de contato com colegas durante a jornada de trabalho, entre outros, geram insatisfação ao trabalhador. E o fato de o trabalhador estar sujeito à supervisão com pressão ou situações de tensão prolongada (sobrecarga psíquica) ou quando ele não tem controle sobre o seu trabalho (subcarga psíquica) o faz referir sofrimento em relação ao seu trabalho.

A forma que o trabalhador expressa a presença/existência de carga psíquica do trabalho consiste na persistência de queixas de fatores psicogênicos das demais cargas de trabalho, como os já citados anteriormente.

Ao considerar os estudos já publicados, permanece a preocupação com a saúde (física e mental) dos profissionais da educação, especialmente dos professores, por ser detectada uma carência em estudos sobre as condições de trabalho e de saúde dos docentes do ensino superior, tendo em vista as mudanças no mundo do trabalho, que se refletem na educação/formação da sociedade brasileira.

Lembrando que todo o trabalho tem suas cargas, o trabalho docente também as tem. Conclui-se, portanto, ser necessário caracterizá-las e observar como os professores as percebem e as intensificam. É a partir deste entendimento que se tornará mais próxima a compreensão do processo de adoecimento desta categoria que tem levado a situações assustadoras de estresse e burnout.